

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa
Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia–IGPA
Mestrado Profissional em Gestão do Patrimônio Cultural

ROSÂNGELA DOS REIS PROTÁSIO



CENTRO LIVRE DE ARTES: referência cultural goianiense

Dissertação apresentada à Coordenação do Curso de Mestrado Profissional da Universidade Católica de Goiás como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Gestão do Patrimônio Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Marlene Castro Ossami de Moura

Goiânia
2009

ROSÂNGELA DOS REIS PROTÁSIO

CENTRO LIVRE DE ARTES: referência cultural goianiense

Dissertação apresentada à Coordenação do Curso de Mestrado Profissional da Universidade Católica de Goiás como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Gestão do Patrimônio Cultural.

Goiânia, 24 de junho de 2009

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marlene Castro Ossami de Moura – UCG

Orientadora

Profa. Dra. Heliane Prudente Nunes – UCG

Membro efetivo

Prof. Dr. Luiz Eduardo Jorge – UCG

Membro efetivo

Profa. Dra. Sibeli Aparecida Viana – UCG

Membro suplente

Dedico este trabalho ao meu pai, Olavo da Cruz dos Reis (in memoriam), que mesmo não estando mais presente, outrora cravou os alicerces que permitem hoje a concretização desta pesquisa e que, com certeza, se sentiria muito feliz em ver esta realização em minha vida, e à minha mãe, Dileta Paixão dos Reis, que muito me apoiou e incentivou a fazer este mestrado, mesmo à custa de muita renúncia a nosso convívio.

Também gostaria de dedicar este trabalho a todos os gestores, aos corpos docente e discente e aos servidores administrativos do Centro Livre de Artes, pois todos são especiais na existência desta instituição.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que é o alicerce do meu existir e de todas as minhas realizações.

À orientadora desta dissertação, Profa. Dra. Marlene Castro Ossami de Moura, que propiciou a existência deste trabalho, disponibilizando seus conhecimentos com muita paciência, dedicação e competência.

À coordenação e aos professores do Curso do Mestrado, pelas contribuições teóricas que enriquecem esta pesquisa.

Ao meu esposo, Júlio César Protásio, que participou intensamente e contribuiu nos levantamentos dos dados desta pesquisa com filmagens e registros em fotos.

Aos meus filhos, Júlio César Reis Protásio e Paulo Vinícius Reis Protásio, que vivenciaram os meus anseios para a realização deste trabalho.

À diretora atual do Centro Livre de Artes, Débora Pereira de Moraes Carneiro Marra, que não mediu esforços para a concretização desta pesquisa.

À orientadora pedagógica Leda Said Franco Valadão, que esteve comigo em todo o percurso do mestrado, me auxiliando tanto na aquisição dos documentos históricos acerca da instituição quanto com sua vivência intelectual e pedagógica.

Às pioneiras da Escola de Música José Ricardo de Castro, Ilda Naves de Almeida Nunes e Joana Mendes da Silva Siqueira, que muito cooperaram para a construção histórica da instituição.

Às ex-diretoras do Centro Livre de Artes, Elizabeth Abreu Caldeira de Brito, Eliete Aparecida de Almeida, Leília de Moraes e Adriana Andraus, que generosamente colaboraram com seus relatos históricos.

Às professoras pioneiras da instituição, Cirene Lopes Botelho, Cleonice Abreu Fialho, Dilma de Oliveira e Silva, Fernanda Vasconcelos Furtado, Goiana Vieira da Anunciação, Márcia Maria Sales da Silva, Marli Gonçalves de Assis, Telca Maria Teixeira Baiocchi Carim e Teresinha Lydice Cardoso, que tanto se empenharam nos levantamentos históricos para a consecução deste trabalho.

Às professoras Francis Marques Otto de Camargo e Carmem Fialho, que contribuíram durante a coleta de documentação e com seus relatos sobre o trabalho realizado com os alunos com necessidades educacionais especiais.

Ao professor de artes plásticas, José Carlos Batista Nogueira, que sempre apoiou o desenvolvimento desta pesquisa com conhecimentos bibliográficos e a demonstração do seu fazer artístico na instituição.

Às professoras Maria Regina Nunes de Almeida e Silva e Ana Paula Siqueira e Silva, que propiciaram o encontro com as professoras Ilda Naves de Almeida Nunes e Joana Mendes da Silva Siqueira, pioneiras da Escola de Música José Ricardo de Castro.

À professora Zenar Mundim, que gentilmente ofereceu relatos e registros fotográficos para auxiliar na construção histórica do Centro Livre de Artes.

À professora e psicóloga Sônia Maria Camargo de Souza por sua contribuição no resgate da memória histórica do Centro Livre de Artes.

A todos os coordenadores e professores de música, artes plásticas, artes cênicas, oficinas e funcionários administrativos do Centro Livre de Artes, que contribuíram com seus relatos e entrevistas, sempre me apoiando e se envolvendo para a concretização deste estudo.

A todos os alunos, ex-alunos (crianças, adolescentes e adultos) e pais de alunos do Centro Livre de Artes que participaram deste estudo.

Às minhas colegas de trabalho Cleonice Abreu Fialho, Edsonina Josefa Carvalho e Elene Mendonça Motta Tipple, pelo incentivo em fazer o mestrado.

A Suzana Oellers, que concretizou a revisão e a formatação desta dissertação.

A Marciley Ferreira de Aguiar, por sua contribuição no processo formal dos trabalhos acadêmicos do mestrado.

Ao Leonardo Pereira Gomes e à sua esposa, Angela Barbosa da Silva, que com muita dedicação e paciência efetuaram filmagens de relatos e registros fotográficos.

À bibliotecária, Rosilda Caseli G. da Silva Pavão, por seu apoio na busca do material bibliográfico para a consecução desta pesquisa.

A Eliana Cabral Tertuliano, por sua contribuição na coleta dos dados atualizados acerca da instituição.

A Regina Maria Borges, por seu auxílio na área de informática.

A Ana Lídia Rodrigues Dias, por sua dedicação na produção do roteiro e edição do filme histórico sobre a instituição.

A todos que, direta ou indiretamente, me ajudaram a realizar e a concluir esta pesquisa.

Na espécie humana, a educação não continua apenas o trabalho da vida. Ela se instala dentro de um domínio propriamente humano de trocas: de símbolos, de intenções, de padrões de cultura e de relações de poder. Mas, a seu modo, ela continua no homem o trabalho da natureza de fazê-lo evoluir, de torná-lo humano (BRANDÃO, 2006, p. 14).

Como uma sociedade, qualquer que seja, poderia existir, subsistir, tomar conhecimento de si mesma, se ela não considerasse um conjunto de acontecimentos do presente e do passado, se ela não pudesse reconstruir o curso do tempo e recuperar incessantemente os traços que deixou de si mesma? (HALBWACHS apud SANTOS, 1998).

RESUMO

Fruto de uma reflexão sobre o significado do Centro Livre de Artes na formação cultural goianiense, buscou-se neste trabalho investigar a atuação da instituição desde a sua origem até os dias atuais. Para alcançar tal conhecimento, apresenta-se o momento sociocultural em que a instituição se originou e resgata-se a memória histórica da Escola de Música José Ricardo de Castro, atualmente Centro Livre de Artes, com todo o percurso de seu crescimento físico e desenvolvimento artístico. No momento atual, descreve-se como o Centro Livre de Artes é visto pelos seus usuários enfocando o ensino–aprendizagem e o grau de satisfação alcançado por aqueles que dele usufruem. Por fim, apresentam-se os resultados obtidos nesta pesquisa, oferecendo subsídios que favorecem a ampliação artística da instituição, assim como ações que possam contribuir para o aumento de sua atuação e visibilidade.

Palavras- chave: Formação cultural. Memória histórica. Ensino–aprendizagem.

ABSTRACT

CENTRO LIVRE DE ARTES OF GOIÂNIA: cultural reference

This study brings a reflection on the significance of Centro Livre de Artes for the cultural formation of the people who live in Goiânia, aiming to investigate the trajectory of this institution from its origin until the present time. In order to achieve this goal, we present the social-cultural moment in which this institution was founded and rescue the historical memory of the former Escola de Música José Ricardo de Castro, currently named Centro Livre de Artes, showing its physical growth and artistic development. We also describe how Centro Livre de Artes is seen nowadays by its users focusing on the teaching–learning relationship and on the level of its users’ satisfaction. Finally, we present the results obtained during this research and give some suggestions of actions that might favor the artistic development of the institution, as well as measures that might contribute to broaden its sphere of action and visibility.

Key words: Cultural formation. Historical memory. Teaching–learning.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Questão 1. Que curso ou oficina você faz no Centro Livre de Artes?	78
Tabela 2	Questão 2. Como você conheceu o Centro Livre de Artes?	79
Tabela 3	Questão 3. Por que você escolheu o Centro Livre de Artes?	79
Tabela 4	Questão 4. Como você considera o Centro Livre de Artes?	80
Tabela 5	Questão 5. Por que você escolheu este curso ou oficina no Centro Livre de Artes?	81
Tabela 6	Questão 6. O Centro Livre de Artes está atendendo as suas expectativas? Justifique a sua resposta.	76
Tabela 7	Questão 7. O Centro Livre de Artes tem explorado as potencialidades do Bosque dos Buritis em suas atividades artísticas?	84
Tabela 8	Questão 8. O Centro Livre de Artes tem contribuído no sentido de orientar, preservar e manter as condições naturais do Bosque dos Buritis?	86
Tabela 9	Questão 9. Você conhece o Museu de Arte de Goiânia?	87
Tabela 10	Questão 10. Você gostaria de ter atividades integradas ao Museu de Arte de Goiânia?	87
Tabela 11	Questão 11. O Centro Livre de Artes tem ressonância fora de Goiânia? Justifique a sua resposta.	88
Tabela 12	Questão 12. Você gostaria de fazer outro curso no Centro Livre de Artes? ..	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	O que é o Centro Livre de Artes para você?	90
Quadro 2	Como você considera o ensino–aprendizagem e a vivência artística no Centro Livre de Artes?	91
Quadro 3	Qual a contribuição do Centro Livre de Artes na formação cultural da população goianiense?	92
Quadro 4	Além de desenvolvimento cultural o que mais o Centro Livre de Artes proporciona à população goianiense?	93
Quadro 5	Pode-se falar que o Centro Livre de Artes é uma referência em Goiânia como um bem cultural?	94
Quadro 6	Como você define o Centro Livre de Artes? Qual sua função?	95
Quadro 7	O Centro Livre de Artes tem desempenhado o papel para o qual foi criado?	96
Quadro 8	O que você propõe para o Centro Livre de Artes de modo que ele possa promover maior desenvolvimento cultural da população goianiense?	97
Quadro 9	Como você vê a localização das instalações do Centro Livre de Artes no complexo ambiental e arquitetônico do Bosque dos Buritis?	97

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Professor Osmar Siqueira, fundador da Escola de Música do Município de Goiânia.	31
Figura 2	Ex-localização da Escola São Domingos.	32
Figura 3	Palácio Municipal da Cultura, ex-localização da Escola Municipal de Música José Ricardo de Castro.	33
Figura 4	Museu de Arte de Goiânia em seus primórdios.	36
Figura 5	Funcionários da Escola de Música e do Museu de Arte de Goiânia em seus primórdios.	36
Figura 6	Aluna participante do evento Jovens Talentos Musicais de Goiânia.	41
Figura 7	José Mendonça Teles e professores do Centro Livre de Artes em sua gestão.	42
Figura 8	Coral Raio de Sol em apresentação no Bosque dos Buritis.	46
Figura 9	Francis Marques Otto de Camargo Santana: relato de experiência.	47
Figura 10	Alunos da Oficina Integral Especial com representantes do grupo Melwood, visitando uma estufa para o cultivo de plantas em Upper Marlboro, Maryland, Estados Unidos.	49
Figura 11	Grupo Chor'arte em apresentação.	51
Figura 12	Grupo pedagógico apoiando o Fest'arte.	56
Figura 13	Quinteto Harmonizza em apresentação.	57
Figura 14	Centro Livre de Artes em reforma.	58
Figura 15	Centro Livre de Artes atualmente.	64
Figura 16	Alunos do curso de música praticando violão.	66
Figura 17	Alunas do curso de artes plásticas em ação.	68
Figura 18	Alunas do curso de artes cênicas em atuação.	71
Figura 19	Alunos do curso de oficina integrada em atividade.	73
Figura 20	Grupo Goyá em apresentação pública.	74

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I – CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS: MEMÓRIA, CULTURA, ARTE E PATRIMÔNIO	17
CAPÍTULO II – CENTRO LIVRE DE ARTES: GÊNESE E ATUALIDADE (1975 a 2009)	24
2.1 Goiânia e seu desenvolvimento artístico	25
2.2 A fundação e o crescimento do Centro Livre de Artes	30
2.3 Centro Livre de Artes: realidade atual	64
2.3.1 Música	66
2.3.2 Artes plásticas	68
2.3.3 Artes cênicas	70
2.3.4 Oficina integrada	72
2.3.5 Projetos atuais	73
CAPÍTULO III – O CENTRO LIVRE DE ARTES ATRAVÉS DO OLHAR DE SEUS USUÁRIOS	77
3.1 Categoria: alunos atuais (adolescentes e adultos)	78
3.2 Categoria: professores e coordenadores	90
3.3 Categoria: diretora atual, ex-diretoras e pioneira	95
CONCLUSÃO	99
REFERÊNCIAS	104
APÊNDICES	109
APÊNDICE 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação na pesquisa	110
APÊNDICE 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para permissão de participação de crianças e adolescentes na pesquisa	112

APÊNDICE 3 – Entrevistas e relatos de duas pioneiras da criação da Escola de Música do Município José Ricardo de Castro	114
APÊNDICE 4 – Questionário aplicado a alunos atuais na categoria adolescentes e adultos	118
APÊNDICE 5 – Entrevista aplicada a professores e coordenadores atuais	121
APÊNDICE 6 – Entrevista aplicada à diretora atual e ex-diretoras	122
APÊNDICE 7 – Diretores do Centro Livre de Artes no período entre 1975 e 2009	123
APÊNDICE 8 – Prefeitos de Goiânia no período entre 1975 e 2009	124

INTRODUÇÃO

A formação integral do ser humano é o objetivo principal da educação, com o intuito de muni-lo de conhecimentos que o integrem consigo mesmo, com os outros e com mundo. As ações pelas quais o homem se conhece, se expressa e se realiza constituem sua cultura. Dessa forma, apresenta-se neste trabalho o Centro Livre de Artes como um agente cultural, por ser uma instituição que vem proporcionando à comunidade goianiense conhecimento em diferentes áreas do domínio artístico-cultural.

O Centro Livre de Artes é uma instituição pertencente à Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia, fundada em 4 de setembro de 1975 com o objetivo de atender às necessidades musicais das classes menos favorecidas economicamente. Hoje, localiza-se na Rua 1, nº 605, no Setor Oeste, em Goiânia. Suas atividades abrangem diversas modalidades artísticas, como música, artes plásticas, artes cênicas e oficinas.

Este trabalho teve como objetivo central investigar a atuação e o significado do Centro Livre de Artes por intermédio do relato e da opinião das pessoas que se relacionam com ele de forma direta e indireta. Para tanto, buscou-se contextualizar o momento sociocultural em que a instituição se originou, bem como acompanhar o percurso de todo o seu crescimento físico e desenvolvimento artístico. Assim sendo, procurou-se descrever a trajetória dessa escola, apresentando os fatos pertinentes à sua construção histórica e ao seu aperfeiçoamento como agente disseminador de conhecimentos artístico-culturais.

Nesse contexto, apresentam-se neste trabalho definições sobre cultura e arte, assim como os entendimentos sobre memória e patrimônio, tão necessários à reconstrução histórica do Centro Livre de Artes. A arte tem papel importante na formação cultural do ser humano, uma vez que desenvolve habilidades intelectuais, biológicas, perceptivas e emocionais presentes em nosso viver. Durante esta pesquisa procurou-se conhecer o ensino das artes oferecido pelo Centro Livre de Artes à população goianiense, desde a sua criação até os dias atuais.

Com esta pesquisa, buscou-se adquirir conhecimentos mais amplos acerca da instituição, considerando-se as diferentes camadas sociais que utilizam as diversas modalidades artísticas ali oferecidas, bem como aferir o grau de satisfação das pessoas que

usufruem de seus cursos, enfocando aspectos culturais, intelectuais, materiais e neuropsicológicos.

Para a consecução deste trabalho, foram empregadas extensas investigações em inúmeras fontes, entre as quais se destacam registros históricos existentes nos arquivos da própria instituição, como atas, relatórios de atividades e folders, considerados não-catalogados¹, pesquisas em periódicos, livros e trabalhos acadêmicos, além da execução do trabalho de campo na própria instituição e do resgate da memória, na forma de relatos orais, de pessoas que vivenciaram e/ou ainda vivenciam o ensino das diversas linguagens artísticas proporcionado pela instituição.

Durante a realização da pesquisa de campo, obtiveram-se informações de diferentes categorias ligadas ao Centro Livre de Artes, como alunos adolescentes e adultos, professores, coordenadores, diretora atual e ex-diretoras.

Como recurso para coletar tais informações utilizaram-se técnicas e procedimentos de pesquisa tais como questionários, entrevistas e filmagens de relatos, com o objetivo de investigar o histórico, a atuação e o significado do Centro Livre de Artes para aqueles que usufruem ou conviveram com a instituição ao longo de sua existência.

Foram aplicados 127 questionários à categoria alunos (adolescentes e adultos) e feitas dez entrevistas para a categoria professores, quatro para a categoria coordenadores, três para a categoria ex-diretoras, uma para a categoria diretora atual e uma para a categoria pioneira.

Também foram aplicados 135 questionários à categoria alunos na faixa etária de 6 a 12 anos (crianças), 13 à categoria pais de alunos atuais e nove à categoria alunos egressos, que não são aqui apresentados pelo grande volume de informações que geraram, ultrapassando em muito o objetivo traçado para este trabalho.

Para tabulação das informações obtidas nos questionários, aplicou-se o processo de investigação científica a partir dos métodos de pesquisa quantitativo e qualitativo. Utilizando-se o método quantitativo, os dados obtidos foram analisados por intermédio da contagem de frequência (quantidade de respostas obtidas) e de cálculos de porcentagem. Com base no método qualitativo, utilizaram-se as técnicas de entrevistas e filmagens para obter e registrar

¹São aqui chamados de documentos não-catalogados aqueles que não se encontram catalogados com base no Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2) (MENDONÇA; ROCHA; NUNES, 2008, p. 139).

os depoimentos de duas poineiras de fundação da Escola de Música José Ricardo de Castro, atual Centro Livre de Artes.

Procurando demonstrar ao leitor uma sequência coerente que possibilite a apropriação de conhecimentos mais amplos sobre o Centro Livre de Artes, este trabalho está organizado de acordo com a estrutura descrita a seguir.

No Capítulo I são feitas algumas considerações conceituais, abordando temas como memória, cultura, arte e patrimônio sob a perspectiva antropológica, com base na visão de diferentes autores, objetivando qualificar teoricamente os dados empíricos deste trabalho.

No Capítulo II, o foco é o Centro Livre de Artes, com sua gênese e atualidade, em que se relata um breve histórico do desenvolvimento artístico-cultural da cidade de Goiânia até o ano de 1970, assim como a história da instituição. Para isso, recorreu-se a várias fontes documentais, sobretudo a documentos arquivados na própria instituição, além de informações retidas na memória de pioneiras fundadoras do Centro Livre de Artes e de funcionários atuais.

O Centro Livre de Artes visto por seus usuários é o tema do Capítulo III, no qual se apresentam os resultados dos questionários e entrevistas aplicados a um conjunto de pessoas relacionadas a esta escola, no intuito de perceber como elas avaliam o desempenho desta instituição e o que deveria ser feito para melhorar seu potencial.

Por fim, apresenta-se uma conclusão em forma de proposição, na qual é feita uma apreciação geral deste trabalho a partir dos dados e resultados dos questionários, apontando os desafios e as dificuldades do Centro Livre de Artes. Ao mesmo tempo, apresentam-se algumas propostas enfocando estratégias para o aumento de visibilidade da instituição como agente difusor de saberes artísticos. Essas propostas têm como finalidade contribuir para o enriquecimento artístico-cultural da comunidade goianiense, assim como proporcionar informações que poderão ajudar na formatação de futuros projetos junto ao poder público, visando ações no sentido de melhorar e ampliar as instalações e as atividades pedagógicas do Centro Livre de Artes.

CAPÍTULO I

CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS: MEMÓRIA, CULTURA, ARTE E PATRIMÔNIO

Os fatos e os contextos sociais contribuem para a retenção da memória. Assim, à medida que interagimos com o mundo, participando das esferas social e política, bem como do desenvolvimento cultural da sociedade de que fazemos parte, somos capazes de buscar na memória fatos, dados e acontecimentos que alicerçam nosso conhecer histórico.

Halbwachs, principal estudioso das relações entre memória e história, salientou o valor e a importância dos fatos sociais e da memória no processo de construção da história. Em sua obra acerca dos contextos sociais da memória, mostrou que “É impossível conceber o problema da recordação e da localização das lembranças quando não se toma de referência os contextos sociais que servem de baliza a essa reconstrução que chamamos de memória” (HALBWACHS, 2006, p. 7–8). Continuando na mesma linha de estudo, o autor acrescentou o mérito da história vivida, pois, de acordo com ele, temos melhores condições de trabalhar a memória quando vivemos a história:

Nossa memória não se apóia na história aprendida, mas na história vivida. Por história, devemos entender não uma sucessão cronológica de eventos e datas, mas tudo o que faz com que um período se distinga dos outros, do qual os livros e as narrativas em geral nos apresentam um quadro muito esquemático e incompleto (HALBWACHS, 2006, p.78–79).

Ao analisar a gênese da história, Le Goff, partidário das idéias de Halbwachs, afirmou que a memória é a guardiã do passado, do presente e do futuro, uma vez que, para ele, a história nasce da memória. Assim sendo, Le Goff (1994, p. 477) postulou que: “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”.

De acordo com esses autores, há uma ligação intrínseca e dialética entre história e memória. Ao mesmo tempo em que a existência da história se dá pela memória vivida, a própria história alimenta também a memória. Dessa forma, ao procedermos à reconstrução do percurso do Centro Livre de Artes, sua história foi sendo tecida não somente por registros

documentais, mas também a partir da memória daqueles que se relacionaram e/ou ainda se relacionam com ele desde a sua fundação até os dias atuais, procurando buscar respostas no passado para formular questões que possam iluminar o presente da instituição. Nesse sentido, Halbwachs (1994) afirma que nós fazemos apelo à memória para responder questões que os outros nos colocam ou que supomos que eles poderiam nos colocar.

Ao discorrer sobre memória e história, Nora (1993) concorda com Halbwachs quando este aponta que há tantas memórias quantos grupos existem, que ela é, por natureza, individualizada e coletiva, uma vez que, para o primeiro, a memória nasce de grupos. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas.

Ao analisar a memória sob diferentes abordagens teóricas, Bosi (1994) enfoca os quadros sociais da memória de modo semelhante à abordagem de Halbwachs, que por sua vez recebeu influência do pensamento de Émile Durkheim. Em sua linha de pesquisa, Bosi (1994) assevera que a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, a classe social, a escola, a Igreja, a profissão, enfim, com os grupos de seu convívio e os grupos de referência que lhe são peculiares. Para a autora, a memória é reconstituída pelo grupo, mas não é fruto da mera acumulação passiva de dados do passado e sim da inteligência e do trabalho das pessoas. Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir e repensar as experiências do passado com as idéias e as imagens do presente. Portanto, a lembrança de um fato antigo, por mais nítida e viva que possa estar, nunca será a mesma, porque nós não somos os mesmos, nossa visão, pensamentos, juízos e valores foram alterados durante nossa vivência.

Sendo assim, na busca do conhecimento acerca da história do Centro Livre de Artes ora desenvolvida, recorreu-se à memória de seus usuários, funcionários e pioneiros fazendo uso de instrumentos de técnicas de pesquisa como entrevistas, questionários e relatos. A partir desta memória, tentou-se reconstruir a história de criação da instituição, dentro do contexto sociopolítico e cultural que se apresentava à época, focando tanto o desenvolvimento artístico da cidade de Goiânia, desde a sua fundação até a década de 1970, como a estruturação e o funcionamento do Centro Livre de Artes na atualidade.

Com base neste conhecimento histórico, ao entender os contextos sociais, políticos² e culturais nos quais o Centro Livre de Artes está inserido e ao observar a dimensão de sua ressonância, materialidade e subjetividade, procurou-se focalizar o valor sociocultural e simbólico desta instituição por meio da análise dos diversos sentidos de sua existência.

Abordando a moderna concepção antropológica de cultura, na qual a ênfase está nas relações sociais ou nas relações simbólicas e não especificamente nos objetos materiais, como sugere Gonçalves (2005), o Centro Livre de Artes é aqui analisado como objeto de pesquisa não por sua materialidade, ou seja, como espaço físico monumental, mas como espaço público em que a cultura está sendo construída, produzida, mantida e transformada por indivíduos que tecem suas redes de significados e constroem suas histórias e seus referenciais (AZEVEDO, 1999 apud ALMEIDA, 2003).

Cultura é um termo que tem adquirido diversos entendimentos ao longo da história, pois estudiosos do assunto, como antropólogos, historiadores, arqueólogos, sociólogos e outros, têm desenvolvido, em diferentes épocas, pensamentos e conceitos sobre este tema. As ações por meio das quais os povos expressam suas formas específicas de ser constituem a sua cultura, as quais vão, ao longo do tempo adquirindo formas e expressões diferentes (HORTA; GRÜNBERG; MONTEIRO, 1999). A cultura consiste nos valores de um dado grupo de pessoas, nas normas que elas seguem, nos modos de vida dos membros de uma sociedade, ou de grupos de uma sociedade, nos bens materiais e imateriais que as pessoas produzem ou reproduzem. A cultura está relacionada com o saber ser, com o saber fazer, com o saber viver e com o saber agir. Em decorrência de sua importância, passamos a focar a cultura na visão de alguns de seus estudiosos.

Ao abordar a cultura na visão dos antropólogos, Kuper (2002, p. 131–132) apresentou uma série de definições mencionadas por Clifford Geertz, como:

“Um sistema ordenado de significados e símbolos... em cujos termos os indivíduos definem seu mundo, revelam seus achados e fazem julgamentos”; “um padrão de significados, transmitidos historicamente, incorporados em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam-se, perpetuam-se, desenvolvem seu conhecimentos sobre a vida e definem sua atitude em relação a ela”; “um conjunto de dispositivos simbólicos para o controle do comportamento, fontes extrasomáticas de informações.”

²Apesar de se reconhecer que o Centro Livre de Artes, enquanto órgão municipal, está submetido em sua rotina a fatores de ordem política, tanto na determinação de suas ações quanto na composição de seus cargos de direção, tais aspectos não serão aprofundados na presente análise, pois escapam do foco proposto – a gênese do Centro Livre de Artes em seus atores e fatores mais permanentes que aqueles da flutuante ordem político-institucional.

Geertz (1989), por sua vez, ao propor a integração de diferentes tipos de teorias e conceitos, define cultura não como um complexo de padrões concretos de comportamento – costumes, tradições, feixes de hábitos, mas como um conjunto de mecanismos de controle, como planos, receitas, regras e instruções para governar o comportamento. Para o autor, a cultura, quando vista como um conjunto de mecanismos simbólicos para controle do comportamento, fornece o vínculo entre o que os homens são intrinsecamente capazes de se tornar e o que eles realmente se tornam, um por um. Em sua concepção, tornar-se humano é tornar-se individual e, segundo ele, nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais.

Já Tassinari (2004) afirma que cultura não é mais definida como um conjunto fixo de costumes, artefatos e crenças que podem ser armazenadas ou resguardadas em museus ou livros independentemente das pessoas. De acordo com a autora, cultura é o “conjunto de símbolos compartilhados pelos integrantes de um determinado grupo social e que lhes permite atribuir sentido ao mundo em que vivem e às suas ações” (TASSINARI, 2004, p. 448).

O antropólogo brasileiro Roque de Barros Laraia, que analisou a natureza da cultura, destacando de forma ampla sua origem e desenvolvimento, afirmou que: “O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam” (LARAIA, 1988, p. 46).

Ao fazer o estudo de como preservar, identificar e valorizar os bens culturais, Horta, Grünberg e Monteiro (1999, p. 7) ressaltaram que:

A cultura é um processo eminentemente dinâmico, transmitido de geração em geração, que se aprende com os ancestrais e se cria no cotidiano do presente, na solução dos pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrentam. Nesse processo dinâmico de sociabilização em que se aprende a fazer parte de um grupo social, o indivíduo constrói a própria identidade.

De acordo com os autores citados, a cultura participa na formação de identidades individuais e coletivas, se diferencia de uma sociedade para outra, de uma época para outra e influencia todo o existir humano. Para eles, a cultura inclui conhecimentos que favorecem o viver e o agir humano.

No processo de aquisição de conhecimentos, acrescenta-se a arte como um dos meios que auxiliam a formação cultural, pois a arte não se restringe a diversão e beleza. Ela atua de forma complexa e plural nos campos biológico, psicológico e social; tem a capacidade de

reunir todas as dimensões humanas, como as intelectuais, emotivas, religiosas e corporais (JANNIBELLI, 1980).

A arte, definida como a capacidade criadora de expressar ou transmitir sensações ou sentimentos (LAMAS, 1997), incentiva e demonstra as transformações sociais ao longo da história, participa na construção de identidades e amplia a visão do mundo, pois é um meio de comunicação entre as pessoas e os povos. A arte, em todas as suas modalidades (música, artes plásticas ou visuais e artes cênicas), contribui para a formação de homens conscientes, críticos e criativos, tornando-os seres mais capazes para a sociedade em que vivem. Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte passa a ser um patrimônio cultural da humanidade, como um dos modos de praticar a cultura (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998).

Entende-se que a arte é uma modalidade possível de patrimônio cultural, uma vez que é uma herança simbólica e cognitiva que herdamos como cidadãos, uma cultura que vem sendo transmitida de geração a geração. Nesse sentido, patrimônio supera a definição estreita de um conjunto estático de objetos, construções, documentos, obras, ou um vestígio que individualiza os homens em momentos temporal e culturalmente distintos (MACHADO, 2004).

Tal dimensão da arte é decisiva na medida em que ela se afirma como uma linguagem que expressa os sentimentos e os valores humanos e transcende o material, sendo por isso as manifestações cênicas, lúdicas, bem como os saberes artísticos que são passados de geração em geração denominados patrimônio imaterial (MACHADO, 2004). Esse patrimônio é muito rico, pois contempla as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver, como danças, celebrações, músicas, artesanato, literatura, artes plásticas, alimentação e outras atividades possuidoras de valores e de significados, isto é, atividades que identificam a identidade de sociedades ou de uma nação (CUNHA, 2004).

Entretanto, não podemos deixar de enfatizar a relação que há entre o material e o imaterial, porquanto os dois se completam, pois, apesar de a arte estar impregnada de impressões e sentimentos do suporte imaterial, esta necessita da ação humana, da ação de sujeitos capazes de atuar segundo determinados conhecimentos ou códigos específicos da arte. Por seu turno, a arte, como um patrimônio imaterial, necessita do suporte físico material para a sua existência. Nesse sentido, Londres (2001, p. 191) afirma que:

Quando se fala em patrimônio imaterial ou intangível, não se está referindo propriamente a meras abstrações, em contraposição a bens materiais, mesmo porque,

para que haja qualquer tipo de comunicação, é imprescindível o suporte físico. Todo signo (e não apenas os bens culturais) tem dimensão material (o canal físico de comunicação) e simbólica (o sentido, ou melhor, os sentidos) – como duas faces de uma mesma moeda.

Portanto, é inegável que o patrimônio cultural, em qualquer de suas variantes, sempre expressa valores coletivos corporificados em manifestações concretas (VELOSO, 2006). Consequentemente, confirmam-se algumas das especificidades da arte musical, como um patrimônio imaterial herdado, quando Sé (200?) assevera que:

Foi na Grécia Antiga que se descobriu a influência da música no corpo humano. Aristóteles falava do verdadeiro valor médico da música e Platão receitava música para a cura das angústias. Ele afirmava que 'a música é o remédio da alma'. Virtudes mágicas da música eram transmitidas aos instrumentos musicais. Sons produziam efeitos terapêuticos. [...] Os efeitos benéficos da música quanto à saúde física e mental foram descobertos a mais de 30.000 anos atrás. O reconhecimento de que a música poderia provocar mudanças de comportamentos e emoções, levou o seu uso para a prevenção e cura de enfermidades físicas e mentais. [...] O aprendizado da música ou de um instrumento musical ajuda no desenvolvimento cognitivo, sobretudo nos aspectos semânticos e nos sistema de memória. [...] Com relação aos efeitos benéficos da música nas emoções, no comportamento e nas funções cognitivas, quando utilizada, melhora o humor, o sono, a motivação, a autoconfiança, diminui a ansiedade, combate a tensão e a fadiga e elimina o estresse. Isso porque a música é capaz de ativar no cérebro os mesmos centros de recompensa que uma comida saborosa, droga ou sexo e reduz as concentrações dos hormônios e do stress. No entanto, estilos musicais afetam as pessoas de formas diferentes. [...] A música e a linguagem têm algo muito em comum, ambas transmitem mensagens por meio de um sistema de signos que possui suas regras gramaticais. Na música também existem algumas regras como uma sequência de sons e de harmonias que devem se desenrolar. O aprendizado da música ou de um instrumento musical ajuda no desenvolvimento cognitivo, sobretudo nos aspectos semânticos e nos sistemas de memória. A música se configura numa forma de linguagem e pensamento.

Assim como a música é essencial para a formação do cidadão, como fator cultural, o ensino das artes plásticas/visuais e das artes cênicas é também fundamental, pois estas são outras formas de linguagem importantes que favorecem o desenvolvimento intelectual, social e criativo, tornando o cidadão mais capacitado para interagir na sociedade, tanto como produtor quanto como observador consciente. Essas linguagens expressam modos peculiares de criar e produzir, porquanto são formas artísticas que representam o pensar, o sentir e o fazer do homem. As modalidades artísticas têm a capacidade de trazer à memória a identidade simbólica de um povo ou de uma classe social (CANCLINI, 1984).

Hannah Arendt (1987 apud LAMAS, 1997) afirma que as obras de arte são as mais permanentes de todas as coisas duráveis e sua fonte imediata é a capacidade humana de pensar. Segundo ela, a transformação da obra de arte pelos seres humanos – pintura, modelagem, composição de uma melodia – opera-se como transfiguração, metamorfose. Essa metamorfose seria a materialização do processo do pensar humano que está ligado à

antecipação da ação presente enquanto característica distintiva do trabalho humano em relação à ação animal. Pode-se comparar essa questão com a colméia e o arquiteto descritos por Da Matta (1983). Para esse autor, a colméia surge do instinto animal, uma vez que a abelha não tem a capacidade de planejar, já que age a partir de uma carga genética. Por sua vez, o arquiteto figura o trabalho na estrutura mental antes de produzi-lo, de modo que uma casa estará pronta em sua mente antes mesmo de ser construída, uma vez que ele aprende e constroi a partir de sua relação com a sociedade. Para Da Matta (1983), o ser humano, muito mais que um animal que inventa objetos, é um ser capaz de pensar o seu próprio pensamento, a partir do momento em que cria uma linguagem da linguagem, capacitando-o a inventar as regras para inventar os objetos e dar significados a eles. É essa capacidade de produzir, inventar, criar e dar significado às coisas próprias do ser humano que chamamos de cultura.

Desse modo, afirma-se que a experiência artística e estética, fruto da cultura, pode ser apreendida e transferida, tornando-se importante na formação cultural. A educação artística auxilia a integração do indivíduo de forma positiva no seu meio social e no seu momento histórico. Conforme Trevisan (1990 apud LAMAS, 1997), desenvolver o gosto pela arte deve ser um dos objetivos de uma educação direcionada à realização das capacidades do ser humano.

Tendo estabelecido as definições de memória, cultura, patrimônio e arte, os quais são importantes para esta pesquisa, passa-se à análise da história do Centro Livre de Artes, bem como das linguagens artísticas trabalhadas no decorrer de sua existência.

CAPÍTULO II

CENTRO LIVRE DE ARTES: GÊNESE E ATUALIDADE (1975 a 2009)

CLA, pequena casa grande

Ah! Como és belo! Ver as crianças, correndo para dançar, tocar, cantar, pintar e brincar, feito gaivotas voando ao vento.

Os adolescentes que estudam por gosto e motivação, que se comprometem e cumprem. Oh! É tão belo escutar os sons dos violinos dos avôs, tocando uma canção envaidecedora.

E tudo isso é tão grande, oportunidades dadas para a revelação de grandes talentos, proporcionada pelos professores, profissionais e mestres do CLA (Centro Livre de Artes) que também deram chance às crianças especiais de Goiânia para a mostra dos seus potenciais e a cada dia superando barreiras e obstáculos para provarem que com amor e compreensão eles podem.

Pequena grande casa, parabéns pelos seus 21 anos de oportunidades. Nós agradecemos imensamente seu amor.

Laura Caroline Silva Santos – 3º ano, adolescente (CENTRO LIVRE DE ARTES, 1998, p. 14).

O objeto de estudo desta pesquisa, o Centro Livre de Artes, é uma instituição que propicia a aquisição de aprendizagens artísticas (música, artes plásticas, artes cênicas e oficinas), as quais, de certa maneira, influenciam o comportamento e a viver dos envolvidos, pois, conforme Laraia (1988), os comportamentos dos indivíduos não são natos, mas dependem do aprendizado adquirido pelo processo de endoculturação, ou seja, do processo de internalização de valores e tradições da cultura em que se é educado.

Nesse sentido, a instituição representa um espaço de aprendizagem, de criação de cultura e arte que possibilita ampliar o conhecimento, as experiências e a comunicação entre seus usuários e a sociedade maior. Conforme será visto ao longo de sua história, a essência de sua existência encontra-se na inter-relação do binômio cultura–arte.

Cultura e arte, como analisados no primeiro capítulo, são conhecimentos que engrandecem o viver humano. A cultura é a maneira específica de as pessoas se adaptarem ao seu meio, pois é pelos valores culturais que o homem se integra ao mundo, adquirindo hábitos, costumes, profissões, se capacitando e concebendo nova idéias. A arte é um dos veículos que pode favorecer a formação cultural, vez que a educação artística é uma das estratégias possíveis para que o indivíduo se integre no seu meio social e no seu momento

histórico. Dessa maneira, o Centro Livre de Artes será apresentado como agente socializador, na medida em que possibilita informações sobre o conhecimento da arte a várias pessoas da sociedade goianiense, assim como possibilita a revelação de habilidades artísticas dos seus usuários. Assim, apresenta-se a gênese do Centro Livre de Artes, sua trajetória ao longo dos últimos 34 anos e o trabalho desenvolvido no decorrer de sua história.

Conhecer a história do Centro Livre de Artes nos remete ao passado e este resgate envolve lembranças e memórias pessoais e coletivas, tão importantes no processo de aquisição de conhecimentos. O passado desta instituição envolve muitas pessoas que marcaram a sua história, como professores, coordenadores, diretores, alunos, pais, famílias, funcionários administrativos, assessores e secretários de cultura, prefeitos e muitos outros que de alguma maneira ajudaram a construir sua história. Sendo assim, vários atores desta história, principalmente os administradores municipais e seus colaboradores diretos, que imprimiram suas marcas, contribuíram para que ela fosse construída, e alguns desses marcos serão apontados no decorrer da narração histórica acerca do Centro Livre de Artes.

Na busca deste conhecimento histórico, recorreu-se também à memória de seus usuários, funcionários e pioneiros, fazendo uso de instrumentos de técnicas de pesquisas, como entrevistas, questionários, filmagens e relatos. Para compreender o contexto sociocultural em que a instituição foi criada, traz-se à lembrança (ou à memória) um pequeno histórico da cidade de Goiânia, na qual o Centro Livre de Artes está inserido, assim como um pouco do desenvolvimento artístico deste município até a década de 1970.

2.1 Goiânia e seu desenvolvimento artístico

Goiânia, nome escolhido em um concurso realizado em outubro de 1933 pelo jornal semanário *O Social*, vencido por Alfredo de Faria Castro, nasceu do sonho do desbravador Pedro Ludovico Teixeira, o então interventor do estado de Goiás (Jornal da Imprensa, 2002, p. 12). Ele o concretizou por meio do Decreto nº 3.929, de 21 de outubro de 1933, e escolheu o dia 24 de outubro do mesmo ano para o lançamento de sua pedra fundamental (BERNARDES, 1989).

A cidade foi idealizada e planejada com o intuito de tornar-se o centro político-administrativo do estado de Goiás. Trabalharam na construção da nova capital o engenheiro Coimbra Bueno e o arquiteto Atílio Correia Lima, os quais seguiram as orientações de Pedro

Ludovico quando este determinou: “Quero que a nova capital seja uma metrópole, com número de bairros suficientes para abrigar 50 mil habitantes” (O Parlamento, 2001, p. 6).

Com a transferência da capital do país para a Região Centro-Oeste, o crescimento de Goiânia extrapolou as expectativas do planejamento habitacional inicial, havendo grande interferência tanto em sua infra-estrutura como nos meios sociocultural, político e econômico.

Da mesma forma que os contextos físicos, sociais e políticos sempre influenciam o desenvolvimento geral de uma cidade, no decorrer dos anos Goiânia também sofreu mudanças nos aspectos físicos, sociais, políticos e culturais. Assim sendo, o desenvolvimento artístico da comunidade goianiense veio acompanhando todo o processo da construção histórica do jovem município, contando com a dedicação, o talento e a luta de várias pessoas, amantes do saber e do fazer artístico.

Um dos marcos iniciais do desenvolvimento e do crescimento da capital goiana, como também do florescimento artístico de grande parte da população goianiense, foi Campinas, cidade próxima e já existente à época da construção de Goiânia, que posteriormente se tornou um de seus mais importantes bairros.

Pina Filho (2002) relatou que José Ferreira de Araújo, ex-músico da cidade de Pirenópolis, transferiu-se para Campinas no fim do século XIX, ali instalando e mantendo a primeira banda de música daquela cidade. Essa corporação musical participou de várias festividades goianas em tempos remotos.

No processo de construção artística da cidade de Goiânia, registrou-se a ação benéfica do colégio internato Santa Clara, instalado em Campinas, um dos pioneiros em oferecer aulas específicas de educação musical, assim como de pintura e trabalhos manuais. O trabalho musical desta escola proporcionou o crescimento musical no município, segundo o registro da irmã Áurea Cordeiro Menezes (1981 apud BORGES, 1998, p. 75–76):

No dia 23 de fevereiro de 1924, o Santa Clara recebeu o seu primeiro piano, encomendado da Alemanha. Que surpresa para as alunas! Muitas delas nunca tinham ouvido e, menos ainda, visto um piano.

Ampliando suas possibilidades no setor da música, com oito pianos, dois harmônios, vários bandolins, violinos, violões, acordeons, etc., o Santa Clara deu ao Estado de Goiás várias alunas com tal preparo musical que são elas hoje organizadoras e dirigentes de corais, inclusive das igrejas, das festinhas e dos programas artísticos. Várias alunas iniciadas no Santa Clara são hoje exímias pianistas, contando-se entre elas brilhantes professoras de conservatórios, não só em Goiás, mas também em outros Estados.

Tal foi a ênfase que se deu à formação musical no Santa Clara que, em 1956, as irmãs cogitaram da fundação de um conservatório no Estado de Goiás.

Após um longo e exaustivo trabalho no Rio de Janeiro, em prol da fundação, chegaram à conclusão de que, para o colégio, não era hora ainda daquela iniciativa.

Por sua vez, Borges (1998, p. 76) reiterou que: “Em suas festas, o Santa Clara sempre deu um destaque todo especial à música, motivando as educandas à mesma, através de ginásticas rítmicas, acompanhadas ao piano, dos bailados, dos corais e da execução de peças musicais”.

Conforme Borges (1998) e Pina Filho (2002), houve em Goiânia vários acontecimentos e participações importantes que contribuíram para sua expansão musical, os quais serão resumidamente relatados a seguir.

Em 1937, o Liceu de Goiânia e o Instituto de Educação de Goiás sediaram inúmeros movimentos culturais, fomentados pela presença do professor Joaquim Edison de Camargo, que muito se esforçou para o crescimento musical da capital goiana.

O batismo cultural de Goiânia foi realizado em 5 de julho de 1942, tendo sido o marco inicial para o reconhecimento da importância da nova cidade pelos artistas e intelectuais de todo o país. Ainda no mesmo ano, a inauguração do Teatro Goiânia favoreceu a divulgação cultural no município:

[...] Em Goiânia, Getúlio visitou canteiros de obras, entre elas as do futuro Teatro Goiânia, que seria inaugurado em 5 de julho de 1942. Nessa data acontecera o Batismo Cultural, uma espécie de apresentação solene de Goiânia ao resto do Brasil.

[...] Foi no teatro Goiânia que Pedro Ludovico entregou a chave simbólica da cidade ao prefeito Venerando de Freitas Borges, diante de mais de seiscentos visitantes estrangeiros que vieram especialmente para o evento. Construído no estilo *art déco*, o teatro passou a ser o símbolo da consolidação efetiva do sonho de construção de Goiânia (Diário da Manhã, 1999, p. 32).

Em 1943, surgiu uma nova vida musical em Goiânia, favorecendo o crescimento artístico. Esta renovação se deu com a chegada, naquele ano, do casal europeu Érico e Edith Pieper, respectivamente músico e dentista. Érico trouxe consigo piano, partituras e guias para orquestras populares e deu início a um movimento em favor da música instrumental de câmara, introduzindo na região Crundwald Costa, responsável por toda uma geração de violinistas desenvolvida em Goiânia (PINA FILHO, 2002).

A Sociedade Pró-Arte de Goiás, criada em Goiânia em 1945, deu grande apoio às artes plásticas goianas e favoreceu a origem da Orquestra da Pró-Arte, a qual, por sua vez, enriqueceu as manifestações artísticas na cidade. No mesmo ano, com a criação da Escola Técnica Federal de Goiás, o cidadão goianiense foi contemplado com o curso de música e

coral ali oferecido, reforçando, assim, a expansão musical no município (PINA FILHO, 2002).

As primeiras escolas de música em Goiânia, principalmente na área de piano, tiveram como precursoras Maria Angélica da Costa Brandão, popularmente conhecida como Nhanhá do Couto, e suas filhas. Posteriormente, sua neta, Belkiss Spencieri Carneiro de Mendonça, também enriqueceu a música local, não somente por sua capacidade musical, mas também pela luta em favor do desenvolvimento e do aprimoramento artístico em todo o estado (PINA FILHO, 2002).

Em 1953, foi fundada a primeira escola de arte de Goiânia, denominada Escola Goiana de Belas Artes, a qual, logo a seguir, acomodou o Instituto de Música. Estes eventos revolucionaram o campo artístico goiano, conforme relatado por Pina Filho (2002, p. 53):

A EGBA nasceu em 1953 para preencher o último núcleo necessário à fundação da Universidade Católica de Goiás. Sua primeira localização foi na Rua 9, no centro da Capital, onde Luiz Curado, Gustav Ritter e Confaloni deram início a uma verdadeira revolução nas artes plásticas em Goiás. [...] Um dos grandes momentos da Escola Goiana de Belas Artes, que tinha como secretária a folclorista Regina Lacerda, se deu em 1955, durante a instalação do Instituto de Música. Para dirigi-lo, foi convidado o maestro belga Jean-François Douliez, reconhecido então como um verdadeiro missionário da música, no campo do ensino. Mesmo reafirmando a grande importância do maestro Douliez neste processo, Luiz Curado faz questão de lembrar que o Instituto de Música se fez pela atuação de D. Belkiss, que foi diretora escolar.

O Conservatório Goiano de Música foi inaugurado em 1956, quando o Instituto de Música separou-se da Escola Goiana de Belas Artes. Sem muitos recursos financeiros, em decorrência do baixo valor das mensalidades pagas pelos alunos, o conservatório passou por várias dificuldades, porém, sempre contando com o apoio de pessoas que reconheciam o valor do trabalho de sua diretora, Belkiss Spencieri Carneiro de Mendonça e de todo o corpo docente. As dificuldades físicas e financeiras não impediram a ocorrência de grandes apresentações artísticas na capital goiana (PINA FILHO, 2002).

Em 1960, houve a incorporação do Conservatório de Música à Universidade Federal de Goiás (UFG), acontecimento que trouxe grandes benefícios à população goianiense, bem como o enriquecimento do patrimônio cultural e artístico da nova capital. Com esta integração, o Dr. Colemar Natal e Silva, primeiro reitor da UFG, providenciou o aluguel de um prédio na Avenida Goiás e o colocou à disposição do Conservatório de Música. Sob a orientação do maestro Jean Douliez, o conservatório foi instalado e contava com salas individuais para as aulas instrumentais e uma sala maior, com capacidade para 550 pessoas,

para ensaios e apresentações públicas (PINA FILHO, 2002). Conforme relatou Borges (1998, p. 120–121), este auditório possibilitou a realização de grandes eventos musicais:

Os eventos promovidos pelo Conservatório contavam com total apoio das autoridades estaduais e municipais que, além de os prestigiarem com sua presença, colaboraram também de forma peculiar: nos dias de concerto, desligava-se o relógio da praça para que suas batidas não incomodassem; desviava-se o trânsito da Avenida Goiás para que o barulho não atrapalhasse as apresentações.

Os primeiros anos como parte da Universidade foram anos de trabalho intenso e proveitoso, pois o ideal de crescer, de realizar, encontrava respaldo nos variados tipos de colaboração que recebiam, e o somatório de esforços proporcionava a satisfação de conseguir sempre o salão repleto; suas cadeiras jamais ficavam vazias. Foi dessa forma que o Conservatório conseguiu formar um público amante da música erudita.

Os festivais de música erudita do estado de Goiás, promovidos pelo Conservatório de Música, tiveram seu início em 1964 e trouxeram grandes eventos culturais para a comunidade goianiense (BORGES, 1998).

A Banda de Música da Prefeitura Municipal de Goiânia, criada pela Lei nº 3.740 em 1967 e instalada em 1969, divulgou a música em todas as festividades, oficiais ou não, da capital do estado (PINA FILHO, 2002).

Em 1968, foi criado o Instituto de Artes da UFG, resultado da fusão entre o Conservatório de Música e a Faculdade de Artes, que somente foi concretizada em 22 de junho de 1972, com o término do mandato de seus respectivos diretores. Após a fusão, o Instituto de Artes continuou a crescer e a proporcionar ensino musical ao longo dos anos, contando sempre com o interesse e o apoio de grandes educadores (BORGES, 1998).

Durante o crescimento musical em Goiânia, as igrejas católicas e protestantes também tiveram a sua quota de participação. No decorrer dos anos, muitos momentos nos cultos religiosos foram engrandecidos com a música, por intermédio da apresentação de conjuntos instrumentais, corais, solos de canto acompanhados ao piano, órgão e orquestras de câmara. Todas as atividades musicais sempre foram dirigidas por pessoas qualificadas para o ensino, geralmente professores ligados ao Conservatório de Música, ou conhecedoras da teoria e da prática musical.

Na década de 1970, além de possuir várias instituições dedicadas ao ensino da música, tais como o Instituto de Artes, o colégio Santa Clara, a Escola Técnica, o Liceu de Goiânia, a Banda Municipal, as orquestras, os grandes corais, os conjuntos instrumentais, Goiânia também contava com escolas particulares de música, as quais atendiam àqueles que

procuravam se especializar musicalmente e que contavam com maior disponibilidade de recursos financeiros.

Apesar da grande oferta de ensino musical, Goiânia tinha 380.773 habitantes em 1970 (DIRCEU, 1975), muitos dos quais não possuíam recursos financeiros e nem disponibilidade de tempo para se inserir no estudo das artes, ou mais especificamente, na área musical.

Assim, neste contexto sociomusical, em 1975 foi fundada a Escola de Música do Município, hoje denominada Centro Livre de Artes, objeto de estudo do presente trabalho. Com isto, Goiânia pôde contar com mais um polo de atendimento artístico, desta feita mais direcionado à população carente da cidade.

Buscando conhecer e reconhecer a participação do Centro Livre de Artes na vida de muitos goianos, procurou-se, durante esta pesquisa, trazer à memória a história da fundação, do crescimento e da atuação desta instituição.

2.2 A fundação e o crescimento do Centro Livre de Artes

“É preciso rever, escrever, assinar os autos do passado antes que o tempo passe tudo a raso” (Cora Coralina apud LIMA, 1998, p. 74).

Tudo começou com a realização do sonho do professor e coordenador de Moral e Cívica da Secretaria Municipal de Goiânia, Osmar Siqueira, nascido em 2 de maio de 1933, na cidade de Hidrolândia, no estado de Goiás. Conforme relato de sua esposa, a professora Joana Mendes da Silva Siqueira, em sua atividade docente e na Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Goiânia, o professor Osmar Siqueira detectou em seus colegas de trabalho, assim como nos alunos, grande carência musical. Apesar de não ser músico, por meio das atividades cívicas e comemorativas nas escolas, reconheceu a necessidade de ampliar o conhecimento musical daqueles que se interessavam e que não haviam tido oportunidade de desenvolver suas potencialidades.

Após verificar esta falta de vivência musical, o professor Osmar Siqueira dedicou-se a fundar uma escola de música municipal para atender às necessidades musicais das classes menos favorecidas economicamente. Sendo um grande empreendedor educacional, que participava de várias fundações escolares em Goiânia na época, muito se empenhou na Secretaria da Educação Municipal e Cultura para mais esta realização.

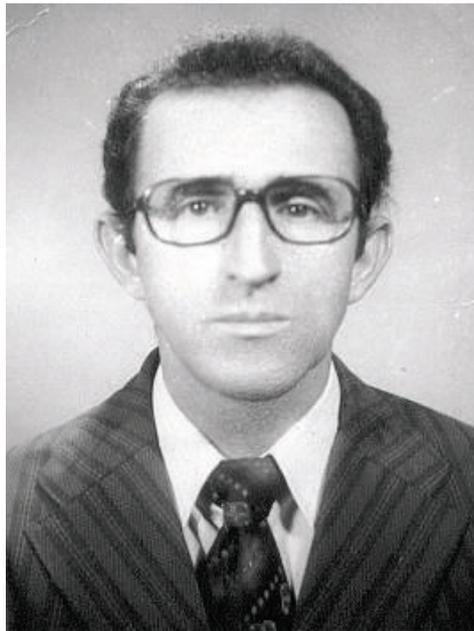


Figura 1 – Professor Osmar Siqueira, fundador da Escola de Música do Município de Goiânia.

Fonte – Acervo da família Siqueira.

A professora Ilda Naves de Almeida Nunes, que foi chefe de gabinete da Secretaria Municipal de Educação em 1975 e secretária da pasta de Educação e Cultura Municipal em 1977, relatou em sua entrevista durante esta pesquisa que, em 1975, estavam em estudo naquela secretaria várias propostas e sugestões para novas conquistas nas áreas culturais. Com o incentivo proporcionado por estas novas idéias, uma das propostas vencedoras foi a da criação de uma escola de música municipal em Goiânia.

A partir daí, houve muito empenho para a concretização desse sonho e a criação da escola se tornou possível em 1975, graças ao esforço de grandes educadores que atuavam na esfera governamental, como Nair Stival Pereira (secretária da pasta de Educação e Cultura Municipal), o professor Osmar Siqueira (coordenador de Moral e Cívica da Secretaria Municipal de Educação), a professora Ilda Naves de Almeida Nunes (chefe de gabinete da Secretaria Municipal de Educação e Cultura), além do apoio do então prefeito, Francisco de Freitas Castro. Entretanto, houve problemas e impasses para esta criação, tais como a disponibilização de espaço físico e recursos financeiros, a aquisição de artefatos e instrumentos musicais, assim como a contratação de profissionais.

Conforme relatou a professora Ilda Naves de Almeida Nunes, tendo em vista que na época não se encontrou um espaço físico adequado para esta instalação, ela cedeu, em caráter provisório, uma sala de aula do Colégio São Domingos, no qual era professora e diretora, para

iniciar a implantação da escola de música. Assim, com muita dificuldade, mas com boa vontade, esforço e coragem, a Escola de Música do Município ali se iniciou.



Figura 2 – Ex-localização da Escola São Domingos.

Fonte – Julio César Protásio (2009).

A inauguração da escola se deu no dia 4 de setembro de 1975, na sede do Colégio São Domingos, situado à Rua 242, nº 100, na Praça da Igreja São Judas Tadeu, Setor Coimbra, em uma cerimônia solene. Compareceram ao evento várias autoridades do município de Goiânia, como o prefeito Francisco de Freitas Castro, a primeira dama Nicácia de Oliveira Castro, Nair Stival Pereira, a professora Ilda Naves de Almeida Nunes, diretores, professores e alunos representantes de várias escolas do município. De acordo com o registro histórico, durante a cerimônia foram executados pela Banda de Música da Prefeitura de Goiânia o Hino Nacional e as músicas *Pra frente Brasil* e *Eu te amo meu Brasil*, seguidos por discursos das autoridades presentes. Naquele momento, o professor Osmar Siqueira agradeceu a oportunidade da criação da escola, salientando sua importância para a sociedade. Em reconhecimento ao apoio oferecido pelo prefeito, a instituição recebeu o nome de Escola Municipal de Música José Ricardo, como homenagem a seu filho, falecido em 12 de dezembro de 1974.

Nos primeiros anos, entre 1975 e 1976, a Escola Municipal de Música José Ricardo funcionou precariamente, sobretudo sem instrumentos musicais. Segundo os relatos das professoras Joana Mendes da Silva Siqueira e Ilda Naves de Almeida Nunes, essa situação

obrigou a instituição a trabalhar com cursos preparatórios e formação de conjuntos contando com os instrumentos de cordas levados pelos próprios alunos. Em seu momento inicial, a escola teve em sua direção Silas Aquino Lira Gouveia e, logo após, Joana Mendes da Silva Siqueira, ambos formados em música.

Visando ampliar as modalidades de ensino, o espaço físico e o atendimento à população goianiense, com o apoio das autoridades competentes da época, em janeiro de 1977, a Escola Municipal de Música José Ricardo foi transferida para o Chafariz, na Praça Universitária, onde atualmente se encontra a Biblioteca Pública Municipal Marieta Telles Machado, no Palácio Municipal da Cultura.

Em 28 de março de 1977, logo após a sua transferência para o Palácio da Cultura, na Praça Universitária, a escola foi regulamentada pela Lei nº 5.237 e neste ato passou oficialmente a se chamar Escola de Música José Ricardo de Castro, para homenagear o então prefeito.



Figura 3 – Palácio Municipal da Cultura, ex-localização da Escola Municipal de Música José Ricardo de Castro.

Fonte – Júlio César Protásio (2009).

Após a instalação da escola no Palácio da Cultura, atendendo ao pedido do professor Osmar Siqueira, o prefeito Francisco de Freitas Castro liberou a verba para a compra de piano e órgão elétrico. A professora Joana Mendes da Silva Siqueira explicou em seu relato que,

com a arrecadação proveniente das taxas de matrícula dos alunos, foi possível adquirir outros instrumentos, como violão, violino, flauta doce, flauta transversal e alguns instrumentos de percussão.

Com a melhor instalação da escola, o professor Osmar Siqueira solicitou ao prefeito a contratação de funcionários e começou a montar o quadro de docentes que entendeu necessário para o início das atividades. A seguir, atendendo à orientação de sua esposa, a professora Joana Mendes da Silva Siqueira, convidou Dalva Albernaz, compositora e professora do ensino musical na UFG, para ministrar um curso de treinamento a todos os professores contratados, com a finalidade de melhor estruturar o ensino na escola.

Organizado e estruturado o ensino com curso básico de música, prática de canto coral, aulas de violão, flauta, violino, órgão, piano e canto, dentro da programação do aniversário da cidade, a Escola de Música foi reinaugurada em 18 de outubro de 1977, com a presença de várias autoridades, como a primeira dama do município, Nicácia de Oliveira e Castro, representando o prefeito, a secretária da pasta da Educação e Cultura Municipal, a professora Ilda Naves de Almeida Nunes, o diretor do departamento de cultura, o professor Osmar Siqueira, o ex-diretor da Escola de Música, Silas Aquino Lira Gouveia, a então diretora da Escola de Música, a professora Joana Mendes da Silva Siqueira, além de vários representantes escolares. Esta solenidade contou com grande número de convidados, tendo a participação especial da Banda de Música do Município, sob a regência do maestro Diógenes Cerqueira Lima.

Em 1979, a Escola de Música José Ricardo de Castro ampliou o atendimento ao público, passando a funcionar nos três turnos (matutino, vespertino e noturno). Seu objetivo principal era o ensino musical visando a formação de músicos para Goiânia. Naquele ano, a escola dedicou-se à formação de grupos musicais, enfatizando a Orquestra Popular de Goiânia e o seu Coral Básico.

Nos documentos históricos, registra-se o quadro de professores e funcionários administrativos que muito lutaram para o crescimento da escola: diretora e professora de violino – Joana Mendes da Silva Siqueira; supervisor – Osmar Siqueira; professores – Dilma de Oliveira e Silva (violino, flauta e piano), Diógenes Cerqueira Lima (clarineta e saxofone), Diógenes Ferreira de Azevedo (violão), Edimar Pereira Barreto (violão e clarineta), Goiana Vieira da Anunciação (percepção musical), Jane Machado Teixeira (violão), Lilian Pinheiro da Fonseca (percepção musical), Margareth Cordeiro de Moraes (piano), Miguel Ferreira de Souza (percepção musical), Moema Baiocchi (flauta), Shubert Dias de Freitas (violão, flauta e

piano), Sônia Maria Teixeira (violão e flauta); vice-diretor e professor – Paulo Augusto de Melo; secretária – Maria das Dores Vieira Garcia.

A professora Joana Mendes da Silva Siqueira declarou que como a escola passou a atender um número grande de pessoas e o espaço físico foi se tornando pequeno para desenvolver as atividades, o professor Osmar Siqueira começou a procurar um espaço maior para transferi-la. Nesse ínterim, várias mudanças políticas em nível municipal aconteceram em Goiânia, alterando não só o sonho do professor Osmar Siqueira, mas também o desenvolvimento das atividades musicais da Escola de Música José Ricardo de Castro.

Durante o processo de substituição do prefeito de Goiânia e das pessoas que ocupavam cargos de assessoria na prefeitura, a escola foi fechada até que se encontrasse um espaço adequado para sua transferência. A professora Joana Mendes da Silva Siqueira relatou que:

A escola só fechou quando o Índio Artiaga entrou. Quando a Yara Moreyra entrou na Cultura, disse que a escola não tinha condições de funcionar lá devido ao espaço físico e que deveria ser fechada. O Osmar já andava procurando um espaço melhor também. Inclusive, ele tinha vontade daquele prédio que hoje é do Centro Livre [ele era da prefeitura, mas pertencia ao sindicato]. Ele tentou usar aquilo, pediu aquele espaço para a escola, mas não deu certo. Então, a escola fechou.

Três pioneiras, Dilma de Oliveira e Silva, Goiana Vieira da Anunciação e Cirene Lopes Botelho, declararam em sua entrevista para esta pesquisa que logo após o fechamento da Escola de Música José Ricardo de Castro, os instrumentos musicais pertencentes à instituição foram removidos e guardados na Companhia Municipal de Obras (COMOB).

Em 1981, a então assessora especial de cultura da prefeitura de Goiânia, Yara Moreyra³, ao desenvolver projetos que enfocavam a recuperação de espaços culturais na cidade de Goiânia, conseguiu um novo local para funcionamento da Escola de Música José Ricardo de Castro. A assessora, com sua bagagem cultural e por meio de sua gestão, trouxe benefícios ao crescimento e ao seguimento artístico da escola. Vale ressaltar que, quando nos cargos de chefia se encontram pessoas ligadas às áreas artístico-culturais, tende a haver um grande empenho para o desenvolvimento das potencialidades do meio artístico local. Pode-se perceber que isso ocorreu naquele período de transição, pois enquanto a escola se preparava para se transferir para a sua nova localização, os professores da Escola de Música José Ricardo de Castro passaram por uma reciclagem na Escola Alfredo Nasser, no Setor Universitário, com vários mestres em ensino musical da UFG, por um período de 6 meses.

³Doutora em Artes pela Universidade de São Paulo, Professora Adjunta do Instituto de Artes da UFG, aposentada, folclorista e pesquisadora.

Esses cursos contribuíram para atender as novas propostas da escola, enriquecendo o ensino e a vivência musical, como comprovado pelos relatos orais de Dilma de Oliveira e Silva e Goiana Vieira da Anunciação.

Dentro desse novo contexto sociopolítico e cultural, a Escola de Música José Ricardo de Castro foi transferida para o espaço do Bosque dos Buritis, no Setor Oeste, ocupando o mesmo prédio em que já se encontrava o Museu de Arte de Goiânia. Em sua nova localização, a instituição recebeu de volta e reintegrou a seu patrimônio os instrumentos musicais anteriormente guardados.

Por localizar-se na mesma área do Centro Municipal de Cultura, criado para aglutinar várias áreas de atividades artístico-culturais da cidade de Goiânia, juntamente com o Museu de Arte de Goiânia, a Escola de Música José Ricardo de Castro passou a ser chamada por seus usuários de Escola de Música do Centro Municipal de Cultura ou Escola do Museu de Arte de Goiânia.



Figura 4 – Museu de Arte de Goiânia em seus primórdios.

Fonte – Acervo pessoal de Margarida Maria de Jesus Monteiro, aluna do Centro Livre de Artes.

Sob a direção do artista plástico Fernando Costa Filho, além do curso de música, a instituição passou a oferecer oficinas de dança com as professoras Cirene Lopes Botelho, Cleonice Abreu Fialho, Teresinha Lydice Cardoso e Jandernaide Rezende Lemos, bem como

oficinas de artes plásticas com os professores Selvo Afonso, Mairone Barbosa, Ivone Maria Lyra Chaves, Márcia Maria Sales da Silva e Marília Guimarães.



Figura 5 – Funcionários da Escola de Música e do Museu de Arte de Goiânia em seus primórdios.

Fonte – Acervo do Centro Livre de Artes.

Por ser uma instituição ligada ao município e estar inserida no processo sociopolítico e cultural da cidade, levando-se em conta que este passa por mudanças no decorrer do tempo, a escola enfrentou as mesmas transições, sempre lutando para ser uma das entidades irradiadoras das artes em Goiânia.

Em 1983, sob a nova administração exercida por Yara Araújo na Assessoria Especial de Cultura de Goiânia, a Escola de Música passou a funcionar de forma integrada ao Museu de Arte de Goiânia, sendo tanto o museu quanto a escola de música dirigidos por dois artistas plásticos em sequência: primeiro, Samuel Fernando de Castro e, em seguida, Selvo Afonso. Na gestão deste último, houve grande empenho para a expansão artística da escola, pois de acordo com o relato de Cleonice Abreu Fialho, uma das pioneiras da instituição, nesta gestão ocorreram várias atividades culturais em forma de oficinas na Praça Cívica, assim como a extensão das atividades artísticas da escola no Bairro Chácara do Governador.

Em relatórios assinados pelos funcionários da Escola de Música, como o diretor Selvo Afonso, a coordenadora de dança Jandernaide Rezende Lemos, as professoras Teresinha

Lydice Cardoso, Cleonice Abreu Fialho, Cirene Lopes Botelho, os professores de artes plásticas Márcia Maria Sales da Silva, Mairone Barbosa, Ivone Maria Lyra Chaves e a coordenadora de música Andiará Artiaga Moreno, naquela época a escola necessitava de recursos materiais e as oficinas de artes estavam funcionando em caráter experimental. Embora em meio a essas dificuldades, conforme salientou Dilma de Oliveira e Silva em seu relato, a instituição não deixou de atender à comunidade, tendo continuado, da melhor forma possível, a propiciar ensino artístico a todos que a procurassem, sempre visando o desenvolvimento da criatividade, assim como a ampliação dos conhecimentos culturais.

De acordo com registros do Centro Livre de Artes, destacam-se algumas das atividades e apresentações promovidas pela instituição naquela época:

- De 10 a 14 de outubro de 1983, comemoração da Semana da Criança, com passeios pelo Bosque dos Buritis, festa com cantigas de roda, enfocando música e movimento, jogos com todas as turmas de alunos, intercâmbio cultural entre as artes plásticas, dança e música;

- Em 10 de novembro de 1983, primeiro recital de música dos pequenos artistas do Museu de Arte de Goiânia, com abertura a cargo do departamento de dança, em que os alunos das oficinas de extensão do Centro Comunitário São João Batista abordaram o tema As cinco Emílias e os dois intrusos, com coreografia de Teresinha Lydice Cardoso;

- Em 25 de novembro de 1983, primeira apresentação de música e dança dos pequenos artistas do Museu de Arte de Goiânia, sob a coordenação de Teresinha Lydice Cardoso, no Centro Comunitário São João Batista. A programação contou com a participação dos professores Jandernaide Rezende Lemes, Cleonice Abreu Fialho e Cirene Lopes Botelho do departamento de dança, Fernanda Vasconcelos Furtado e Shubert Dias de Freitas do departamento de música, assim como dos alunos dos cursos de violão, canto e flauta. A divulgação do evento foi feita por meio de convites impressos e pelos canais de televisão Goyá e Brasil Central;

- De 10 a 14 de dezembro de 1984, 1º Concurso Municipal de Música Instrumental Infante-Juvenil, idealizado pelo diretor do Museu de Arte de Goiânia, Selvo Afonso, e pela coordenadora do departamento de música, Andiará Artiaga Moreno, realizado no Auditório da Faculdade de Educação da UFG. Colaboraram na elaboração do programa do concurso vários professores atuantes na área musical de Goiânia, como Belkiss Spencieri Carneiro de Mendonça, Crundwald Costa, Dilma de Oliveira e Silva, José Eurípedes Roberto e Maria Inês Gonçalves Diniz.

Como a demanda foi se intensificando e o quadro docente não foi ampliado para dar suporte às necessidades da comunidade, em 1985 foi feito um concurso para novas contratações de professores graduados em música, artes plásticas e artes cênicas.

Em 1986, sob novas influências políticas, a escritora Marietta Telles Machado, bacharel em biblioteconomia e escritora especializada no gênero da literatura infantil e juvenil em Goiás, assumiu a Assessoria Especial de Cultura de Goiânia. Esta gestão trouxe inovações que favoreceram o desenvolvimento artístico da escola, pois de acordo com o relato de Fernanda Vasconcelos Furtado, professora pioneira da instituição, Marietta Telles Machado, no exercício do seu cargo, encantada com o resultado das oficinas que observou em Curitiba, apresentou idéias inovadoras para os cursos e oficinas já existentes na Escola de Música, com o fito de torná-los mais livres e menos semelhantes aos cursos escolares.

Para tornar possível essa nova proposta, foi convidado o Professor Estércio Marques Cunha⁴ para proferir palestras aos professores da instituição sobre as diferentes formas de proceder ao ensino artístico. Nesse contexto, a escola de música, com o parecer da então assessora, do corpo docente e dos funcionários administrativos, e em consonância com a nova proposta apresentada, passou a ser denominada Centro Livre de Artes, embora não oficialmente.

Dentro dessa proposta, em 1986 a instituição teve em sua direção Zanira Alencastro Veiga, Ivone Maria Lyra Chaves e Mairone Ferreira Barbosa e na coordenação do ensino musical, Sônia Maria Camargo de Souza. Essas, juntamente com toda a equipe da instituição, muito se empenharam para a efetivação da nova proposta de gestão, assim favorecendo a ampliação artística da escola.

Em 1987, Elizabeth Abreu Caldeira de Brito, psicóloga e professora de dança da instituição, assumiu a direção e, juntamente com os coordenadores e professores, proporcionaram novas oportunidades à população goianiense. Com o quadro de professores bem maior, reforçado quando os novos concursados assumiram seus cargos, o Centro Livre de Artes ampliou o atendimento à comunidade, oferecendo várias oficinas.

⁴Professor Titular do Instituto de Artes da UFG, aposentado, Mestre e Doutor pela University of Oklahoma (Estados Unidos).

No mesmo ano, a instituição sofreu uma perda irreparável, pois em 28 de fevereiro faleceu Marieta Telles Machado, deixando um vazio não somente na Assessoria Especial de Cultura, como também em toda a cultura goiana.

Em 15 de setembro de 1988, na gestão do prefeito Daniel Antônio de Oliveira, pelo Decreto Lei nº 867 foi criada a Secretaria de Cultura, Esporte, Turismo e Meio Ambiente. No mesmo período, o Centro Livre de Artes desvinculou-se do Museu de Arte de Goiânia, oficializando o nome já popularmente utilizado, tendo Reinaldo Barbalho, Artur Rezende Filho e Mairone Ferreira Barbosa como assessores culturais e Elizabeth Abreu Caldeira de Brito como diretora, a qual permaneceu à frente da instituição até 1994.

Em 1988, além do curso de música, coordenado por Sônia Maria Camargo de Souza, foram acrescentados os setores de dança, artes plásticas, teatro e oficina integrada. Nesta divisão de setores, Marli Gonçalves de Assis assumiu a coordenação de artes plásticas, Cirene Lopes a de dança, Arilton Rocha a de teatro e Cleonice Abreu Fialho a de oficina integrada. Com esta nova proposta e a ampliação da oferta de cursos da escola, constatou-se em seus registros, por meio de relatório elaborado pela diretora, que havia 856 alunos matriculados em maio de 1988.

Nesta fase de ampliação, o Centro Livre de Artes contou não somente com o suporte oferecido por direção, professores e coordenadores, mas também do setor de apoio técnico, por intermédio das orientadoras pedagógicas Leda Said, chefe do setor, e Leília de Moraes, e do setor de expediente, responsável pelas matrículas e atendimento ao público, coordenado por Eliete Aparecida de Almeida.

Conforme registros históricos da instituição, entre 1987 e 1988, o Centro Livre de Artes contribuiu para o desenvolvimento artístico da comunidade realizando e participando de vários eventos artístico-culturais em Goiânia, entre os quais podem ser citados:

- Em 1º de setembro de 1987, teve início o ciclo de recitais e palestras, oficina de música Violão e Violinistas Goianos, no salão do Museu de Arte de Goiânia, com a participação de várias escolas de música, professores de violão e recitalistas de Goiânia;

- Em 28 de outubro de 1987, ocorreu o evento Jovens Talentos Musicais de Goiânia, no salão do Museu de Arte de Goiânia, contando com a participação de alunos do Centro Livre de Artes, Franz Schubert Centro de Artes, Instituto de Artes da UFG, Lilian Centro de Música e Musika;



Figura 6 – Aluna participante do evento Jovens Talentos Musicais de Goiânia.

Fonte – Acervo do Centro Livre de Artes (1987).

- Em 12 de novembro de 1987, iniciou-se o III Encontro Jovens Instrumentistas do Centro Livre de Artes, no Museu de Arte de Goiânia;

- Em 19 de novembro de 1987, ocorreu a abertura do evento de apresentação das oficinas do Centro Livre de Artes, no Salão do Museu de Arte de Goiânia, com exposição de painel coletivo dos alunos, construção de uma cidade com o uso de sucata e trabalhos de desenho;

- Em 28 de abril de 1988, o Centro Livre de Artes promoveu, no auditório da Faculdade de Educação, o ciclo de recitais intitulado Jovens Talentos Musicais de Goiânia I/88, visando promover o intercâmbio, o reconhecimento e a valorização dos jovens valores artísticos locais. Participaram do evento alunos do Lilian Centro de Música, Stúdio Centro de Música, Ritmo e Som e Centro Livre de Artes, sob a coordenação musical de Sônia Maria Camargo de Souza e coordenação geral de Elizabeth Abreu Caldeira de Brito;

- Em 18 de maio de 1988, iniciou-se o II Recital/88 dos alunos do curso de música do Centro Livre de Artes, no Museu de Arte de Goiânia, com audições abertas ao público, apresentando números individuais e em grupos de piano, flauta, violino, violão, órgão e percussão, objetivando despertar o gosto de ouvir e/ou interpretar obras de compositores eruditos e populares;

• De 29 de junho a 2 de julho de 1988, o Centro Livre de Artes expôs os trabalhos das oficinas integrada e de artes plásticas na sala de exposição do Palácio Municipal da Cultura, mostrando painéis, desenhos, modelagens e colagens executados por alunos a partir de 4 anos de idade. Também foi apresentado o show intitulado O circo para marcar o encerramento do semestre com música, artes plásticas (no cenário) e dança, no auditório da Faculdade de Educação da UFG.

Após ser criada a Secretaria de Cultura, Esporte, Turismo e Meio Ambiente, posteriormente transformada em Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo, o escritor José Mendonça Teles, incentivador do tombamento de prédios históricos de Goiânia e da valorização da memória goianiense, assumiu o cargo de Secretário e Coordenador de Cultura até 1992. Em sua gestão, apoiou a execução de projetos vindos das gestões anteriores, bem como incentivou novas realizações artísticas que contribuíram para o enriquecimento cultural goiano.



Figura 7 – José Mendonça Teles e professores do Centro Livre de Artes em sua gestão.

Fonte – Acervo do Centro Livre de Artes (1993).

Com base em registros históricos do Centro Livre de Artes, verifica-se que, com o passar dos anos, alguns desses projetos foram transformados em outras atividades artísticas, enquanto outros ali permaneceram ou tiveram continuidade em outras instituições, como:

1) Violões e violonistas goianos, que teve seu início em 1986, idealizado e coordenado por Fernanda Vasconcelos Furtado. Segundo registros históricos, foi constituído por um ciclo de recitais e palestras que muito valorizou, incentivou e divulgou a música no estado de Goiás e fora dele. Atualmente, este projeto continua em desenvolvimento em outra instituição.

2) Coral Municipal de Goiânia, criado e regido por Shubert Dias de Freitas, teve como co-repetidora a professora Adriana Andraus. Em 1993, teve como regente Lecy José Maria e em 1998 fez parte da Fundação Orquestra Sinfônica de Goiânia, tendo Sérgio Alves como regente.

3) Octeto Joaquim Edson de Camargo, criado e regido por Mário Martins; após seu falecimento, passou a se chamar Octeto Mário Martins. Em 1993, tornou-se a Camerata Municipal de Goiânia, sob a regência de Ângelo Dias.

4) Projeto Jovens Talentos Musicais de Goiânia, coordenado por Sônia Maria Camargo de Souza. Em concordância com registros históricos, o projeto descobriu e valorizou vários alunos – intérpretes e compositores, por meio de intercâmbio cultural entre as escolas de música da cidade.

5) Projeto Vida e obra de Octo Marques, idealizado e coordenado por Francis Marques Otto de Camargo Santana, foi implementado em 1992 para resgatar a memória de Octo Marques e valorizar todo o seu histórico.

6) Sarau do Pioneiro, que teve seu início em 1990 com o intuito de homenagear e valorizar aqueles que ajudaram a construir a história goiana, como Venerando de Freitas, Colemar Natal e Silva, Amália Hermano Teixeira e Waldomiro Bariane Ortêncio, entre tantas outras personalidades que contribuíram para o enriquecimento cultural desta comunidade. Em inúmeras edições do evento foram promovidas várias apresentações artísticas, envolvendo professores e alunos do Centro Livre de Artes.

No programa da 5ª edição do Sarau do Pioneiro ficaram registrados trechos do pensamento dos dois homenageados:

“Eu sou aquela mulher a quem o tempo ensinou. Ensinou a amar a vida. Não desistir da luta e ser otimista.” (Cora Coralina)

“Um quadro qualquer que eu faço é para mim como se fosse um filho meu. Dói-me o coração vê-lo sair do meu convívio, indo tomar destino diferente. Se me permitisse a sorte de mantê-lo sempre na minha propriedade...” (Octo Marques)

No programa da 13ª edição do Sarau do Pioneiro, que homenageou Josaphat Nascimento, José Mendonça Teles escreveu:

Adeus Josaphat

[...] Que saiam de mim os anos noventa. Agora sou todo antigo. Abro as portas do passado e caminho por esse chão de estrelas onde o seresteiro Josaphat, soltando a voz na garganta da noite, vai dormindo a lua e os românticos, nesse tempo solitário da memória.

7) Corpo de Baile, um trabalho que enfocou a dança de maneira diferenciada, iniciou-se em março de 1991 no setor de artes cênicas do Centro Livre de Artes. Por iniciativa de Durval de Souza Ibler, criou-se um corpo de baile composto por dez alunos bailarinos. Após várias audições, em aulas práticas e teóricas, os componentes do Corpo de Baile puderam demonstrar seu desempenho no espetáculo de estréia Neanderthal, apresentado em 22 de dezembro de 1991, no Teatro Goiânia. Em virtude de sua boa exibição e repercussão, a Secretaria Municipal de Cultura de Quirinópolis solicitou que o espetáculo fosse lá apresentado também na abertura da Semana de Valorização da Pátria (O Popular, 1º de setembro de 1993, p. 3).

8) Música na meia-idade, idealizado por Sônia Maria Camargo de Souza e Zenar Mundim, teve início em maio de 1991, no Centro Livre de Artes. De acordo com o relato da diretora Elizabeth Abreu Caldeira de Brito, este curso foi pioneiro em Goiás, uma vez que foi criado especialmente para pessoas que resolveram se dedicar à música após os 45 anos. Ela afirmou que já havia projetos semelhantes em outros estados, mas dentro da área de expressão corporal (CARDOSO, 1991). Vários participantes do curso também deram seus depoimentos:

A falta de oportunidades de realizar muitos dos ideais durante a vida foi o que levou Cidalina Albuquerque, 67 anos aposentada do Ministério da Economia, a retomar seus estudos de música. Simpatizante do órgão e do piano, anima-se com a turma já totalmente entrosada. “Aqui, a gente vê um horizonte alegre, novo, harmonioso e estou muito bem com essa turma”, confessa.

Também com 67 anos, Iva Oliveira era aluna da professora Zenar e assim resolveu ingressar no curso. Enfermeira aposentada, já havia dedilhado um acordeom e agora pretende experimentar também o órgão, pois dispõe de um em casa. “Uma idéia ótima essa de colocar os jovens mais idosos juntos”, comentou Iva a respeito do curso.

Aos 54 anos, o carpinteiro Antônio Francisco Tomaz, ainda na ativa, se declara apaixonado por música e apreciador do canto coral. “Participo do coral de minha igreja e componho algumas músicas de ouvido, mas entender a música em si me ajudará a chegar a reger um coral. Vou agarrar essa oportunidade”,

Casamento e filhos levaram para longe a vontade de Diva Siqueira Camargo, 58 anos, de se dedicar ao estudo da música. Ainda assim, na idade certa, colocou suas quatro crianças para iniciar uma educação musical. “Feliz ou infelizmente, só uma levou adiante, trabalha aqui na Secretaria há dez anos e é uma das idealizadoras do curso”, revela Diva, orgulhosa da iniciativa da professora Sônia Camargo de Souza.

Aparentemente animada, pretende se dedicar ao órgão e “até dezembro estarei tocando alguma música”, promete (O Popular, 1991, p. 2).

Além de oferecer aulas teóricas e práticas, neste curso houve a participação especial da folclorista Ely Camargo, que na época assumiu algumas turmas no Centro Livre de Artes:

História e música marcam presença nas aulas de Ely Camargo, que há 30 anos pesquisa o folclore brasileiro. No Centro Livre de Artes, a folclorista possui outra turma especial, que ela denomina carinhosamente de “meus alunos adultos”. São pessoas de mais de 45 anos com quem a professora mantém uma enriquecedora troca de experiências. “Passo para eles as minhas informações, de vivência e pesquisa. Noutra aula, tento o resgate da memória deles e são os alunos que me passam conteúdos novos e interessantes de seus tempos de criança,” avalia Ely Camargo (LISBOA, 1992, p. 2).

9) Coral Raio de Sol, criado em 1991, fazia parte do projeto Música na meia-idade. Contando inicialmente com 35 componentes, o grupo vocal sempre esteve à disposição da comunidade goianiense para apresentações em atividades culturais, conforme relato da diretora Débora Pereira de Moraes Carneiro Marra. Inicialmente sob a regência de Vasti Nogueira até o ano 1995 e, posteriormente, de Loertina Santana, desde a sua criação o coral já tinha participação ativa na vida cultural da cidade, como relatou Vasti Nogueira:

O trabalho do coral começou como uma atividade para alunos com mais de 45 anos e que faziam parte do curso de música do Centro Livre de Artes. Quando demos por conta, a coisa já havia se tornado bem mais séria do que pensamos. Apesar da idade dos seus componentes, o Raio de Sol não que ser visto como um coral da terceira idade. A nossa proposta é a de ser um grupo vocal à disposição da comunidade goianiense. As apresentações do coral não se limitam a um simples evento musical. A dança, as artes cênicas e as artes plásticas completam a música, fazendo dos eventos coloridos momentos de descontração e informação cultural (Diário da Manhã, 1993, p. 3).

Margarida Maria de Jesus Monteiro, uma das pioneiras deste coral, esclareceu que o grupo fez sua primeira apresentação em junho de 1991, durante o 10º Encontro Jovens Instrumentistas do Centro Livre de Artes. Naquela época, como os ensaios eram no período da noite, o grupo era composto por homens e mulheres; entretanto, a partir do ano em que os ensaios foram transferidos para o turno matutino, transformou-se em um grupo feminino, pois muitos integrantes do sexo masculino ainda exerciam atividades profissionais.

No decorrer dos anos, o Coral Raio de Sol vem se pautando por sua atuação engajada em diversos eventos culturais, tanto aqueles promovidos pelo Centro Livre de Artes como os desenvolvidos por outras instituições. Margarida Maria de Jesus Monteiro, integrante do grupo, referiu que, desde a sua fundação até o ano de 1993, o coral fez 30 apresentações, demonstrando que mesmo não sendo constituído por músicos profissionais, seus membros são interessados e capacitados e, principalmente, movidos pelo amor à arte:

Em 1991, eu ainda não estava no Raio de Sol, mas querendo levantar a história do coral, através das outras colegas pioneiras, descobri três apresentações no ano de 1991 e sete em 1992. Em 1993, eu pude registrar com fotos e textos 20 apresentações do Coral Raio de Sol. Apresentamos em vários lugares em Goiânia, como também em Quirinópolis e em Caldas Novas.



Figura 8 – Coral Raio de Sol em apresentação no Bosque dos Buritis.

Fonte – Acervo pessoal de Noemia Pereira Gomes (1992), aluna do Centro Livre de Artes.

Entre as várias apresentações do Coral Raio de Sol, destacam-se: 49º aniversário do batismo cultural de Goiânia (1942–1991), ano do centenário de nascimento de Pedro Ludovico, em 5 de julho de 1991, no Salão do Museu de Arte de Goiânia; 9º Recital do Ciclo de Recitais Jovens Talentos, em 28 de maio de 1992, no Teatro Goiânia; 12º Encontro de Jovens Instrumentistas do Centro Livre de Artes, em 23 de junho de 1992, no Salão do Museu de Arte de Goiânia; 10º Sarau do Pioneiro e 50º aniversário do batismo cultural de Goiânia (1942–1992), em 2 de julho de 1992, no Salão do Museu de Arte de Goiânia; 11º Sarau do Pioneiro, em 1º de outubro de 1992, no Salão do Museu de Arte de Goiânia; Lançamento do livro *João da praça*, de autoria de Lázaro Faleiro, em 13 de novembro de 1992, no Espaço Cultural Octo Marques; Cantata de Natal, juntamente com o Coral Children, em 4 de dezembro de 1992, no Salão do Museu de Arte de Goiânia; Abertura do projeto da Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Turismo intitulado Domingo é dia de bosque, em 23 de junho de 1993, no Bosque dos Buritis; recital Música Sempre, em 5 de dezembro de 1993, na Igreja

Matriz da Paróquia São Paulo Apóstolo; Vivendo nosso folclore, em 29 de setembro de 1994, no Museu de Arte de Goiânia.

10) Oficina Integrada Especial, dedicada a adolescentes e adultos com necessidades educacionais especiais, teve seu início a partir da experiência da professora Francis Marques Otto de Camargo Santana, musicóloga e educadora que já possuía experiência com alunos com necessidades educacionais especiais em outra instituição. Esta oficina foi posta em prática no Centro Livre de Artes contando com o apoio da então diretora Elizabeth Abreu Caldeira de Brito, que possibilitou o uso de uma das salas da instituição para a realização dessa primeira turma especial no ano de 1992.

Conforme relato de Francis Marques Otto de Camargo Santana, a oficina só se tornou possível a partir da vivência dos professores de oficina integrada (um dos cursos regulares oferecidos pelo Centro Livre de Artes), englobando música, dança e artes plásticas, e de seu treinamento, em julho de 1992, ministrado por Cleonice Copus, fundadora da escola Peter Pan e ex-presidente da Sociedade Pestalozzi de Goiânia. Continuando sua narrativa, Francis comentou:

Após o treinamento no mês de julho, em agosto de 1992, os professores resolveram adaptar o objetivo geral da oficina integrada (desenvolver o potencial criativo dos alunos, através da arte) à Oficina Integrada Especial, adequando o conteúdo de acordo com o ritmo próprio dos alunos.



Figura 9 – Francis Marques Otto de Camargo Santana: relato de experiência.

Fonte – Acervo do Centro Livre de Artes.

Dessa forma, com o propósito de ampliar o universo dos alunos e reintegrá-los à sociedade por intermédio das artes, em agosto de 1992 foi iniciada a primeira turma da Oficina Integrada Especial, constituída por 18 alunos com necessidades educacionais especiais. Como colaboradores para o cumprimento desta nova meta assumiram: Arilton Rocha (teatro), Carmem Fialho (dança), Ely Camargo (música e brincadeiras folclóricas), Rosângela Imolese Aguiar (artes plásticas) e Francis Marques Otto de Camargo Santana (coordenação geral).

O desenvolvimento dos alunos e as suas reações nas modalidades artísticas surpreenderam pais e professores da oficina, o que causou admiração e serviu como incentivo a todos. Tudo isso favoreceu novas visões quanto ao crescimento do curso, constatando-se a evolução dos alunos com necessidades educacionais especiais que frequentavam a Oficina Integrada Especial, pois “em menos de três meses o que eram simples e ininteligíveis rabiscos no papel passaram a vistosas e coloridas paisagens” (LISBOA, 1992, p. 2).

Durante o processo de desenvolvimento e crescimento da Oficina Integrada Especial, a coordenadora Francis Marques Otto de Camargo Santana, juntamente com a sua equipe, propiciaram o enriquecimento da atuação da oficina estabelecendo parcerias e encontros, tais como os celebrados com a Fundação Municipal de Desenvolvimento Comunitário (FUMDEC), a Secretaria Municipal de Educação (SME), a Secretaria Estadual de Educação (SEE) e a Superintendência de Ensino Especial (SUEE).

Em 1992, foi desenvolvida parceria com a organização norte-americana sem fins lucrativos Melwood Horticultural Training Center, sediada em Upper Marlboro, Maryland, Estados Unidos, especializada em preparar, colocar e acompanhar pessoas com necessidades especiais no mundo do mercado de trabalho.

Em 1994, a Oficina Integrada Especial recebeu um grupo da Melwood e foram realizadas várias atividades conjuntas, tais como mesas redondas na Associação Comercial, Industrial e de Serviços do Estado de Goiás (Acieg), discutindo *self-advocacy* e modelos de trabalho, entre outros temas, fazendo viagens turísticas a Brasília, Caldas Novas e Pirenópolis, e assistindo a algumas apresentações artísticas regionais.

A Oficina Integrada Especial foi se fortalecendo cada vez mais, novas turmas e oportunidades foram surgindo e, a partir da inclusão, determinada pela Lei nº 9.394 (BRASIL, 1996), passou por várias adaptações. Desse modo, o Centro Livre de Artes passou a atender os alunos com necessidades educacionais especiais não em turmas separadas, mas sim

agregados às turmas frequentadas pelos outros alunos. Para atender melhor a esta clientela, foi criado o setor de artes inclusivas, que acompanhou todos que apresentassem dificuldades acentuadas de aprendizagem, oferecendo-lhes atendimento específico com psicólogo, assistentes sociais e pedagogos. Nesse ínterim, foi realizado um concurso específico para selecionar e contratar outros profissionais especializados, como musicoterapeutas e arteterapeutas.

Em 1999, alunos e professores da Oficina Integrada Especial viajaram aos Estados Unidos e foram recebidos por representantes do grupo Melwood e pelo Programa Arte Sem Barreiras/Funarte/Very Special Arts do Brasil, associado ao Very Special Arts International de Washington, organização internacional sem fins lucrativos, cuja representante oficial no estado de Goiás na época era a coordenadora Francis Marques Otto de Camargo Santana.



Figura 10 – Alunos da Oficina Integral Especial com representantes do grupo Melwood, visitando uma estufa para o cultivo de plantas em Upper Marlboro, Maryland, Estados Unidos.

Fonte – Acervo do Centro Livre de Artes (1999).

11) Grupo de Dança Inclusiva do Centro Livre de Artes, criado em 1999 e atualmente denominado Grupo Goyá, constituiu um dos frutos da Oficina Integrada Especial. Este projeto contou com o apoio da Funarte/Rio de Janeiro, como parte do Programa Arte sem Barreiras, e de outras parcerias com a Superintendência do Ensino Especial, a Superintendência da

Secretaria Estadual de Educação, a Fundação Otavinho Arantes e a Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira (Agepel). Este grupo foi idealizado e coordenado inicialmente pelas professoras Carmem Fialho, uma das pioneiras da Oficina Integrada Especial do Centro Livre de Artes, e Francis Marques Otto de Camargo Santana. Atualmente, o grupo é coordenado pela professora Carmem Fialho, que incorporou a ele, no decorrer dos anos, técnicas de teatro e novos ritmos, como o sapateado e as danças contemporânea e afro, assim proporcionando maior desenvoltura aos alunos especiais.

Em 2002, o setor de artes inclusivas deixou de existir e os profissionais especializados, como musicoterapeutas, arteterapeutas, psicólogos e pedagogos foram absorvidos por outros setores do Centro Livre de Artes. Nesse período, a divisão de apoio psicopedagógico assumiu a função de assessorar os alunos com necessidades educacionais especiais.

12) Grupo Chor'arte, idealizado e coordenado por Zenar Mundim, responsável por educação musical, iniciou-se em 1991. Em seu relato para esta pesquisa, a musicista revelou como se deu a origem do grupo:

Naquela época, eu trabalhava com aulas de educação musical para adultos. Sempre trabalhei com aulas teóricas e práticas de piano e órgão. Como na minha vida profissional sempre gostei de executar músicas populares, surgiu a idéia de formar o grupo.

Observando o potencial dos alunos do curso de música e constatando que muitos já tocavam com desenvoltura, Zenar Mundim convidou alguns para integrar o grupo, que, no entanto, não se restringiu a estes, deixando em aberto a possibilidade de participação de outros músicos, desde que comparecessem aos ensaios com dedicação e seriedade.

Ao pensar no instrumental mais característico do choro e buscar boa sonoridade musical, Zenar Mundim pesquisou os instrumentos que poderiam ser integrados ao grupo e selecionou pessoas que tocavam violão, cavaquinho, saxofone, gaita e instrumentos de percussão, enquanto o piano, sempre executado com muito esmero, era exclusividade dela.

Após muitos ensaios e dedicação, o grupo de choro iniciou suas atividades artísticas, apresentando-se em várias localidades e ocasiões, como: homenagem à memória de Cora Coralina e Octo Marques, em 3 de maio de 1991, no Palácio Conde dos Arcos em Goiás; 12º Encontro de Jovens Instrumentistas do Centro Livre de Artes, em 25 de junho de 1992, no Salão do Museu de Arte de Goiânia; 10º Sarau do Pioneiro e 50º aniversário do batismo cultural de Goiânia (1942–1992), em 2 de julho de 1992, no Salão do Museu de Arte de Goiânia; 1º Recital do Centro Livre de Artes, em 13 de março de 1992, no Salão do Museu de

Arte de Goiânia; 4º Recital do Centro Livre de Artes, em 2 de setembro de 1992, no Salão do Museu de Arte de Goiânia; 11º Sarau do Pioneiro, em 1º de outubro de 1992, no Salão do Museu de Arte de Goiânia; 14º Encontro Jovens Instrumentistas do Centro Livre de Artes, em 30 de junho de 1993, no Salão do Museu de Arte de Goiânia; recital Música Sempre, em 2 de dezembro de 1993, no Auditório do Colégio Ateneu Dom Bosco; 12º Sarau do Pioneiro, em 25 de março de 1993, no Salão do Museu de Arte de Goiânia; 13º Sarau do Pioneiro, em 27 de maio de 1993, no Salão do Museu de Arte de Goiânia; Projeto Octo Marques, no 16º aniversário do Centro Livre de Artes, em 23 de outubro de 1993, no Teatro São Joaquim em Goiás; 17º Encontro Jovens Instrumentistas do Centro Livre de Artes, em 28 de junho de 1995, no Salão do Museu de Arte de Goiânia.



Figura 11 – Grupo Chor’arte em apresentação.

Fonte – Acervo pessoal de Zenar Mundim (1992).

A partir de 1993, quando se iniciou a nova administração municipal, ocorreram mudanças na área cultural. Na Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer assumiram sucessivamente, Kleber Adorno, Maria Abadia Silva e Itamar Pires. Na coordenação da Cultura, Carlos Brandão e Altino Barros.

Conforme relatório das atividades realizadas em abril de 1993, o Centro Livre de Artes registrou naquele ano 1.570 alunos regularmente matriculados e teve várias participações em eventos culturais, como:

- Em 26 e 27 de abril de 1993, Projeto Goiânia Viva, da Secretaria Municipal de Cultura, com a participação dos professores de artes plásticas Clodomiro C. Alves e Marli G. de Assis, da Escola Municipal São Luís, e Márcia Maria Sales da Silva e Rosângela Imolese Aguiar, da Escola Municipal Arcebispo Dom Emanuel;
- De 9 a 26 de junho de 1993, projeto Domingo é dia de bosque, uma exposição de trabalhos dos alunos das professoras de artes plásticas Adalva de Lima Santana Franco, Márcia Maria Sales da Silva e Rosângela Imolese Aguiar no Bosque dos Buritis;
- De 3 a 6 de maio de 1993, Semana do artista plástico, com palestras de Zenar Mundim (artista plástica e musicista) e Gomes de Souza (artista plástico) sobre a trajetória de vida e a obra de vários artistas plásticos consagrados.

No primeiro semestre de 1993, o Centro Livre de Artes apresentou intensa programação cultural:

O CLA – Centro livre de Artes, da Secretaria Municipal de Cultura, encerrou suas atividades do semestre com uma intensa programação cultural. Dia 30 encerrou a exposição de artes plásticas no hall de entrada; promoveu o 14º Encontro Jovens instrumentistas com grupos folclóricos da professora Ely Camargo; Coral Adulto do regente Schubert Dias; grupos de alunos de violão do professor Aurélio Zambom; coral infantil regido pela professora Vasti Silva Nogueira e grupo de choro da professora Zenar Mundim. Dia 29 último, os professores Durval Abler, Neide Cândido e Cláudio Caetano promoveram uma apresentação dos alunos de dança do CLA.

[...] A diretora Elizabeth Abreu Caldeira de Brito, do CLA, diz que o saldo do semestre foi altamente positivo. Então, o Secretário Kleber Adorno deve estar feliz também (REZENDE, 1993).

Naquela gestão, houve mudanças no Centro Livre de Artes. Amparada pela portaria do então Secretário de Cultura, de 1994 a 1995 Eliete Aparecida de Almeida assumiu a direção da instituição. Durante a nova administração, o Centro Livre de Artes continuou desenvolvendo as suas atividades com aulas e eventos artísticos, participando do crescimento cultural de muitos goianienses, conforme atesta o seguinte trecho de um artigo:

A arte de revelar talentos

Tocar um instrumento, cantar, dançar, desenhar são vocações que muitas vezes são sufocadas por simples falta de tempo, de opções e, principalmente, de dinheiro para pagar uma boa escola. O Centro Livre de Artes, no Bosque dos Buritis, atende a comunidade com cursos de música, dança, teatro e artes plásticas, oferecidos em várias opções de horários, cobrando uma mensalidade simbólica ou isentando de taxas quem não pode pagar.

Na definição da diretora da escola, Eliete de Almeida, o CLA, que é mantido pela prefeitura, “é um centro de cultura e de artes que se propõe a desenvolver atividades físicas motoras e culturais visando despertar vocações”. Além de desenvolver aptidões, os cursos do CLA funcionam como terapia para muitas pessoas que preferem se dedicar a uma atividade lúdica do que gastar o tempo à toa. A escola oferece opções para pessoas de 7 a 70 anos (BORGES, 1995, p. 3).

Dando prosseguimento aos projetos existentes na escola, incentivando a criação de outros e lutando para o desenvolvimento artístico da instituição, em sua gestão, a diretora Eliete Aparecida de Almeida enviou ao Ministério da Cultura um projeto para a implantação de uma biblioteca específica sobre o campo artístico no Centro Livre de Artes.

Entre julho de 1995 e janeiro de 1997, o Centro Livre de Artes teve uma nova administração, quando assumiu o cargo de direção a orientadora pedagógica Leília de Moraes, que não mediu esforços para que a escola continuasse a crescer em suas atividades artísticas.

Em 1995, teve início o projeto Apoio artístico, idealizado, elaborado e executado por Maria do Rosário Ribeiro, artista de grande habilidade manual. Este novo projeto contribuiu tanto para a comunicação visual das atividades executadas no Centro Livre de Artes, por meio da confecção e da atualização de belos murais educativos, como para o atendimento das reivindicações da administração e dos diferentes setores da instituição por ocasião dos eventos artísticos.

Segundo registros da instituição, nesta gestão ocorreram vários eventos culturais:

- Em 14 de novembro de 1995, o musical infantil Abelha abelhuda, no Teatro Goiânia;
- Em 28 de novembro de 1995, No coração do Brasil ficou meu coração, no Teatro Goiânia;
- De 29 de novembro de 1995 a 4 de dezembro de 1995, 19º Encontro Jovens Instrumentistas e Coristas do Centro Livre de Artes, na Sala Reinaldo Barbalho, no Museu de Arte de Goiânia;
- Em 27 de junho de 1996, exposição de artes plásticas, na Sala Reinaldo Barbalho, no Museu de Arte de Goiânia;
- Em 18 de agosto de 1996, II Fórum Goiano sobre Cultura, no Bosque dos Buritis;
- Em 20 de agosto de 1996, 19º Aniversário do Centro Livre de Artes, no Museu de Arte de Goiânia;
- De 17 a 30 de outubro de 1996, A cidade de Goiás homenageia Goiânia, no Museu de Arte de Goiânia;

- Em 6 e 7 de novembro de 1996, 21º Encontro Jovens Instrumentistas e Coristas do Centro Livre de Artes, na Sala Reinaldo Barbalho, no Museu de Arte de Goiânia;
- Em 2 de dezembro de 1996, recital de encerramento da turma de formação musical básica, na Sala Reinaldo Barbalho, no Museu de Arte de Goiânia;
- Em 25 de novembro de 1996, exposição de artes, apresentação de dança e coral dos alunos da Oficina Integrada Especial, na Sala Reinaldo Barbalho, no Museu de Arte de Goiânia;
- Em 17 de dezembro de 1996, Terça cultural, com sapateado e coral Vozes em canto do Centro Livre de Artes, no Saguão da Assembléia do estado de Goiás, em Goiânia.

No decorrer dessas atividades, o Centro Livre de Artes continuou despertando vocações e, em novembro de 1996, tinha 2000 alunos matriculados, cujo desenvolvimento artístico pôde ser comprovado na série de apresentações, realizadas no fim do ano (Diário da manhã, 1996).

De 1997 a 2000, sob um novo governo municipal, o Centro Livre de Artes passou por novas adaptações e o padre Cesar Luís Garcia assumiu a Secretaria de Cultura. Na direção do Centro Livre de Artes, estiveram Ana Maria Alvim de Souza, de janeiro a dezembro de 1997, e Ivana Alvarenga da Silva Faria, de janeiro de 1998 até junho de 2001.

Durante a gestão da Ana Maria Alvim de Souza, apesar de algumas dificuldades administrativas, o Centro Livre de Artes manteve suas atividades artístico-culturais. A orientadora pedagógica Leda Said Franco Valadão idealizou e coordenou a 1ª Semana Pedagógica, que proporcionou momentos de discussão e redefinição da filosofia da instituição, assim como promoveu a qualificação e a autonomia do corpo docente pela ampliação e valorização do seu universo educativo-cultural.

No final de 1997, o Ministério da Cultura, em convênio com a Secretaria de Cultura de Goiânia, contemplou o Centro Livre de Artes com a aquisição de móveis e equipamentos para a implantação da biblioteca, projetada desde o ano de 1995. Eliete Aparecida de Almeida, idealizadora da biblioteca, feliz com a concretização do projeto, forneceu o seguinte relato durante sua entrevista para este estudo:

Era um sonho que eu queria realizar, e que graças a Deus tornou-se realidade. Eu não concebia a idéia de ser o Centro Livre de Artes um centro de cultura e não possuir uma biblioteca. Batalhei e levei adiante o meu sonho. Fizemos o projeto e o enviamos à Secretaria de Cultura (Departamento de Planejamento). Então, ele foi aprovado pelo Ministério de Cultura. Muitas colegas do Centro Livre de Artes não acreditavam nesta possibilidade, devido ao problema do espaço físico. Mas, o nosso

esforço foi maior do que a descrença e o resultado está aí. Espero estar sendo de grande proveito para todas as pessoas que a procuram para realizar seus trabalhos de pesquisa.

No ano de 1998, com o apoio da administração geral do Centro Livre de Artes, ali foi criada a divisão de apoio psicopedagógico com a finalidade de auxiliar todo o seu quadro docente e discente.

Em 1999, foi realizado um concurso municipal, organizado pela Secretaria de Cultura, para a contratação de novos docentes para o Centro Livre de Artes, de modo a favorecer a ampliação do atendimento no campo artístico já no ano de 2000. Assim, na gestão da diretora Ivana Alvarenga da Silva Faria, embora esta não tenha formação na área artística, a instituição recebeu grande apoio administrativo e artístico-cultural, como atestado no trecho a seguir, compilado de registro histórico da instituição, elaborado em agosto de 1998:

O departamento Centro Livre de Artes, hoje sob a direção de Ivana Alvarenga da Silva Faria, desde 1º de março de 1998, tem como metas principais estruturar o espaço físico, equipamentos e quadro de professores e funcionários, oferecendo à comunidade várias opções culturais, nas áreas de artes plásticas, dança, música e teatro. Tem também como meta juntamente com o apoio do Secretário de Cultura, César Luís Garcia, a implantação de pólos do Centro Livre de Artes em várias regiões da cidade.

O Centro Livre de Artes realiza eventos em todas as áreas. Apresentando aos pais e à comunidade goianiense o resultado do trabalho desenvolvido durante o ano, com espetáculos em teatros, como: Teatro Goiânia, Martim Cererê, Teatro da Escola Técnica Federal de Goiás e a do último ano, no Teatro Rio Vermelho do Centro de Cultura e Convenções de Goiânia, com um público de aproximadamente 1.600 (hum mil e seiscentas) pessoas.

Atualmente, o Centro Livre de Artes conta com 76 (setenta e seis) professores, muitos graduados e/ou licenciados na área que ministram, para atendimento de aproximadamente 2.000 (dois mil) alunos.

Atendemos solicitações de órgãos governamentais e não-governamentais, para apresentações em eventos culturais. O encerramento das atividades junto aos alunos acontece no final de cada ano com vernissages, recitais e grandes espetáculos, criados e adaptados pelos nossos professores.

Conforme registros da instituição, naquela gestão foram iniciados vários projetos, como:

1) Literatura em canto, idealizado por Goiana Vieira da Anunciação e Kátia Leonel de Souza com o objetivo de levar obras literárias produzidas no estado de Goiás ao conhecimento dos alunos de música do Centro Livre de Artes. Após a seleção das obras literárias, os alunos compunham melodias para musicá-las. Conforme registro histórico de 1998, na inauguração do projeto homenageou-se o escritor e professor José Mendonça Teles, com sua obra *Quando os flamboyants florescem*.

2) Fest'arte, criado por Leda Said Franco Valadão visando proporcionar novas reflexões no campo das artes e subsidiar o corpo docente da escola para atuar no terceiro milênio, despertando nova postura de investigação sobre o seu trabalho, tão necessária à formação dos alunos ávidos de conhecimento.



Figura 12 – Grupo pedagógico apoiando o Fest'arte.

Fonte – Acervo do Centro Livre de Artes (1999).

3) A divisão de artes plásticas do Centro Livre de Artes, acreditando na importância do papel social da arte, ofereceu aos educadores do Projeto Cidadão 2000 a iniciação à arte em quatro modalidades de cursos: desenho experimental, pintura experimental, modelagem em argila e construção em sucatas.

4) Projeto de Musicoterapia para o Centro Livre de Artes, idealizado pelas musicoterapeutas Emília Maria Alves Dias e Nívia Araújo de Souza, promoveu a inclusão da musicoterapia na divisão de apoio psicopedagógico e teve como objetivo atender, de forma terapêutica, alunos e servidores sempre que necessário.

5) Projeto Quinteto Harmonizza, idealizado pela coordenadora de música Sônia Maria Camargo de Souza, que solicitou aos professores de música a preparação de um número musical para a abertura do primeiro Fest'arte do Centro Livre de Artes. Os objetivos do grupo, composto pelas professoras de música Edna Sampaio, Elza de Almeida, Grace Tiplle, Loertina Santana e Martha Santos, são o resgate e a divulgação da música popular brasileira (MPB), com obras de compositores brasileiros mundialmente conhecidos, como Chico Buarque, Tom Jobim, Vinícius de Moraes, e também compositores e artistas goianos, como Elza de Almeida, Marcelo Barra, Rinaldo Barra, Fernando Perillo, Nars Chaul e Lêda Selma.



Figura 13 – Quinteto Harmonizza em apresentação.

Fonte – Acervo do Centro Livre de Artes (1999).

6) Projeto dança inclusiva, do Grupo Goyá, coordenado por Carmem Fialho, com o objetivo de realizar apresentações artísticas, exemplificando a arte na perspectiva da inclusão e da superação de barreiras no processo educacional e cultural.

7) Projeto ateliê aberto em homenagem ao dia do artista plástico, idealizado pelos professores de artes plásticas do Centro Livre de Artes, visando: valorizar a importância do artista para a formação de nossa cultura, levar ao conhecimento do aluno a arte produzida em Goiás e promover o diálogo entre o artista plástico e o aluno, refletindo sobre a obra e o processo de criação.

De 2001 a 2004, de acordo com registros históricos da própria instituição, o Centro Livre de Artes enfrentou outros desafios administrativos. Sob nova gestão do governo municipal, Sandro Ramos de Lima assumiu a Secretaria de Cultura e o Centro Livre de Artes teve sua direção alterada várias vezes. Foram eleitas pelas comunidades docente e discente Adriana Andraus como diretora e Edna Rosane de Souza como vice-diretora, as quais foram posteriormente substituídas por Luciana Ribeiro Pinheiro Torres e Marisa Careli Gondim, que respectivamente assumiram a coordenação geral da instituição.

Em busca de melhor adequação do espaço físico, sob a orientação do secretário de cultura e juntamente com engenheiros e arquitetos municipais, decidiu-se elaborar um projeto de reforma do espaço físico do Centro Livre de Artes. Após a aprovação da planta da reforma

e da obtenção dos recursos financeiros municipais para a execução, a instituição teve transferido todo o seu equipamento para um sobrado alugado na Rua 90, Qd. F-47 Lt. 142, Setor Sul. Como a localização provisória não era de tão fácil acesso como no Bosque dos Buritis, o número de alunos sofreu redução.



Figura 14 – Centro Livre de Artes em reforma.

Fonte – Acervo do Museu de Arte de Goiânia (2004).

Apesar dessas dificuldades, o Centro Livre de Artes não deixou de produzir atividades artísticas e culturais e, durante o período de 2001 a 2004, inúmeros foram os eventos promovidos pela instituição. Entre estes, destacam-se a seguir alguns projetos iniciados naquela ocasião e que já foram encerrados:

1) Projeto Atitude, criado por Luciana Ribeiro Pinheiro Torres para apoiar as casas que trabalham com recuperação de ex-crianças de rua, possibilitando sua inclusão no mundo da dança.

2) Projeto A fábula da borboleta, elaborado pelos professores da oficina de arte integrada para incentivar a criatividade, enfatizar valores morais e proporcionar experiência de palco a todos os alunos participantes.

3) Projeto de papel reciclado artesanal, idealizado por Carlos Henrique de Souza Lima, Lucélia Badan, Luciane Ucella, Susley Martins Fernandes e Maria Lúcia Magalhães Nogueira

para incentivar a reciclagem de papel, ensinando processos de produção e desenvolvimento da expressão criativa na manipulação dos papéis reciclados obtidos para a construção de idéias, a percepção e a sensibilidade no percurso da criação.

4) Projeto Orquestra de Câmara Jovem, elaborado por Sui-Mei Fraissat Pugliese e Wyslaine Nogueira de Aguiar para criar uma orquestra de câmara jovem no Centro Livre de Artes e promover o desenvolvimento cultural e artístico dos alunos, assim como sua habilidade de tocar em orquestra.

5) Projeto Duo piano–violoncelo, elaborado por Tânia Mara Moreira Braga e Wyslaine Nogueira de Aguiar com os objetivos de divulgar estes instrumentos e incentivar professores e alunos para a prática de câmara.

6) Projeto Grupo diz sonância, idealizado por Sui-Mei Fraissat Pugliese e Wyslaine de Aguiar para promover recitais didáticos em escolas públicas e divulgar as músicas erudita, popular e folclórica.

7) Projeto de harmonização e improvisação nos diferentes estilos musicais, desenvolvido por Daisy Borges Campos Oliveira, Eliana Ribeiro de Paula Camelo, Meygla Rezende Bueno, Míriam Martins Motta Oliveira e Rosângela dos Reis Protásio com o intuito de desenvolver a criatividade do aluno por intermédio de improvisações e arranjos específicos para instrumentos de teclado.

8) Projeto de edições de partituras e arranjos para grupo de sopro, elaborado por Rony Karlo de Lima com os objetivos de editar partituras, fazer arranjos e adaptações musicais e formar um arquivo de partituras para o grupo de sopro do Centro Livre de Artes.

9) Projeto Abram alas para este e outros carnavais, criado por Edsonina Josefa de Carvalho, Francis Marques Otto de Camargo Santana, Neide Cândido Ramos Toledo e Tereza Martins Lisboa visando divulgar a história do carnaval brasileiro em geral, abordando particularmente os carnavais dos primórdios das cidades de Goiás e Goiânia.

10) Projeto Aprendizado musical sem barreiras, idealizado por Débora Pereira de Moraes Carneiro Marra para ampliar o universo da aprendizagem musical por meio da transcrição de partituras para pessoas com necessidades especiais.

11) Projeto A canção brasileira e a ária antiga, elaborado por Rogério Rodrigues de Oliveira e Maria Caroline de Souza Porto com o propósito de efetuar seminários sobre a canção erudita brasileira e a ária antiga italiana.

12) Projeto Grupo de sax, criado por Kennedy de Oliveira Porto para desenvolver atividades musicais de modo a possibilitar a participação dos alunos em eventos culturais.

13) Projeto Música de câmara, desenvolvido por Dilma de Oliveira e Silva e Maria José Martins Capuzzo com o intento de complementar o trabalho diário dos professores de vários instrumentos (violino, viola, flauta, piano e teclado) propiciando aos alunos vivenciar o processo de fazer música em conjunto, assim ampliando seus conhecimentos teóricos e práticos.

14) Projeto Divulgando a música erudita brasileira, idealizado por Ana Léia N. M. do Nascimento visando familiarizar os alunos do Centro Livre de Artes com a música erudita, mais especificamente a brasileira.

15) Projeto Padrões rítmicos, elaborado por Edivânia Medeiros Lima Borges, Edsonina Josefa de Oliveira e Rosângela dos Reis Protásio com o objetivo de levar os alunos a vivenciar diferentes padrões rítmicos no piano e no teclado para possibilitar melhor desempenho instrumental.

16) Projeto Análise da influência da música no desenvolvimento cognitivo de crianças, desenvolvido por Adriana Vilas Boas Prado com o intuito de analisar a influência da música/educação musical no desenvolvimento de crianças de 6 a 7 anos de idade pela observação do processo de alfabetização e desenvolvimento da escrita, observando-se as produções gráficas e as hipóteses de escrita resultantes do vínculo entre cultura e conhecimento.

17) Projeto Duo violones, criado por Maria Aparecida de Jesus Sousa e Randal Cordeiro Braz visando contribuir para a divulgação da música de câmara de modo a formar um público consciente e promover apresentações em escolas da rede municipal de ensino formal e informal.

Entretanto, outros projetos também iniciados naquela época continuam ativos até hoje, destacando-se:

1) Dança e Coral Raio de Sol, idealizado por Cristina Bonetti, com o intuito de propiciar melhor conhecimento de si mesmo, conscientizando a comunidade acerca do rico acervo de possibilidades que tem o ser humano por intermédio de danças étnicas e folclóricas de diversos povos, culturas e tradições do planeta.

2) Danças tradicionais brasileiras, criado por Cristina Bonetti visando desenvolver e realizar ações que levam ao resgate e à produção cultural, explorando os elementos do campo de ação do folclore e os símbolos essenciais das danças tradicionais brasileiras.

3) Projeto de oficinas de modelagem em argila, desenvolvido por Fernanda Coelho, Giovanna Virgonalto Rodrigues e Simone Marcel Martins de Castro com o objetivo de ampliar e qualificar as oficinas de artes plásticas, capacitando melhor o aluno para a execução tanto de trabalhos artísticos quanto de peças utilitárias.

4) Projeto de oficinas de pintura com pigmentos naturais vegetais e minerais, criado por Cacilda Nunes Vitória, Izilda Colômbia de Barros Godinho, José Carlos Batista Nogueira, Maria Lúcia Magalhães Nogueira e Márcia Maria Sales da Silva para preservar a cultura regional e a arte indígena, desenvolver a arte das tintas com pigmentos naturais, exercitar a preocupação ambiental, tão necessária na contemporaneidade, e oportunizar estes conhecimentos aos professores da rede municipal e membros da comunidade em geral.

5) Projeto Um diálogo com a cultura popular, idealizado por Ana Cristina Elias com o intento de criar um espaço de ensino de arte em que haja diálogo entre os participantes acerca da cultura da sua região e dos conteúdos propostos pelo Centro Livre de Artes.

6) Projeto Estudos de hinos pátrios, criado por Goiana Vieira da Anunciação e Adriana Andraus visando ensinar os hinos pátrios nas escolas municipais de Goiânia, bem como resgatar e incentivar a cidadania dos indivíduos.

7) Projeto Recital didático, desenvolvido por Danilo Verano com o intuito de mostrar aos alunos da rede particular de ensino o violão instrumental e suas possibilidades, bem como apresentar obras de diversos compositores e estilos dentro de uma contextualização histórica e estética.

8) Projeto Duo piano–flauta transversal, idealizado por Cláudia Oliveira Finotti Brazão e Tânia Mara Moreira Braga para identificar a música como uma expressão cultural comprometida com a formação do homem e incentivar nos alunos o gosto pela música, valorizando as atividades culturais.

9) Projeto Explorando a MPB, criado por Ana Paula Siqueira e Silva, Josilene Mendes Amaral, Levi Teixeira e Myrna Campioni Diniz com os objetivos de contribuir para o crescimento cultural da cidade por meio de diversos autores da música popular brasileira, trabalhar a formação de público e desenvolver conhecimento crítico musical.

10) Projeto Madrigal do Centro Livre de Artes, desenvolvido por Vinícius Carneiro e Tereza Martins Lisboa com o intento de constituir um grupo para representar o Centro Livre de Artes e a Secretaria Municipal de Cultura em momentos culturais na cidade de Goiânia.

11) Projeto Oficina de violão, elaborado por Randal Cordeiro Braz para promover a iniciação ao instrumento de forma a contemplar as diversas possibilidades de atuação.

12) Projeto A arte de criar sons percutidos com os pés no sapateado, idealizado por Teresinha Lydice Cardoso com a intenção de oportunizar a descoberta de novos ritmos, transmiti-los e executá-los com segurança, além de construir novos passos de sapateado.

13) Projeto Website para o Centro Livre de Artes, elaborado por Judson Castro Costa com os objetivos de divulgar e registrar todas as realizações da instituição e permitir a integração da comunidade formada por seus usuários por meio de mensagens virtuais.

14) Projeto Amor, idealizado por Hania Ermione Mesquita com o objetivo de executar um trabalho com as internas da casa de recuperação de toxicômanos na Fazendinha Senhor Jesus.

15) Projeto de dança sagrada Por uma cultura de paz, elaborado por Cristina Bonetti com os objetivos de estimular a autoestima e o conhecimento das próprias qualidades, disponibilizando conteúdos para o processo de crescimento pessoal e de conhecimento humano, bem como para desenvolver as habilidades de se integrar e relacionar-se com diferentes pessoas.

16) Projeto Antologia do choro – recitais e palestras, criado por Oscar Wilde Ayres da Silva, atualmente em execução no Grande Hotel.

17) Projeto Orquestra jovem do Centro Livre de Artes, criado por Eliseu Ferreira da Silva e Marina Machado Gonçalves visando criar uma orquestra sinfônica jovem com finalidades didáticas, atualmente em andamento em outra instituição.

Sob nova gestão municipal, de 2005 a 2007, o Centro Livre de Artes retornou ao Bosque dos Buritis após o término da reforma do prédio, iniciada na gestão anterior. Kleber Adorno assumiu a Secretaria de Cultura por mais um mandato e Débora Pereira de Moraes Carneiro Marra, professora graduada em música pela UFG, assumiu a direção do Centro Livre de Artes. Nessa gestão, com sua sede mais adaptada para atender aos usuários, o Centro Livre de Artes prosseguiu com as atividades artísticas oferecendo diferentes cursos à comunidade.

Após a reforma, que perdurou até 2005, por decisão da direção, professores e funcionários administrativos, uma das salas de dança foi denominada Cirene Lopes Botelho e a biblioteca recebeu o nome de Eliete Aparecida de Almeida, em homenagem às duas funcionárias que tanto se dedicaram ao Centro Livre de Artes, o que trouxe alegria e surpresa para as homenageadas, conforme relatou Eliete em sua entrevista à mestranda-pesquisadora:

Quanto à sua denominação, não imaginava jamais em minha vida ter o meu nome, porque no projeto estava “projeto para a implantação de uma biblioteca no Centro Livre de Artes”. Hoje, vejo a biblioteca como a concretização de um sonho que se tornou realidade. A família do Centro Livre de Artes, em seu todo, merecia esta biblioteca.

Na administração de Débora Pereira de Moraes Carneiro Marra, algumas parcerias foram estabelecidas com o Centro Livre de Artes, tendo em vista as diferentes modalidades artísticas ministradas, bem como a qualidade de ensino oferecido à comunidade. Em maio de 2006, a direção da instituição foi procurada pelo Curso de Educação Musical da UFG solicitando um espaço para que seus acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Musical pudessem realizar estágios curriculares.

Sendo o Centro Livre de Artes uma instituição direcionada ao campo específico da arte, surgiu na comunidade o interesse por cursos preparatórios direcionados ao exame de seleção para os cursos da UFG que requerem provas específicas de aptidão. Nesse ínterim, Marisa Careli Gondim, professora de música que muito colaborou na reformulação do curso de música do Centro Livre de Artes em 1982, convidou Edna Rosane de Souza Sampaio para que juntas assumissem o curso preparatório de música. Desde a sua implantação, este curso vem propiciando a aprovação de quase 100% dos candidatos ao Curso Superior de Música na UFG, evidenciando a contribuição do Centro Livre de Artes na formação cultural goianiense, como se pode perceber na fala do professor de artes plásticas Gildo Pereira Teixeira quando foi entrevistado para esta pesquisa:

O Centro Livre de Artes, por proporcionar o conhecimento artístico em diferentes linguagens, pode ser considerado uma referência em Goiânia, inclusive pelo fato de que muitos alunos o procuram para adquirir conhecimentos a fim de ingressar em instituições de nível superior, como na UFG.

Por intermédio das aulas ministradas, da execução de projetos, das exposições dos trabalhos dos alunos de artes plásticas e das apresentações artísticas no próprio Centro Livre de Artes e em vários outros locais na cidade, na presente gestão, a entidade continuou a crescer, sendo relevante para todos aqueles que a conhecem e têm acompanhado a sua trajetória. Nesse sentido, Débora Pereira de Moraes Carneiro Marra, diretora atual, afirmou

em seu relato que “O Centro Livre de Artes é um centro de formação na área artística não-profissionalizante. Pode ser considerado um local de descoberta de talentos”.

A professora Ilda Naves de Almeida Nunes, pioneira da Escola Municipal de Música José Ricardo de Castro, em sua entrevista, revelou:

Eu me sinto muito feliz por ser uma das fundadoras da Escola. O Centro Livre de Artes é muito importante para Goiânia. De uma semente humilde, nasceu o nosso grande Centro Livre de Artes de hoje, considerando o aprimoramento com a implantação e a implementação de vários projetos, que contribuíram e contribuem cada vez mais para o crescimento de todos que têm a felicidade de atuar e participar nas diversas modalidades.

Do mesmo modo, Walmir Mendes de Souza, ex-aluno do Centro Livre de Artes, confirmou em seu depoimento colhido durante o presente estudo: “O Centro Livre de Artes foi uma porta que me foi aberta para crescer culturalmente, proporcionado, com isso, uma melhor qualidade de vida”.

2.3 Centro Livre de Artes: realidade atual



Figura 15 – Centro Livre de Artes atualmente.

Fonte – Leonardo Pereira Gomes (2008).

Atualmente, o Centro Livre de Artes continua localizado no mesmo espaço físico em que se encontra o Museu de Arte de Goiânia, ocupando juntos uma área de 1.618 m², com

instalações estruturadas em salas para todas as atividades artísticas oferecidas, salas para a direção, a coordenação, os professores, o apoio psicopedagógico, as seções de informática e de cópias, assim como espaços para a biblioteca, a secretaria, os banheiros masculinos e femininos e a cozinha. Apesar da reforma executada, a instituição ainda não possui um auditório específico para as suas apresentações, o que torna difícil a realização de grandes eventos artísticos, muitas vezes sendo necessário alugar espaços para isto.

Nos dias atuais, o Centro Livre de Artes atua fundamentalmente no ensino das artes nas diferentes linguagens artísticas: música, artes plásticas, artes cênicas e oficinas. Seu quadro de profissionais especializados, funcionários administrativos e direção tem contribuído para o ensino e a propagação da arte na cidade de Goiânia, propiciando acesso ao conhecimento artístico a centenas de crianças, jovens e adultos. Atualmente, a escola conta com 40 professores de música, 20 de artes plásticas, 12 de artes cênicas, uma psicopedagoga, uma psicóloga, duas arteterapeutas e duas pedagogas, todos graduados e pós-graduados na área de conhecimento em que atuam.

Sob a direção de Débora Pereira de Moraes Carneiro Marra, o Centro Livre de Artes atende atualmente um total de 1966 alunos, a partir de 4 anos de idade, nos turnos matutino, vespertino e noturno, assim distribuídos: 208 em oficina integrada, 561 em dança, 515 em artes plásticas e 682 em música. O atendimento abrange alunos iniciantes e artistas já atuantes nas diversas áreas oferecidas por meio de cursos sequenciados e não-sequenciados que proporcionam formação básica e informação em arte e apreciação estética.

O critério de efetivação das matrículas, nos dias atuais, não se baseia em testes de aptidão artística nas linguagens oferecidas (música, artes plásticas, artes cênicas e oficinas), mas na ordem de chegada dos interessados nos cursos oferecidos, em datas estabelecidas pelos seus administradores. Em caso de procura por ensino mais adiantado, efetua-se o teste de nível para verificar em que turma o futuro aluno poderá ingressar. O custo financeiro para os interessados em matricular-se na instituição é de três taxas de 25 reais por semestre, sendo a primeira efetuada no ato da matrícula e as outras duas no decorrer do semestre.

Apesar de o Centro Livre de Artes ser uma instituição municipal, há essas taxas a serem pagas por todos, com exceção dos usuários carentes financeiramente, que depois de passar por entrevistas com os profissionais do apoio psicopedagógico e de comprovar sua renda mensal, conforme as normas internas do Centro Livre de Artes, artigo 4, ficam isentos dessas taxas. Vale ressaltar que o dinheiro arrecadado na instituição tem amparo na Lei nº 7.957, de Incentivo à Cultura (GOIÂNIA, 2000), revogada parcialmente pela Lei nº 8.146

(GOIÂNIA, 2002), que em seu artigo 26, inciso XI, estabelece que constituirão receitas do Fundo de Apoio a Cultura (FAC) as taxas provenientes do Centro Livre de Artes. Assim sendo, ao matricular-se na instituição, os alunos depositam essas taxas destinadas ao FAC no Banco do Brasil, agência 0086-8, conta corrente 11.815-x.

Despertar, incentivar, ensinar, divulgar e promover a arte para todos que se mostrem interessados, assim como contribuir para as manifestações artístico-culturais da comunidade têm sido os objetivos do Centro Livre de Artes. Os cursos e as oficinas ali oferecidos contemplam a diversidade cultural, favorecendo a busca da comunidade por sua vocação artística, propiciando crescimento artístico-cultural a seus alunos em especial e à população em geral, pois seus corpos docente e discente estão sempre compartilhando este conhecimento com o público presente nos eventos que o Centro Livre de Artes promove.

Assim sendo, conforme registros dos setores da instituição, atualmente são disponibilizadas para a comunidade as atividades artístico-culturais enumeradas a seguir, de acordo com as linguagens artísticas abordadas na instituição, com os seus respectivos coordenadores, além dos projetos em andamento.

2.3.1 Música



Figura 16 – Alunos do curso de música praticando violão.

Fonte – Rosângela dos Reis Protásio (2008).

A divisão de música do Centro Livre de Artes, sob a coordenação de Adriana Andraus, professora de música da instituição, oferece cursos sequenciais de formação básica teórica e instrumental, com duração de três a cinco anos, dependendo da faixa etária, e cursos livres na forma de oficinas, com duração de um ano.

O curso de formação básica compreende várias disciplinas, como: vivência musical, para alunos de 7 a 8 anos de idade; iniciação musical, para alunos de 9 a 10 anos de idade; e musicalização I, II e III para alunos a partir de 10 anos de idade.

No curso de musicalização, os alunos vivenciam: teoria, ritmo e som, canto coral, organologia, história da música e prática instrumental. Os instrumentos oferecidos na prática instrumental são: violão erudito e popular, violino, violoncelo, flauta doce e transversal, piano, teclado e órgão. Os alunos que optam pelas aulas de canto individual não fazem a prática instrumental, uma vez que a voz já constitui um importante instrumento a ser trabalhado.

Os cursos livres ou oficinas são oferecidos àqueles que desejam conhecer um pouco de música ou querem aprimorar seus conhecimentos em áreas específicas. Neste segmento, atualmente são oferecidas as seguintes opções:

- 1) Coral Raio de Sol – coro composto por mulheres acima de 45 anos de idade;
- 2) Introdução à harmonia – oficina que tem como pré-requisito o conhecimento acerca de teoria musical, assim como a prática de um instrumento harmônico, como piano, teclado, violão ou guitarra;
- 3) Harmonia I – oficina que dá sequência ao aprendizado da Introdução à harmonia;
- 4) Preparatório ao vestibular – oficina que prepara alunos para fazer a prova de conhecimento específico na área de música no vestibular da UFG;
- 5) Cajon – oficina de percussão para alunos acima de 15 anos de idade.

Todas as disciplinas oferecidas no curso de música propiciam aos alunos conhecimento sobre a conceituação dos elementos da notação musical, desenvolvimento da percepção e da vivência artística, conhecimento acerca da evolução histórica da música e dos instrumentos musicais, bem como desenvolvimento do desempenho individual.

2.3.2 Artes plásticas



Figura 17 – Alunas do curso de artes plásticas em ação.

Fonte – Leonardo Pereira Gomes (2009).

A divisão de artes plásticas do Centro Livre de Artes, coordenada pela professora de artes plásticas da instituição, Taíse Faustino Chaveiro, oferece vários cursos com duração de um semestre. Embora os trabalhos sejam executados individualmente, os alunos que já adquiriram experiência compartilham a mesma oficina com os alunos iniciantes, o que oportuniza as trocas de idéias e soluções de modo a estimular e a favorecer o processo criativo e a expressão no trabalho plástico. Atualmente, são oferecidos cursos nesta linguagem artística para crianças e adolescentes, bem como para adultos:

A) Cursos para crianças e adolescentes

1) Desenho, pintura e mangá – são trabalhados temas variados com materiais específicos de desenho e pintura em papel e tela. Também são ministradas aulas específicas sobre mangá, desenho de origem japonesa com características próprias para a criação de personagens de revistas em quadrinhos e desenhos animados;

2) Iniciação de animação – ensina técnicas de desenho animado por intermédio de construções com massinha e recortes de desenhos que são posteriormente colocados em

computador para produzir a animação. A parte de computação também é demonstrada aos alunos para que possam desenvolver seus trabalhos em casa, já que são necessários programas especiais para fazer a animação;

3) Desenho, pintura e modelagem – possibilita o trabalho de crianças e adolescentes com a construção de objetos tridimensionais utilizando modelagem em argila e atividades práticas de desenho e pintura;

4) Desenho e pintura – são trabalhados temas variados com materiais específicos de desenho e pintura em papel e tela;

5) Pintura – ensina técnicas específicas da tinta acrílica e pigmentos com temas próprios do imaginário de crianças e adolescentes.

B) Cursos para adultos

1) Desenho de observação e experimental – trabalha técnicas do desenho a partir da observação do objeto e busca, por meio da experimentação de materiais e formas, estimular a expressão individual do desenho;

2) Pintura experimental e naturalista – propõe experiências com materiais e temas, dando ênfase à expressão pessoal na obra abstrata ou naturalista;

3) Desenho e pintura experimental – ensina técnicas do desenho tradicional de observação e técnicas de pintura, mescladas com atividades experimentais em suportes diferentes e com materiais alternativos. Também trabalha pintura em papelão e tela;

4) Desenho de moda – desenvolve o estilo próprio na criação da figura de moda feminina e também como representar, por intermédio do desenho, as roupas e seus inúmeros detalhes (aviamentos, acessórios, pregas, babados, franzidos). O aprendizado acerca da história da moda complementa esta oficina;

5) Modelagem em argila – ensina técnicas de modelagem em argila para a construção de objetos artísticos e/ou utilitários;

6) Caixas decorativas – introduz várias técnicas de decoração com caixas utilizando pintura, colagem, desenho e muita criatividade para aproveitamento de caixas de papelão, madeira e outros materiais, com técnicas específicas de artesanato;

7) História da arte I – introduz o estudo da arte pré-histórica, mesopotâmica, egípcia, grega, romana, período medieval (paleocristã, bizantina, românica e gótica), renascimento, barroco, rococó, neoclássico, romantismo e realismo, com o intuito de valorizar a produção artística como importante fonte de expressão do pensamento humano. Tem como objetivos: compreender a obra de arte inserida no contexto histórico e social em que foi produzida; desenvolver a capacidade criativa e crítica dos alunos; levar os alunos a apreciar, relacionar e conhecer o valor estético de cada estilo em sua dimensão poética.

8) História da arte II – desenvolve conceitos de arte e estética, elementos da obra de arte e interpretação sociológica da arte. Também aborda: arte, filosofia e ciência; arte como expressão social do momento histórico; arquitetura, pintura e escultura do impressionismo até o século XXI; impressionismo, pós-impressionismo, expressionismo, simbolismo, fauvismo, cubismo, futurismo, abstracionismo, dadaísmo, surrealismo, expressionismo abstrato, pop e op art, arte conceitual, arte contemporânea dos anos 60, 70, 80 e 90, arte e tecnologia e o início do século XXI. Tem como objetivos: fundamentar opiniões para melhor compreender obras de arte, articulando a percepção e a reflexão por meio da obra de arte; identificar as principais características de cada estilo de arte abordado; compreender a obra de arte inserida no contexto histórico e social em que foi produzida; comparar e relacionar estilos de arte, identificando as semelhanças e dicotomias existentes; estimular o interesse, o entendimento e a capacidade crítica das relações sociais pelo estudo da história da arte; valorizar a produção artística como importante fonte de expressão do pensamento humano.

2.3.3 Artes cênicas

Sob a coordenação de Neide Cândido Toledo, professora de artes cênicas da instituição, a divisão de artes cênicas do Centro Livre de Artes trabalha as formas de expressão corporal oferecendo cursos sequenciais com duração de três a quatro anos e oficinas com duração de um ano. Atualmente, são oferecidos cursos sequenciais para crianças a partir de 5 anos de idade, adolescentes, adultos e terceira idade, com objetivo artístico e não terapêutico. Há também cursos não-sequenciais ou oficinas livres oferecidos a adolescentes a partir de 15 anos de idade e a pessoas da terceira idade.



Figura 18 – Alunas do curso de artes cênicas em atuação.

Fonte – Rosângela dos Reis Protásio (2008).

A) Cursos sequenciais e oficinas

1) Danças circulares sagradas – ensinamento acerca de danças folclóricas de diversas partes do mundo, formas de expressão corporal consideradas bastante indicadas para a terceira idade, por trazer a oportunidade para que os alunos aperfeiçoem coordenação motora, concentração e ritmo, o que lhes propicia alegria e leveza ao cotidiano;

2) Jazz – introdução e desenvolvimento da técnica do jazz e vivências coreográficas, para a faixa de 12 a 30 anos de idade;

3) Dança – trabalha movimentos, formas, espaços e ritmo com crianças e adolescentes, criando células coreográficas e proporcionando socialização e interpretação do movimento;

4) Sapateado – desenvolvimento da técnica do sapateado para crianças e adolescentes, incluindo noções posturais básicas e criatividade, propiciando vivência coreográfica;

5) Ballet clássico – oferece aprendizagem da dança de estilo acadêmico a crianças e adolescentes, enfatizando movimentos predefinidos e montagens coreográficas;

6) Dança de salão – ensina danças sociais para adultos, abordando desde o repertório tradicional até os estilos mais atuais;

7) Dança inclusiva – oferece aprendizagem de dança e teatro a alunos com necessidades especiais, acima de 14 anos de idade, favorecendo sua inclusão no meio social e cultural.

B) Cursos não-sequenciais ou oficinas livres

1) Danças ciganas – ensina danças étnicas ciganas que despertam alegria, sensualidade e melhoram a autoestima;

2) Yoga – oferece aprendizagem da prática originária da Índia que utiliza exercícios físicos (asanas), exercícios respiratórios (pranayamas), relaxamentos, meditação e outros elementos que a compõem;

3) Ginástica para a terceira idade – oferece ginástica especializada para pessoas acima de 60 anos de idade com abordagem de técnicas respiratórias, resistência muscular, alongamento e relaxamento;

4) Ginástica aerolocal – oferece ginástica dinâmica realizada em sequências aeróbicas, trabalhando consciência corporal, postura, respiração e tônus muscular;

5) Alongamento – executam-se técnicas de relaxamento e respiração, trabalhando flexibilidade e alongamento;

6) Ginástica localizada – trabalho realizado em grupos, utilizando materiais básicos, como pesos em torno de pernas e braços.

2.3.4 Oficina integrada

A oficina integrada do Centro Livre de Artes, que é atualmente coordenada pela professora de artes plásticas da instituição, Anne Motta, tem como eixo básico a integração interdisciplinar das diferentes linguagens da arte: música, artes cênicas e artes plásticas. Nesta oficina, há um professor para cada linguagem artística e os alunos vivenciam a prática por meio de jogos, brincadeiras, teatro, músicas e desenhos, atividades que despertam o interesse e o desenvolvimento integral das artes, possibilitando que se descubram no mundo artístico. Atualmente, são oferecidas as seguintes opções nos turnos matutino e vespertino:

1) Oficina integrada para crianças de 4 a 7 anos de idade;



Figura 19 – Alunos do curso de oficina integrada em atividade.

Fonte – Anne Motta (2008).

2) Oficina som, cor e movimento para adultos acima de 50 anos, com a proposta inovadora para a terceira idade de trabalhar a vivência artística de forma dinâmica, respeitando as possibilidades e os limites individuais.

2.3.5 Projetos atuais

Entendendo que o ensino é um processo amplo que não se restringe à sala de aula, assim como “ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1999, p. 25), o corpo docente e a equipe administrativa do Centro Livre de Artes têm buscado ampliar sua abrangência artística, seu espaço e sua atuação a fim de oferecer cada vez mais ao cidadão goianiense a oportunidade de desenvolvimento cultural. Para a consecução deste objetivo, a instituição tem desenvolvido vários projetos e eventos artísticos voltados para a comunidade, entre os quais, destacam-se:

1) Semana Pedagógica – projeto criado pela divisão de apoio psicopedagógico do Centro Livre de Artes com o intento de enriquecer as ações pedagógico-culturais ali

desenvolvidas. Anualmente, é promovida uma semana de encontro que favorece reflexões no campo das artes, com palestras e cursos ministrados por profissionais convidados.

2) Quinteto Harmonizza – este grupo musical, criado no Centro Livre de Artes, tem resgatado e divulgado a MPB e a música goiana em várias cidades, contribuindo para a ampliação da atuação da instituição e o enriquecimento artístico-cultural da população goianiense.

3) Projeto de dança inclusiva Grupo Goyá – coordenado por Carmem Fialho, empregando a arte-dança desenvolve o convívio com as diferenças existentes no cotidiano das pessoas com necessidades especiais, a fim de integrá-las no contexto sociocultural da comunidade em que vivem.



Figura 20 – Grupo Goyá em apresentação pública.

Fonte – Acervo do Centro Livre de Artes (2008).

4) Coral Raio de Sol – coordenado pela regente Loertina Santana e a pianista co-repetidora Martha Santos Reis, o grupo vocal formado por mulheres a partir de 45 anos de idade tem representado o Centro Livre de Artes em vários eventos culturais, tanto na cidade de Goiânia como em outros municípios.

5) Projeto arte e trabalho com a natureza – sob a direção de Francis Marques Otto de Camargo Santana e Ivone Teixeira da Cunha, tem o objetivo de promover a inclusão de pessoas com necessidades especiais no mercado de trabalho, empregando para isto a valorização da arte/trabalho. Neste projeto utilizam-se cabaças como instrumentos básicos para a capacitação e a formação profissional do aluno.

6) Projeto música de câmara – coordenado por Cláudia O. F. Brasão e Sui-Mei F. Pugliese (flautas doce e transversal), Dilma de Oliveira e Silva (violino), Vandair de Oliveira Lima (piano) e Wyslaine Nogueira Aguiar (violoncelo), todos professores de música. Ao vivenciar a música em conjunto com os alunos, este conjunto musical tem proporcionado o aprimoramento do gosto musical em inúmeras apresentações artísticas.

7) Projeto Madrigal Altri Canti – sob direção, preparação vocal e regência do professor de canto Edson Marques e das pianistas co-repetidoras Maria Caroline de Souza Porto e Telca Maria Teixeira Baiocchi Carim, o madrigal formado por cantores profissionais, os quais são alunos do Centro Livre de Artes e convidados de outras instituições, tem enriquecido vários encontros artísticos em Goiânia.

8) Projeto Explorando a MPB – trio composto por Ana Paula Siqueira e Silva, Levi Teixeira e Myrna Campioni Diniz, todos professores de música, este grupo musical tem trabalhado a formação de público com a interpretação de MPB.

Conforme informações coletadas em folders da instituição, alguns dos eventos artístico-culturais promovidos recentemente pelo Centro Livre de Artes são:

- Em 6 de maio de 2008, concerto sacro, na Igreja São Paulo Apóstolo;
- Em 18 de junho de 2008, recital de teclado, no miniauditório do Centro Livre de Artes;
- Em 25 de junho de 2008, recital de flauta, violoncelo e piano, no miniauditório do Centro Livre de Artes;
- Em 25 de junho de 2008, recital de violão, no auditório da Rádio Universitária;
- Em 30 de junho de 2008, recital de piano, no miniauditório do Centro Livre de Artes;
- Em 23 de setembro de 2008, XVII Concerto da temporada 2008, no Teatro Goiânia;
- Em 24 de setembro de 2008, XVII Concerto da temporada 2008, na Igreja Rosa Mística;

- Em 27 de setembro de 2008, As faces do amor, no auditório do Colégio Marista;
- Em 29 de setembro de 2008, XVII Concerto da temporada 2008, na Igreja São Francisco;
- Em 5 de novembro de 2008, Exposição vários olhares, no Palácio da Cultura;
- Em 12 de novembro de 2008, recital em homenagem a Maria Aparecida de Jesus Sousa, falecida recentemente, professora de violão do Centro Livre de Artes por muitos anos, no auditório do Centro Federal de Educação Tecnológica de Goiás (CEFET);
- Em 13 de novembro de 2008, recital de teclado, no salão de eventos do Museu de Arte de Goiânia;
- De 14 a 21 de novembro de 2008, Semana Cultural, no Shopping Bougainville: MPB Trio; Quinteto Harmonizza; Coral Raio de Sol; Chá pra dois e grupo de dança; Som, cor e movimento; grupo de dança de salão; ballet; dança do ventre; dança circular; canto coral; grupo de dança; jazz; violão solo; grupo de flauta doce; grupo de sapateado;
- Em 15 de novembro de 2008, mostra de dança, no Teatro Marista;
- Em 25 de novembro de 2008, recital de flauta, violoncelo e piano, no miniauditório do Centro Livre de Artes;
- Em 25 e 26 de novembro de 2008, Brincar de lembrar, no Centro Municipal de Cultura Goiânia Ouro;
- Em 4 de dezembro de 2008, recital de piano, no auditório do CEFET.

Em meio à apresentação das ações pedagógicas culturais do Centro Livre de Artes, percebe-se o seu envolvimento na formação cultural da população goianiense. Sabe-se que “O processo educativo, em qualquer área do ensino/aprendizagem, tem por objetivo levar os alunos a utilizar suas capacidades intelectuais para a aquisição de conceitos e habilidades [...]” (HORTA; GRÜNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 8), e que este processo influi na formação integral de cada ser humano. Assim sendo, por intermédio da atuação ao longo de toda a sua existência, o Centro Livre de Artes tem tido participação ativa no processo educativo da comunidade goianiense, contribuindo para a construção de cada ser ao favorecer a aquisição de novos conhecimentos e propiciar novas descobertas, tornando todos os envolvidos cidadãos mais conscientes e culturalmente capazes.

CAPÍTULO III

O CENTRO LIVRE DE ARTES ATRAVÉS DO OLHAR DE SEUS USUÁRIOS

Neste capítulo apresentam-se os resultados dos questionários aplicados a uma amostra de pessoas relacionadas ao Centro Livre de Artes com o intuito de perceber como elas avaliam o desempenho da instituição e o que deveria ser feito para melhorar seu potencial. A pesquisa foi realizada com cinco categorias distintas: alunos (adolescentes e adultos), professores, coordenadores, diretora e ex-diretoras e pioneiras⁵.

Durante a busca por essas informações, aplicou-se o processo de investigação científica a partir dos métodos de pesquisa quantitativo e qualitativo. A partir do enfoque do método quantitativo, os dados obtidos foram analisados tomando por base a contagem de frequência (quantidade de respostas obtidas) e os cálculos de porcentagem, utilizando-se como técnica de pesquisa questionários específicos aplicados a alunos atuais. Também foram utilizados como técnicas de pesquisa, com base no método qualitativo, entrevistas e filmagens de relatos aplicados a professores, coordenadores, diretora atual, ex-diretoras e pioneiras.

Antes de iniciar a busca pelas informações, pediu-se autorização à diretora, coordenadores, professores e alunos para a realização desta pesquisa, de modo a não haver transtorno na vigência das aulas. A obtenção da permissão e a participação voluntária de todos os envolvidos contribuíram sobremaneira para a realização deste estudo.

Os questionários para os alunos atuais foram elaborados respeitando sua faixa etária (adolescentes e adultos), abrangendo alunos dos períodos matutino, vespertino e noturno que frequentam os diferentes cursos ali ministrados. Participaram desta pesquisa alunos adolescentes (13 a 19 anos) e adultos (20 anos acima) das diferentes linguagens artísticas (música, artes plásticas, artes cênicas e oficinas). Esses questionários foram respondidos pelos próprios participantes no decorrer das aulas.

⁵ Os participantes desta pesquisa não serão identificados para garantir seu direito à privacidade.

As entrevistas e as filmagens de relatos direcionados à diretora atual, coordenadores e professores atuais e ex-diretoras foram obtidas individualmente, conforme a disponibilidade de cada um.

Para esta pesquisa também foram entrevistadas a professora Ilda Naves de Almeida Nunes, que foi chefe de Gabinete da Secretaria Municipal de Educação (1975) e Secretária de Educação e Cultura Municipal (1977), e a professora Joana Mendes, esposa do professor Osmar Siqueira, Coordenador de Moral e Cívica da Secretaria Municipal de Educação no ano de 1975 (Apêndice 3). A atuação dessas mulheres, pioneiras da criação do Centro Livre de Artes, à época denominado Escola de Música José Ricardo de Castro, foi de suma importância para a existência da instituição, assim como para a construção histórica deste objeto de estudo.

As respostas dadas pelos diferentes participantes da pesquisa ao conjunto de questões abordadas nestes questionários e entrevistas, elaborados especificamente para este trabalho, forneceram dados sobre o ensino-aprendizagem, a vivência artística e o nível de satisfação alcançado pelos seus fruidores, possibilitando conhecer como o Centro Livre de Artes é visto por seus usuários.

A seguir, são apresentados os resultados e as análises dos questionários aplicados por categoria, conforme esta sequência: a) perguntas, respostas e análises dos resultados pertinentes aos 127 questionários aplicados à categoria de alunos atuais adolescentes e adultos; b) perguntas, respostas e análises pertinentes às entrevistas aplicadas aos dez professores e quatro coordenadores; c) perguntas, respostas e análises pertinentes às entrevistas aplicadas à diretora atual, a três ex-diretoras e a uma pioneira.

3.1 Categoria: alunos atuais (adolescentes e adultos)

Tabela 1. Questão 1. Que curso ou oficina você faz no Centro Livre de Artes?

Curso/oficina	Participantes (n)
Música	62
Artes plásticas	19
Artes cênicas	10
Oficinas	36
Total	127

Com o intento de identificar os participantes da pesquisa, descobriu-se por meio dos resultados da Tabela 1 que houve a participação de alunos que frequentam os cursos de música, artes plásticas, artes cênicas e oficinas. Dessa forma, a análise ora apresentada fornece a visão de diferentes usuários da instituição, contribuindo para um conhecimento mais amplo acerca desta.

Tabela 2. Questão 2. Como você conheceu o Centro Livre de Artes?

Resposta	Frequência	%
a) Apresentações artísticas	17	13,38
b) Amigos, parentes	90	70,86
c) Jornal, rádio, TV ou Internet	4	3,14
d) Outro	16	12,59
Total	127	99,97

Os dados mostrados na Tabela 2 apontam que a maioria dos participantes conheceu o Centro Livre de Artes por intermédio de amigos e parentes. Ao analisar esses resultados, percebe-se que as apresentações artísticas e a divulgação da escola por meio de jornal, rádio, TV ou Internet deixam a desejar quanto ao conhecimento da instituição. Sabendo-se que os meios de comunicação, bem como as atividades artísticas podem ser grandes agentes no processo do conhecimento e na procura do Centro Livre de Artes, cabe aos gestores da instituição procurar ampliar a divulgação das atividades artísticas ali executadas.

Tabela 3. Questão 3. Por que você escolheu o Centro Livre de Artes?

Resposta	Frequência	%
a) Variedade de cursos oferecidos	20	15,74
b) Qualidade dos profissionais	24	18,89
c) Local centralizado, de fácil acesso	39	30,70
d) Mensalidade acessível	24	18,89
e) Referência cultural	20	15,74
Total	127	99,96

Verificando os resultados da Tabela 3, observa-se que a localização de fácil acesso do Centro Livre de Artes foi a opção mais destacada para a escolha da instituição. Porém, é importante salientar que a qualidade dos profissionais e a mensalidade acessível foram o segundo item mais importante, seguidos pela variedade de cursos oferecidos e o fato de ser uma referência cultural.

Os dados que apontam a localização como fator relevante na escolha do Centro Livre de Artes pelos participantes é justificável porque, para muitos, o local central é considerado o “coração de Goiânia”. Contudo, observa-se na frequência das respostas obtidas que a exigência quanto à competência dos profissionais, a mensalidade acessível, a variedade de cursos oferecidos e o fato de o Centro Livre de Artes ser considerado uma referência cultural foram também significativos. Isso aponta o nível do público que procura o ensino artístico da instituição, composto por pessoas conscientes acerca da importância de obter bom conhecimento para melhor se realizar pessoal e profissionalmente. Ao procurar o ensino artístico no Centro Livre de Artes, essas pessoas demonstram conhecer o papel social da instituição em sua função de educar, como bem definiu Brandão (2006, p. 24-25) quando comparou o trabalho do educador com o trabalho do oleiro:

[...] a melhor imagem de como a educação se idealiza seja a do oleiro que toma o barro e faz o pote. O trabalho cuidadoso do artesão que age com tempo e sabedoria sobre a argila viva que é o educando. A argila que resiste às mãos do oleiro, mas que se deixa conduzir por elas a se transformar na obra feita: o adulto educado. Quando o educador pensa a educação, ele acredita que, entre homens, ela é o que dá a forma e o polimento. Mas ao fazer isso na prática, tanto pode ser a mão do artista que guia e ajuda o barro a que se transforme, quanto a forma que iguala e deforma.

Tabela 4. Questão 4. Como você considera o Centro Livre de Artes?

Resposta	Frequência	%
a) Um centro de formação	22	17,32
b) Uma instituição que proporciona o conhecimento artístico em diferentes modalidades	70	55,11
c) Um centro cultural	35	27,55
Total	127	99,98

Observa-se na Tabela 4 que grande parte dos pesquisados considera o Centro Livre de Artes como uma instituição que tem proporcionado conhecimento artístico em diferentes modalidades e vários o reputam um centro cultural.

Analisando as respostas a esta questão, nota-se que os sujeitos da pesquisa reconheceram o Centro Livre de Artes na aquisição do conhecimento artístico. Pode-se concluir que muitos participantes deste estudo consideram a instituição como um local que contribui para a formação e a informação cultural das pessoas da comunidade, como se pode deprender dos seguintes depoimentos:

“O Centro Livre de Artes é uma casa de cultura que ensina a comunidade na área da arte.”

“O Centro Livre de Artes é onde podemos aprender algo que nos eleva a autoestima e até mesmo uma profissão.”

“O Centro Livre de Artes é um lugar onde posso me preparar para ingressar na faculdade.”

“O Centro Livre de Artes é um centro cultural onde o aluno tem a possibilidade e a oportunidade de aprender.”

“Um pólo criador e disseminador de artes.”

Tabela 5. Questão 5. Por que você escolheu este curso ou oficina no Centro Livre de Artes?

Resposta	Frequência	%
a) Ampliar seu universo cultural	14	11,02
b) Desenvolver suas habilidades	47	37,00
c) Lazer	7	5,51
d) Terapia	7	5,51
e) Qualificação profissional	13	10,23
f) Melhor socialização e integração	11	8,66
g) Ocupação do tempo ocioso	2	1,57
h) Atualização de conhecimentos	13	10,23
i) Atuação na comunidade (social, religioso)	13	10,23
Total	127	99,96

Os dados da Tabela 5 demonstram que a opção “b” (desenvolver suas habilidades) foi a mais mencionada para justificar a escolha do curso ou oficina no Centro Livre de Artes. Constata-se que muitos participantes da pesquisa consideram que esta escolha amplia seu universo cultural, influi na qualificação profissional e em sua atuação na comunidade. Ao analisar essas respostas, percebe-se a sequência entre elas, pois à medida que se desenvolvem as habilidades intelectuais, o universo cultural é ampliado e os conhecimentos são atualizados, assim melhorando a qualificação profissional, a socialização e a integração.

Todas as opções apontadas pelos participantes evidenciam seu interesse em buscar o aprendizado, em “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver” (DELORS, 1999 apud FERREIRA, 2001, p. 10), os quais se tornam fatos essenciais na construção da identidade humana e têm sido discutidos e refletidos como os pilares da educação no século XXI. O anseio em aprender constitui ponto relevante nesta análise, vez que é fundamental tanto para a construção de cada ser como para a incorporação de novas descobertas. Conforme Ferreira (2001, p. 13),

O aprender a conhecer é um processo em que o aprender a aprender torna-se fundamental para a descoberta do mundo. Nesse sentido, a partir do momento em que o sujeito entra no mundo e passa a exercer sua racionalidade, aprende a dominar códigos que circunscrevem seu meio, a desvelar fenômenos que tocam sua sensibilidade. Assim, o conhecimento é uma atividade intelectual pela qual o sujeito busca explicar os objetos, cujo interesse do sujeito é descobrir e compreender o objeto. O conhecimento, enquanto atividade intelectual, “consiste num processo efetivo de radicação do homem no mundo. Por isso, sem conhecimento não pode haver mundo”. O conhecimento, nessa relação do sujeito com o objeto, distingue dois níveis: o sensível e o intelectual.

Também se observa que na Tabela 5 as opções “c” (lazer), “d” (terapia), “g” (ocupação do tempo ocioso) foram escolhidas por alguns participantes. Isto demonstra que o Centro Livre de Artes, apesar de participar mais na educação, contribui também no lazer, terapia e ocupação do tempo ocioso, assim melhorando a qualidade de vida contribuindo para o bem-estar daqueles que usufruem do ensino ali disponibilizado, concordando com os objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais:

[...] a educação deve formar cidadãos que sejam capazes de viver numa sociedade múltipla e complexa e respeitar as diversidades culturais, regionais, religiosas e políticas. Educar consiste em contribuir para que as pessoas adquiram cada vez mais autonomia racional, emocional e operacional, ou seja, que aprendam a conhecer, a sentir corretamente e a fazer para ser mais. Mais do que nunca é preciso aprender a respeitar, a dialogar, a cooperar e a conviver. (CORDEIRO, 2007, p. 17).

Tabela 6. Questão 6. O Centro Livre de Artes está atendendo as suas expectativas? Justifique a sua resposta.

Resposta	Frequência	%
a) Totalmente	70	55,11
b) Parcialmente	49	38,58
c) Não	0	0
d) Branco	8	6,29
Total	127	99,98

Examinando a Tabela 6, averigua-se pela frequência das respostas obtidas que o Centro Livre de Artes atende as expectativas de grande parte dos participantes da pesquisa, embora 38,58% dos respondentes, parcela considerável da população analisada, tenha afirmado ocorrência parcial de satisfação de suas expectativas e 6,29% tenham deixado de responder a esta questão.

Ao analisar os dados apresentados na Tabela 6, verifica-se que embora 55,11% dos participantes tenham confirmado sua total satisfação, aqueles que declararam sua satisfação parcial ou que deixaram as respostas em branco podem indicar certo descontentamento com a instituição.

Vale ressaltar, nesta análise, que apesar de as respostas em branco demonstrarem certa intencionalidade, não justificadas no ato da pesquisa, as respostas demonstrando satisfação parcial foram justificadas pelos participantes. Ao explicar os motivos para a escolha desta opção, destacaram o espaço e as instalações físicas da instituição, a duração e a quantidade de aulas semanais como entraves. Para eles, o espaço físico do Centro Livre de Artes deixa muito a desejar, assim como a duração e a quantidade das aulas. Na opinião desses sujeitos, para propiciar melhor vivência artística, além de melhorar o espaço físico e as instalações da instituição, deve-se ampliar o quadro de professores, a duração e a frequência de cada aula, assim como criar mais oficinas artísticas, investir na área da informática e em recursos para a biblioteca, o que é corroborado pelas seguintes assertivas:

“As instalações físicas estão muito aquém da capacidade dos profissionais.”

“Criar mais oficinas, laboratórios com computadores, biblioteca com recursos e variedades para estudo; equipamento áudio-visual. Conforto e bem-estar comum (banheiro, bebedouro, etc.).”

“Seria necessário um maior número de aulas para melhorar o aprendizado.”

“Ampliar o quadro de professores e melhorar a estrutura física.”

“Um teatro seria maravilhoso.”

“Acho o período da aula pouco e gostaria que fosse dois dias de teoria mais a prática.”

“Precisamos de mais espaços físicos adequados para a realização das atividades.”

“Dias insuficientes na semana para que se possa ter melhor aprendizagem.”

“Seria ótimo se tivéssemos mais aulas práticas.”

“Investir em informática, com programas para a música, melhor climatização das salas, maior número de aulas semanais.”

Tabela 7. Questão 7. O Centro Livre de Artes tem explorado as potencialidades do Bosque dos Buritis em suas atividades artísticas?

Resposta	Frequência	%
a) Sim	77	60,62
b) Não	45	35,43
c) Branco	5	3,93
Total	127	99,98

Pelo que se pode observar nos dados apresentados na Tabela 7, grande parte dos participantes da pesquisa afirmou que o Centro Livre de Artes tem explorado as potencialidades do Bosque dos Buritis. Entretanto, percebe-se que 3,93% dos respondentes desconhecem ou não quiseram responder a esta questão e 35,43% asseveraram que a instituição não tem explorado as potencialidades do Bosque dos Buritis, alegando como justificativa que muitos integrantes do Centro Livre de Artes não utilizam as potencialidades daquele parque em decorrência das atividades que exercem, pois o espaço é inadequado para aulas que utilizam instrumentos, vez que o som não se propaga, além de não haver uma concha acústica para as atividades de canto coral e o piso ser inadequado para as aulas de artes cênicas.

Tendo em vista que o Bosque dos Buritis é um excelente ambiente a ser usufruído, segundo depoimentos daqueles que o conhecem, cabe ao corpo docente e aos administradores da instituição refletir acerca da possibilidade de se fazer adaptações que propiciem à comunidade desfrutar desse patrimônio da melhor forma possível, já que o Centro Livre de Artes está instalado dentro do parque.

Como afirmam Horta, Grünberg e Monteiro (1999), a identidade e a valorização de um bem dependem do relacionamento da sua população com ele. Consequentemente, faz-se pertinente disponibilizar informações a respeito deste local de modo a difundir este tipo de conhecimento, o que gerará admiração e respeito por ele, assim como vontade de usufruir do encanto de suas potencialidades e de preservá-lo para as gerações vindouras.

Com o intuito de contribuir para o conhecimento acerca do Bosque dos Buritis, bem como ressaltar sua importância e valor para a comunidade goianiense, transcreve-se abaixo o texto da educadora e escritora Maria do Rosário Cassimiro, ex-reitora da UFG e da Universidade Federal do Tocantins, lembrando como era o Córrego dos Buritis antes de ser canalizado:

Os olhos d'água dos Buritis

Há vários anos, trafegava em meu carro pela Alameda dos Buritis, tendo a meu lado o querido e saudoso professor Colemar Natal e Silva. Passávamos em frente à Assembléia quando ele me confidenciou: “Quando estávamos escolhendo o sítio para construção da nova capital eu, ajoelhado e com as mãos em concha, bebi água desse ‘corregozinho’ que passa aqui pelo Parque dos Buritis”.

Imaginei, então, o Dr. Colemar e, certamente, outros pioneiros mais, ajoelhado ou de cócoras, bebendo água das mãos, do borbulhante Córrego dos Buritis, lá pelo princípio da década de 30.

Esse “corregozinho”, hoje, forma o lindo Lago dos Buritis, ornamentado com o arrojado repuxo d'água, plantado pela Prefeitura de Goiânia, e pela imponente e tão significativa escultura de Siron Franco, cuja temática, eternamente atual, é a paz. Quem passa pela Avenida Assis Chateaubriand encanta-se com aquele conjunto harmonioso: natureza e arte.

Dali, ele, o córrego, desce na direção noroeste da cidade, passando pelos jardins do Ateneu Dom Bosco e no traçado da Avenida Oeste vai despejar-se no Córrego Capim Puba.

Lembro-me bem, quando menina-moça, desse curso d'água passando a céu aberto por dentro dos muros do Ateneu (era popularmente chamado de rego dos padres). Uma pontezinha permitia aos professores, alunos e seus familiares atravessá-lo para o pórtico principal do colégio.

Achava, então, que aquele córrego nascia no Bosque dos Buritis, onde, hoje, está o lago. No lugar havia um poço, para onde o padre Zezinho levava os internos do colégio, os quais, pelados, tomavam banho e nadavam na maior das descontrações. Mais acima, o Abrigo dos Velhos, atualmente Palácio da Justiça. Era tão longe... Os olhos d'água dos Buritis estão lá pelo lado sul da cidade, à época, pleno mato, pois cidade mesmo, só do Palácio das Esmeraldas para baixo.

Nossa querida Goiânia, exuberantemente linda, tendo crescido para todos os lados, fixaram-se os olhos d'água dos Buritis, vejam só, lá pelos lagos da majestosa Avenida 136! E foi que surgiu a cobiça!

Os olhos dos Buritis, com tudo o que dele, histórica e artisticamente procede, correm riscos de desaparecer. Estão de olho nos olhos dos Buritis. Querem plantar concreto no local onde eles nascem, fechando-os, secando-os, matando-os, se tanto for necessário.

Ora e essa! Onde já se viu secarem olhos d'água pura, cristalina e saudável, num momento em que todos vivem a aflição da falta de água potável para saciar a sede do mundo? Onde já se viu secar o lago dos Buritis, numa insanidade que levará o repuxo, lá plantado, a desaparecer, deixando o Monumento à Paz à beira de um buraco? Onde já se viu cegar os olhos d'água de um regato em cujas margens se ajoelhou Colemar Natal e Silva? Pois tudo isso está prestes a acontecer, caso se concretize a plantação de concreto em cima das nascentes do Córrego dos Buritis. Um absurdo sem cabimento.

Não, não e não. Não se verá isso acontecer. A justiça, do alto de seu bom senso defenderá a vida e nossa tradição.

Esperamos que o Ministério Público, instância federal, imbuído de consciência cívica, de respeito à mãe natureza, de senso de responsabilidade coletiva e de respeito ao sentimento de goianidade que temos todos, desista da demanda que trava nos tribunais, objetivando construir, no local das nascentes dos Buritis, a sede do importante e respeitável órgão público.

Aliás, convém que nosso prefeito logo mande transformar aquela área em praça, com luzes, flores, repuxos e chafarizes, e lhe dê o nome de “Praça dos olhos d'água.” E que nenhuma autoridade municipal venha, mais cedo ou mais tarde, mudar tão bonita denominação (PREFEITURA DE GOIÂNIA, 2005, p. 33–34).

Tabela 8. Questão 8. O Centro Livre de Artes tem contribuído no sentido de orientar, preservar e manter as condições naturais do Bosque dos Buritis?

Resposta	Frequência	%
a) Sim	96	75,59
b) Não	28	22,04
c) Branco	3	2,36
Total	127	99,99

Pelos resultados mostrados na Tabela 8, nota-se que na opinião da maior parte dos participantes, o Centro Livre de Artes contribui para a orientação, a preservação e a manutenção do Bosque dos Buritis.

Considerando-se a beleza, a riqueza da fauna, da flora e das nascentes de água existentes no local, torna-se necessário refletir profundamente sobre a completa atuação do Centro Livre de Artes em relação a este patrimônio, para que as atitudes de todos aqueles que, de alguma maneira, se relacionam com ele sejam corretas e bem conscientes. A proteção deste

bem está diretamente ligada à conscientização acerca da importância de sua existência e conservação para o homem e a natureza. Sua preservação depende de todos, pois se sabe que:

O conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania (HORTA; GRÜNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 6).

Tabela 9. Questão 9. Você conhece o Museu de Arte de Goiânia?

Resposta	Frequência	%
a) Sim	98	77,16
b) Não	28	22,04
c) Branco	1	0,78
Total	127	99,98

Os resultados da Tabela 9 evidenciam que grande parte dos participantes da pesquisa conhece o Museu de Arte de Goiânia. Levando-se em consideração que o Centro Livre de Artes e o Museu de Arte de Goiânia estão localizados no mesmo prédio e que este último possui um rico acervo de obras de arte goianas, torna-se significativo observar que 22,04% dos participantes desta pesquisa responderam que não conhecem o museu. Isso mostra que o Museu de Arte de Goiânia precisa ter maior divulgação, porquanto, afinal, ele detém um rico patrimônio que está disponível para ser usufruído pela comunidade goianiense. Segundo registro histórico datado de 2009 sobre esse museu, atualmente seu acervo é composto por 810 obras, entre aquarelas, desenhos, esculturas, gravuras e pinturas, além de peças de arte objetual, arte popular, *batik* e tapeçaria assinadas por artistas de expressão nacional e internacional.

A falta de conhecimento sobre o Museu de Arte de Goiânia pelos frequentadores do Centro Livre de Artes pode refletir falta de iniciativa dessas pessoas ou falha de atuação da última instituição em conhecer, valorizar, divulgar e desfrutar deste bem para que seja cada dia mais reconhecido. Nesse sentido, ao falar sobre os museus, Ataídes, Machado e Souza, (2006) afirmam que estes são uma das formas utilizadas para a preservação de bens culturais. Visitar um museu é conhecer e aprender a história de um povo, de uma região. As informações tornam-se um produto importante e podem mudar a maneira de pensar o ensino e a aprendizagem.

Tabela 10. Questão 10. Você gostaria de ter atividades integradas ao Museu de Arte de Goiânia?

Resposta	Frequência	%
a) Sim	109	85,83
b) Não	16	12,60
c) Branco	2	1,57
Total	127	100,00

Os dados apresentados na Tabela 10 evidenciam o interesse dos participantes da pesquisa em ter atividades integradas no Museu de Arte de Goiânia, o que possibilita maior intercâmbio entre as duas instituições, assim favorecendo tanto o desenvolvimento cultural dos envolvidos como a expansão cultural do Centro Livre de Artes.

Tabela 11. Questão 11. O Centro Livre de Artes tem ressonância fora de Goiânia? Justifique sua resposta.

Resposta	Frequência	%
a) Sim	43	33,85
b) Não	44	34,64
c) Branco	40	31,49
Total	127	99,98

Nota-se nos resultados da Tabela 11 que as frequências e porcentagens das respostas positivas e negativas, bem como a falta de resposta para esta questão, estão bem próximas, evidenciando que os participantes tiveram opiniões diferenciadas quanto à ressonância da instituição fora do âmbito de Goiânia. Ao analisá-las, verificou-se que várias respostas a esta questão foram justificadas, contribuindo para melhor conhecer a instituição. Entre algumas justificativas dos participantes que responderam positivamente a esta questão, registram-se:

“Sim. O Coral Raio de Sol já se apresentou em Quirinópolis e em Caldas Novas; a dança sagrada já se apresentou em Pirenópolis.”

“Sim, conheço várias pessoas que não moram em Goiânia e são alunos do Centro Livre de Artes.”

“Sim, o Quinteto Harmonizza já fez várias apresentações fora, assim como os alunos.”

“Sim, os meus trabalhos são vendidos fora de Goiânia.”

“Em alguns estados vizinhos, como Tocantins. Eu vim de lá para estudar no Centro Livre de Artes e amo estudar aqui”.

Entre algumas justificativas dos participantes que responderam negativamente a esta questão, registram-se:

”Não. Noto que falta propaganda. Eu mesmo, quando digo que estudo aqui, as pessoas me perguntam: ‘aonde é?’”.

“Apenas na região metropolitana. Em outros estados e cidades mais afastadas não é uma referência.”

“Não. Está faltando divulgação até dentro de Goiânia.”

“Não sei se o Centro Livre de Artes é conhecido fora da capital. Sempre tenho de falar onde fica.”

Já alguns dos participantes que não souberam responder à questão forneceram as seguintes justificativas:

“Não posso responder por não ter conhecimento de causa.”

“Não sei. Aonde vou, faço propaganda.”

“Não tenho informação a respeito.”

Embora 34,64% dos respondentes tenham afirmado que o Centro Livre de Artes não tem ressonância fora de Goiânia, ou seja, não atinge um universo mais amplo para além de suas fronteiras formais (GREENBLATT, 1991), isto não compromete de todo a divulgação do trabalho feito pela instituição, uma vez que 33,85% dos participantes responderam que a escola é conhecida fora dos limites geográficos de Goiânia. Diante desses dados, não se pode excluir a necessidade de a instituição melhorar a sua divulgação, de modo que a sua ressonância se torne mais significativa, assim alcançando maior abrangência.

Tabela 12. Questão 12 Você gostaria de fazer outro curso no Centro Livre de Artes?

Resposta	Frequência	%
a) Sim	103	81,10
b) Não	15	11,81
c) Branco	9	7,08
Total	127	99,99

Os dados da Tabela 12 apontam que apesar de 11,81% dos sujeitos desta pesquisa terem respondido negativamente e 7,08% terem deixado de manifestar suas opiniões, grande parte deles (81,10%) registrou que deseja fazer outro curso no Centro Livre de Artes. Esses dados evidenciam o interesse dos participantes em adquirir outros conhecimentos, o aprender-fazer de modo diversificado oferecido pelo ensino disponibilizado pela instituição.

3.2 Categoria: professores e coordenadores

Quadro 1. O que é o Centro Livre de Artes para você?

“Um espaço cultural, social e humanístico que precisa ser ampliado, fortalecido e valorizado por todos.”
“É um centro de artes, meu trabalho.”
“Um local onde se encontram todas as linguagens artísticas.”
“Uma escola de artes que proporciona à população mais carente conhecer e vivenciar as diferentes linguagens artísticas.”
“Um local cheio de prazer e alegria.”
“Um lugar de aprendizado, distração e lazer.”
“Local de terapia, de integração, de desenvolvimento pessoal, de acesso à cultura.”
“Um pólo criador e disseminador de artes.”
“O melhor lugar para se trabalhar e viver arte, aprender arte.”
“Local de socialização, trabalho e aprendizagem.”
“Um centro de aprendizagem. Uma porta aberta para uma nova alfabetização.”
“Uma escola especializada no ensino de arte, com integração entre as linguagens e com potencial criativo enorme dos docentes e alunos.”
“Sinto-me privilegiada por estar aqui e conseguir realização profissional neste centro livre.”
“Um excelente local de trabalho e um espaço propício à manifestação artística.”

Observa-se, por intermédio das respostas registradas no Quadro 1 que o Centro Livre de Artes possui diferentes significados para esses participantes. Ao analisar essas respostas, conclui-se que o Centro Livre de Artes proporciona não só conhecimento nas diferentes linguagens artísticas, mas também interfere na realização profissional dos envolvidos.

Quadro 2. Como você considera o ensino–aprendizagem e a vivência artística no Centro Livre de Artes?

“De maneira positiva. No meu entendimento, só falta aumentar a parte prática e adicionar conteúdo voltado para a história cultural desta comunidade.”
“Percebo esforço conjunto da equipe do Centro Livre de Artes em melhorar estes aspectos.”
“Com ações voltadas para as raízes culturais locais sem desarticular com as questões globais e atuais no ato de fazer e ensinar arte.”
“O Centro Livre de Artes tem crescido gradativamente e com muita dificuldade, mas tem cumprido o seu papel no ensino-aprendizagem e na vivência artística.”
“Razoável, pois as vivências são limitadas e o ensino depende das condições físicas e do material local.”
“Considero bastante eficaz, mas devemos estar sempre observando e avaliando nossas práticas e os resultados.”
“O ensino é bom, embora deva modernizar-se para acompanhar os tempos atuais. Para isso, faltam’n’ coisas como mais espaço, investimentos em tecnologia, profissionais capacitados e comprometidos.”
“De forma geral, a aprendizagem é boa, importante para conhecer os códigos da arte.”
“Acho muito bom as duas coisas, embora entenda que a prática deveria estar à frente dos ensinamentos teóricos que são muito valorizados.”
“Um refinamento para a vida de quem quer se dedicar à arte.”
“Algumas metodologias mais eficientes, outras menos. Resultados variados e surpreendentes.”
“Acho muito boa, os alunos entram em uma atividade e depois despertam também para outras.”
“Considero bons, porque o Centro Livre de Artes tem alcançado seus objetivos, pois a fundamentação teórica e a prática ministrada pelos professores têm feito parte do conteúdo de suas oficinas. A qualidade dos trabalhos reflete isso com muita nitidez.”
“Há ótimos profissionais, mas falta ânimo para pensar em mudanças.”

As respostas mostradas no Quadro 2 demonstram que o ensino-aprendizagem e a vivência artística no Centro Livre de Artes são vistos de forma positiva, porém com várias observações para que se tornem mais eficazes.

Analisando essas respostas e considerando que o ensino e a aprendizagem são um processo contínuo em nossas vidas, envolvendo valores culturais, situações, regras e símbolos (BRANDÃO, 2006), pode-se concluir que o Centro Livre de Artes, através de sua equipe gestora, deve repensar ações que favoreçam melhor ensino teórico e prático aos seus usuários, assim possibilitando maior desenvolvimento cultural.

Quadro 3. Qual a contribuição do Centro Livre de Artes na formação cultural da população goianiense?

“Proporciona conhecimentos que não são dados nas escolas regulares.”
“Dá oportunidade de vivenciar diferentes linguagens artísticas.”
“Influencia o destino profissional de várias gerações há mais de 30 anos.”.
“Proporciona várias mostras artísticas à comunidade goianiense.”
“Propicia apreciadores e produtores de arte, cidadãos mais críticos e integrados na sociedade.”
“Incentiva os alunos a adquirir conhecimentos.”
“Trabalha valores humanos e culturais que são disseminados na sociedade.”
“Proporciona a vivência e a valorização do conhecimento artístico.”
“Favorece o desenvolvimento cultural, tão importante na formação do ser humano.”
“Propicia informação cultural diversificada à população, inclusive com a inclusão social.”
“Atende a população menos favorecida.”
“Descobre através das oficinas de artes talentos novos e os aprimora para o mundo artístico.”
“Proporciona cursos para todas as idades.”
“Incentiva a formação de profissionais da arte como, instrumentistas, bailarinos, artistas plásticos e professores.”

Evidencia-se no Quadro 3 que o Centro Livre de Artes contribui na formação cultural dos goianienses em diferentes situações. Partindo-se do princípio que cultura é a forma de pensar, sentir e agir de um povo ou de um coletivo de pessoas, bem como o legado social que

o indivíduo adquire do seu grupo (KLUCKHOHN, 1972 apud GEERTZ, 1989), pode-se considerar que o Centro Livre de Artes tem sido um dos agentes culturais goianienses, pois analisando-se as respostas acima percebe-se que sua atuação propicia ações que têm influenciado o comportamento e a vida dos envolvidos.

Quadro 4. Além de desenvolvimento cultural o que mais o Centro Livre de Artes proporciona à população goianiense?

“Boa qualidade de vida e uma maior integração entre as pessoas.”
“Cidadania. Não aquela de levantar bandeiras, mudar o mundo, mas aquela de desenhar uma identidade, conectando as individualidades e desenvolvendo um grupo maior.”
“Uma sociedade melhor.”
“O lazer através das belezas que o local proporciona para a alma e o espírito.”
“A paz interior das pessoas.”
“O despertar artístico que cada um traz dentro de si.”
“Sensação de bem-estar.”
“Assistência terapêutica, com psicóloga e arteterapeuta.”
“O bem estar psicológico, modificando a qualidade de vida do cidadão.”
“Auto-estima, conhecimento e possibilidade de novas profissões.”
“A valorização da nossa cultura.”
“Apoio psicopedagógico.”
“Felicidade, principalmente para as alunas da terceira idade.”
“Socialização e possibilidade de profissionalização, uma vez que muitos de nossos alunos se tornam professores.”

Observa-se pelas respostas mostradas no Quadro 4 que o Centro Livre de Artes proporciona oportunidade de atingir bem-estar, socialização, lazer, cidadania, ações terapêuticas, bem como promove o desenvolvimento sociocultural de seus beneficiários, o que demonstra que esta instituição vem cumprindo o papel de agente socializador cultural.

Quadro 5. Pode-se falar que o Centro Livre de Artes é uma referência em Goiânia como um bem cultural?

<p>“O Centro Livre de Artes é um bem cultural porque muitas pessoas recebem informações culturais anualmente neste centro e isto transforma culturalmente a vida de cada um que por aqui passa”.</p>
<p>“Se houvesse uma divulgação mais ampla e uma política cultural eficiente, sem dúvida seria”.</p>
<p>“Por sua história, pode-se notar a importância e o papel que o Centro Livre de Artes tem desempenhado na formação artística de uma grande quantidade de pessoas da população goianiense.”</p>
<p>“Do Centro Livre de Artes despontam talentos cujos trabalhos como profissionais são reconhecidos”.</p>
<p>“Acredito que uma referência deva ser conhecida e reconhecida pela maioria da população, mas, infelizmente, penso que o Centro Livre de Artes não tem essa repercussão. Desta forma, não o considero como um bem cultural”.</p>
<p>“Já foi. Apesar de contarmos com um excelente quadro de profissionais, estamos desestimulados”.</p>
<p>“O trabalho realizado por todas as equipes do Centro Livre de Artes é um esforço particular de cada um e, com isso, conseguem elevar o padrão cultural de todos”.</p>
<p>“Sim, pois há anos ele tem formado artistas e proporcionado eventos culturais para a sociedade goiana”.</p>
<p>“O Centro Livre de Artes está inserido no roteiro artístico cultural de nossa cidade.”</p>
<p>“Goiânia possui poucas escolas com a história e o corpo docente qualificado como o Centro Livre de Artes.”</p>
<p>“O Centro Livre de Artes é uma referência como um bem cultural, porque, por meio do ensinamento, os alunos têm a oportunidade da alfabetização na arte, que nos acompanha e perpetua desde os primórdios”.</p>
<p>“Quando citado por mim, o Centro Livre de Artes é pouco conhecido, lembrado ou mesmo reconhecido”.</p>
<p>“Na medida em que oferece para todos os seus cursos, apresentações e exposições na parte interior e exterior do prédio”. “Além disso, apresenta sua produção em diversos espaços públicos locais”.</p>
<p>“Com certeza é um bem cultural”. “Se é referência, não sei dizer”.</p>

No Quadro 5 pode-se observar que a maioria dos respondentes desta pesquisa considerou que o Centro Livre de Artes é uma referência cultural em Goiânia, pois as respostas demonstraram ações significativas e relevantes da instituição. Ao elaborar esta pergunta, a intenção foi verificar se o Centro Livre de Artes é considerado pelos participantes da pesquisa como um patrimônio cultural imaterial, expressando conhecimentos, significados e valores (VELOSO, 2006). Não houve, portanto, a intenção de relacionar o Centro Livre de Artes com a dimensão material e monumental, mas, como propõe Fonseca (2006, p. 85–86):

Quando se fala em referências culturais, se pressupõem sujeitos para os quais essas referências façam sentido (referências para quem?). Essa perspectiva veio deslocar o foco dos bens – que em geral se impõem por sua monumentalidade, por sua riqueza, por seu “peso” material e simbólico – para a dinâmica de atribuição de sentidos e valores. Ou seja, para o fato de que os bens culturais não valem por si mesmos, não têm um valor intrínseco. O valor lhes é sempre atribuído por sujeitos particulares e em função de determinados critérios e interesses historicamente condicionados.

Dessa maneira, concordando com a autora, a idéia de referência cultural partiu da necessidade de buscar o valor do Centro Livre de Artes na vida dos participantes, salientando todo o processo de produção e reprodução daqueles que dele desfrutaram, verificando todo o universo simbólico desta instituição.

3.3 Categoria: diretora atual, ex-diretoras e pioneira

Quadro 6. Como você define o Centro Livre de Artes? Qual sua função?

“Tem funcionado não só como uma escola que tem dado suporte pedagógico, não-profissionalizante, mas também tem funcionado como um lugar terapêutico.”
“Despertar e/ou desenvolver na criança, jovens e adultos o talento artístico. Proporcionar melhor qualidade de vida à população.”
“Tenho como um centro municipal de cultura, cuja função é difundir a arte em todo o seu contexto.”
“Uma instituição cujo trabalho executado abre melhores perspectivas para o futuro das gerações, que hoje, vivem em um mundo de constante transformação.”
“Uma instituição que ajuda no desenvolvimento cultural de muitas pessoas, principalmente das pessoas carentes.”

Nota-se no Quadro 6 que as participantes da pesquisa consideram o Centro Livre de Artes como uma instituição que contribui para o desenvolvimento cultural. Ao analisar o agrupamento das respostas percebe-se que, apesar de o ensino no Centro Livre de Artes não ser profissionalizante, tem contribuído para a formação do cidadão goianiense, possibilitando o despertar de diferentes dons artísticos, que poderão influenciar na escolha de futuras profissões, bem como propiciar a formação de apreciadores da arte.

Quadro 7. O Centro Livre de Artes tem desempenhado o papel para o qual foi criado?

“Sim. O Centro Livre de Artes se destaca na cidade de Goiânia e no entorno, cumprindo o seu papel no ensino das artes.”
“Creio que sim. Aliás, na minha época lutei muito pela ampliação do seu espaço físico, tanto é que fiz o resgate de uma sala que era nossa e que se encontrava sob o controle do Museu de Arte de Goiânia.”
“Sim. O Centro Livre de Artes descobre e valoriza novos talentos, que muitas vezes são reconhecidos artisticamente.”
“Acredito que sim, pois todo o seu corpo docente e administradores trabalham procurando cultivar a arte, vivendo numa comunidade de amor. Amor que se cria, que transforma, que constrói e aperfeiçoa.”
“Penso que sim, porque é muito procurada, apesar de ter problemas com o espaço físico e a estrutura.”

Embora as respostas registradas no Quadro 7 apontem que o Centro Livre de Artes tem desempenhado o papel para o qual foi criado, vale ressaltar que em função da expansão da cultura artística em Goiânia, devido ao próprio crescimento e desenvolvimento cultural da cidade e com o surgimento de novas instituições de ensino artístico, houve uma mudança relativa no perfil da clientela atendida pelo Centro Livre de Artes. Atualmente, a instituição atende não somente pessoas mais carentes, mas diferentes classes socioeconômicas, incluindo carentes, classe média-média e classe média alta. Dessa maneira, percebe-se que o Centro Livre de Artes ampliou o seu atendimento à sociedade goianiense, desempenhando um papel para além do que foi criado.

Quadro 8. O que você propõe para o Centro Livre de Artes de modo que ele possa promover maior desenvolvimento cultural da população goianiense?

“O Centro Livre de Artes precisa de mais infra-estrutura, recursos materiais, um espaço físico mais adequado, mais verba municipal.”
“Divulgar mais suas atividades artísticas para a população.”
“Investir mais em projetos culturais que possam torná-lo um centro de referência em arte-educação.”
“Continuar, tendo sempre uma proposta pedagógica mais diferenciada. E apoio, para a execução e sucesso de todas as atividades culturais planejadas.”
“Ampliar o quadro de professores.”

Ao verificar as respostas fornecidas à pergunta mostrada no Quadro 8, percebe-se que as participantes da pesquisa sugeriram que para promover maior desenvolvimento cultural é necessário investir e divulgar mais as atividades artístico-culturais, assim como melhorar a estrutura física e financeira, os recursos materiais e humanos da instituição. A partir destas respostas, verifica-se que há uma conscientização acerca das necessidades atuais do Centro Livre de Artes.

Quadro 9. Como você vê a localização das instalações do Centro Livre de Artes no complexo ambiental e arquitetônico do Bosque dos Buritis?

“Privilegiada. Fazer arte já é muito bom; num lugar em que estamos convivendo com a natureza é melhor ainda.”
“A localização junto ao bosque sempre foi muito saudável, embora o espaço físico não esteja sendo suficiente para as suas acomodações. Sabemos que este prédio não foi projetado para abrigar um centro cultural, mas sim o Hospital do Servidor.”
“É um privilégio para o Centro Livre de Artes e seus usuários o espaço que ocupa no Bosque dos Buritis.”
“A localização é ótima, mas o espaço físico do Centro Livre de Artes deixa a desejar.”
“Fico feliz demais da conta de ter vivido até conhecer essa estrutura que tem hoje.”

Pelo que se pode detectar no Quadro 9, a instalação do Centro Livre de Artes no Bosque dos Buritis é vista de forma saudável, mas ao analisar essas respostas, percebe-se que mesmo sendo um privilégio a instituição ter esta localização, seu espaço físico tem deixado a desejar.

Ao concluir a apresentação das respostas dadas pelos diferentes participantes da pesquisa, verifica-se, a partir da visão dos seus usuários, que o Centro Livre de Artes deixa a desejar quanto a: divulgação das atividades artísticas; estrutura física; recursos materiais; quantidade de horas-aula e de vivência prática dos cursos ministrados; apoio dos administradores governamentais; utilização do Bosque dos Buritis; utilização do Museu de Arte de Goiânia; aspectos do ensino-aprendizagem; e fronteiras da sua ressonância. Nesse sentido, observa-se ser necessário que os administradores municipais, coordenadores e professores da instituição reflitam sobre esses questionamentos, de modo a planejar ações pontuais que possam contribuir para a melhoria das questões em pauta.

Analisando a visão dos participantes sob o prisma dos aspectos positivos, constata-se que o Centro Livre de Artes é uma instituição que favorece o desenvolvimento cultural, porquanto propicia o acesso do cidadão goianiense à aprendizagem artística em diferentes linguagens (música, artes plásticas, artes cênicas e oficinas). Essa vivência artística, em acordo com a visão dos participantes, tem contribuído em sua formação cultural e profissional, assim como para propiciar bem-estar e qualidade de vida a seus usuários. Para eles, o ensino ministrado na instituição influi de maneira positiva nos estados psicológicos, sociológicos, intelectuais e neurológicos de todos os envolvidos com a instituição. Esses valores e significados dados ao Centro Livre de Artes demonstram o seu reconhecimento como agente cultural e socializador.

CONCLUSÃO

Os indivíduos de qualquer sociedade humana estão impossibilitados de dominar todos os aspectos de sua cultura, uma vez que não são igualmente socializados e familiarizados com todos os aspectos de sua sociedade (LEVY JÚNIOR, 1952 apud LARAIA, 1988). Nesse sentido, compreende-se a constante busca do ser humano em aprimorar seus conhecimentos como algo que passa, entre outros canais, pelo da educação. A educação leva o ser humano a refletir sobre si mesmo e, nesta auto-reflexão, descobre-se como um ser inacabado. Na busca da perfeição, o homem descobre que deve ser o sujeito de sua própria educação e não objeto dela. Por isso, para Freire (1983), ninguém educa ninguém. O mesmo autor sustenta que “ninguém educa ninguém como tampouco ninguém se educa sozinho; os homens educam-se em comunhão mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2005, p. 78). Desse modo, entende-se que a educação é de responsabilidade não só da escola, mas também da família e de toda a sociedade. Porém, é atribuído à escola o papel fundamental de transmissão dialógica do conhecimento, como também de socialização, no sentido de engrandecer o indivíduo a partir da dimensão humana.

Sabendo-se que o ser humano necessita de aprendizagens para viver, educar-se e socializar-se, procurou-se neste trabalho investigar como o Centro Livre de Artes tem participado na socialização e na formação cultural do cidadão goianiense enquanto agente mediador de conhecimento e de socialização.

Dentro desse contexto, ao pesquisar a atuação e o significado do Centro Livre de Artes, descrever a sua trajetória e analisar os fatos pertinentes à sua construção histórica e ao seu aperfeiçoamento como agente disseminador de conhecimentos artístico-culturais, percebe-se que o processo educativo proporcionado pela instituição tem levado seus usuários a aplicar sua capacidade intelectual para a aquisição de novos conceitos e habilidades.

A aprendizagem é o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes e valores a partir de seu contato com a realidade, o meio ambiente, a escola e as outras pessoas. Além disso, os processos de aprendizagem são concebidos de formas diferenciadas, o que interfere em seu desenvolvimento biológico, psicológico, intelectual e social (JUNQUEIRA; MENEGHETTI; WASCHOWICZ, 2002). Isto posto, e após vários entendimentos explorados nesta pesquisa, como os de cultura, arte, memória e patrimônio, assim como o conhecimento da historicidade e do processo de atuação do Centro Livre de

Artes no decorrer dos seus 33 anos de atuação, verifica-se que esta instituição tem sido um agente socializador e educador para aqueles que dela usufruem na cidade de Goiânia. Isso se dá na medida em que o Centro Livre de Artes tem possibilitado aprendizagem e informações culturais sobre a arte, favorecendo tanto o desenvolvimento de várias aptidões artísticas no decorrer de sua existência como o cultural.

Os dados levantados na pesquisa apontaram que o Centro Livre de Artes atua na formação cultural e no processo educacional, podendo ser considerado um instrumento inovador e difusor de conhecimentos nestes campos, o que o torna uma referência cultural em Goiânia. Tal condição leva em conta não a feição material e formal da instituição, mas o processo histórico, pesquisando os sentidos e os valores de sua produção, isto é, o papel que ela vem desempenhando na construção de identidades (LONDRES, 1998).

Com base nos sentidos e valores encontrados, afirma-se que o Centro Livre de Artes é uma referência cultural, porquanto os participantes desta pesquisa asseveraram que a instituição oportuniza a alfabetização em diferentes linguagens artísticas, proporciona informações que possibilitam o desenvolvimento cultural, desperta e desenvolve talentos artísticos, favorece a formação de artistas e propicia à sociedade goianiense vários eventos artístico-culturais. Desse modo, percebe-se a importância e o valor do Centro Livre de Artes como um bem cultural, vez que bem cultural é toda ação humana que possui significado cultural, é o resultado da ação do homem, fruto da relação que estabelece com a natureza e com outros homens (MACHADO, 2004), ou seja, tudo que permite ao ser humano conhecer a si mesmo e ao mundo que o rodeia pode ser chamado de bem cultural (ATAIDES; MACHADO; SOUZA, 2006).

Observando-se a historicidade do Centro Livre de Artes, notou-se o seu crescimento no aspecto físico, material, humano e, principalmente, em termos de modalidades artísticas, pois inicialmente a instituição oferecia cursos apenas na linguagem musical e, com o passar dos anos, ampliou seu atendimento à comunidade, oferecendo cursos em diferentes linguagens, como artes plásticas, artes cênicas e oficinas, além de destacar-se como uma das instituições pioneiras no oferecimento de cursos artísticos a pessoas da terceira idade e a pessoas com necessidades educacionais especiais. Nesse contexto, a instituição passou a atender um número cada vez maior de pessoas, comprovando sua participação na formação cultural goianiense.

De acordo com os dados levantados durante o percurso desta pesquisa, os cursos ministrados no Centro Livre de Artes vêm contribuindo de forma positiva na formação

cultural de várias classes sociais, pois sendo uma instituição municipal e cobrando uma taxa simbólica, tem favorecido a inclusão social, possibilitando que diferentes pessoas, sobretudo as de baixa renda, tenham acesso às atividades culturais que ali são oferecidas. Nesse sentido, o Centro Livre de Artes tem oportunizado o desenvolvimento cultural goianiense, vez que, de acordo com Bourdieu (1979 apud SETTON, 2008), o gosto cultural é fruto de um processo educativo, ambientado na família e na escola, as práticas culturais são determinadas, em grande parte, pelas trajetórias educativas e socializadoras dos agentes. Dessa forma, o ensino da arte, em todas as linguagens oferecidas no Centro Livre de Artes (música, artes plásticas, artes cênicas e oficinas), tem possibilitado que seus usuários expressem seus sentimentos de forma criativa, consciente e crítica, favorecendo o maior desenvolvimento cultural daqueles que dele usufruem, além de possibilitar a integração de classes sociais.

No mesmo entendimento, destaca-se também que a instituição tem possibilitado o ensino artístico a todas as pessoas, na medida em que houve a decisão de não aplicar testes de aptidão para o ingresso nos cursos oferecidos. Essa decisão tem possibilitado o ensino artístico a todos os interessados, sem discriminar aqueles que, muitas vezes, não tiveram oportunidade de conhecer ou mesmo de desenvolver habilidades artísticas previamente.

Ao sintetizar os resultados obtidos no Capítulo III, que mostra os resultados da aplicação dos questionários e das entrevistas, pode-se afirmar que a instituição possui tanto aspectos positivos como negativos, sendo os últimos passíveis de correção. Sob a perspectiva dos usuários, para que a instituição possa ter maior participação na formação cultural goianiense, é necessário divulgar mais os trabalhos artísticos realizados na escola. Para isso, segundo os usuários, devem-se utilizar mais os meios de comunicação, como televisão, rádio e Internet, como também ampliar as apresentações e as exposições ao público. Na visão dos usuários, embora a instituição tenha passado por uma reforma em 2004–2005, que promoveu grande melhoria tanto no espaço físico quanto no aspecto visual da escola, ainda há alguns aspectos em sua estrutura e no espaço físico que precisam ser reestruturados, para isto devendo contar com mais apoio dos administradores governamentais. As principais reivindicações dizem respeito à estrutura das salas de dança, das instalações físicas e até do telhado da escola, que necessitam de reparos urgentes, pois têm interferido no bom funcionamento das atividades artísticas da instituição.

Considerando-se as respostas dos usuários em relação ao Museu de Arte de Goiânia e ao Bosque dos Buritis, percebeu-se que os gestores, coordenadores e professores da instituição podem propiciar ações que favoreçam maior conhecimento, integração e

valorização desses patrimônios que, na simbologia de sua espacialidade, contribuem para a definição do próprio Centro Livre de Artes.

Em relação ao ensino-aprendizagem e à vivência artística na instituição, houve por parte dos participantes da pesquisa uma avaliação positiva, porém com algumas restrições. Para eles, o alunado terá maior desenvolvimento em suas atividades artísticas se usufruir de melhores recursos materiais, como: salas de pesquisa com computadores providos de programas específicos da área artística; aulas com aparelhos tecnológicos mais atualizados; ampliação da carga horária semanal de aulas práticas; maior incentivo aos alunos em participar dos projetos artístico-culturais da cidade de Goiânia, assim como em outras cidades. Tais medidas favorecerão tanto o ensino-aprendizagem e a vivência artística dos seus usuários como a ampliação da divulgação e a ressonância da instituição que, segundo os participantes da pesquisa, têm deixado a desejar.

Ao verificar a influência do Centro Livre de Artes na vida dos sujeitos desta pesquisa, percebeu-se que o ensino artístico oferecido pela instituição não somente tem propiciado o desenvolvimento cultural, mas também tem melhorado a autoestima, o bem-estar psicológico, o despertar artístico, a sociabilidade, a cidadania, a valorização da cultura e a possibilidade de profissionalização artística futura. Isto vem confirmar que a arte, elemento constitutivo da identidade do Centro Livre de Artes, se estrutura na fusão dos processos intelectuais e emocionais, pois uma pessoa, ao fazer arte, une conhecimentos, sensibilidade e ação de forma harmoniosa. Assim, pode-se reconhecer a importância do Centro livre de Artes como agente cultural na formação artística goianiense.

Após ter-se constatado o papel do Centro Livre de Artes no processo educativo e na formação artístico-cultural da população goianiense, propõem-se algumas ações que possam contribuir para aumentar sua visibilidade como agente difusor de saberes artísticos, ou mesmo para o enriquecimento artístico-cultural dos envolvidos e da comunidade, tais como:

1) Promover eventos que apoiem, valorizem e difundam as manifestações culturais populares em todas as suas formas de expressão;

2) Criar oficinas de curto prazo de apreciação artística para leigos, tanto na própria instituição como em outros lugares, visando a formação de públicos conscientizados;

3) Proporcionar cursos de história da música popular goiana, com a finalidade de valorizar e conhecer as raízes culturais regionais;

4) Criar encontros com profissionais das áreas de cerâmica e artesanato, visando conhecer, valorizar e divulgar os diferentes saberes e fazeres artísticos;

5) Realizar eventos socioculturais, abordando temas como povos indígenas, consciência negra, folclore, música regional, artes plásticas, artes cênicas, melhor idade, entre outros, de forma a contribuir para o desenvolvimento cultural da comunidade goiana;

6) Proporcionar oficinas de aprendizagens artísticas em outras instituições, tais como escolas regulares de bairros mais descentralizados, visando expandir o acesso à arte e despertar o gosto e o interesse artístico;

7) Formar equipes com os professores graduados em diferentes modalidades artísticas para realizar experiências de criatividade artística em praças, repartições, clubes ou outros lugares públicos;

8) Criar um núcleo de pesquisa, documentação e difusão das manifestações artísticas populares;

9) Proporcionar apresentações que resgatem as manifestações artísticas em extinção;

10) Criar oficinas que estimulem a criatividade artística literária;

11) Realizar concursos e/ou gincanas que estimulem o desenvolvimento e o gosto pela arte;

12) Criar oficinas profissionalizantes para possibilitar aos alunos com necessidades educacionais especiais desenvolver habilidades artísticas visando seu acesso ao mercado de trabalho.

Visto o resgate histórico e o conhecimento sobre como o Centro Livre de Artes tem participado na formação cultural goianiense, pretendeu-se com esta pesquisa e com as ações propostas oferecer subsídios de modo a contribuir para a melhoria da atuação e a ampliação da visibilidade da instituição, assim como dados que possam instigar o prosseguimento deste estudo e a elaboração de novos trabalhos, possibilitando sua expansão como agente cultural.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. B. de. O público e o patrimônio arqueológico: reflexões para a arqueologia pública do Brasil. **Habitus**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 275–296, 2003.

ATAÍDES, J. M. de.; MACHADO, L. A.; SOUZA, M. A. T. de. **Cuidando do patrimônio cultural**. 2. ed. Goiânia: Editora da UCG, 2006.

BERNARDES, G. D. **Construtores de Goiânia**: o cotidiano no mundo do trabalho. 1989. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)–Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1989.

BORGES, M. H. J. **A música e o piano na sociedade goiana (1805–1972)**. Goiânia: FUNAPE, 1998.

BORGES, R. A arte de revelar talentos. **Diário da Manhã**, Goiânia, p. 3, 12 maio 1995.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília-DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm>. Acesso em: 22 fev. 2009.

CANCLINI, N. G. **A socialização da arte**: teoria e prática na América Latina. São Paulo: Cultrix, 1984.

CARDOSO, P. Música na meia-idade. **O Popular**, Goiânia, p. 2, 1º maio 1991.

CENTRO LIVRE DE ARTES. **21 anos despertando emoções**: coletânea de composições – poemas e músicas. Goiânia, 1998.

CORDEIRO, D. (Coord.). **Diretrizes curriculares para o ensino religioso no estado de Goiás**. 2. ed. Goiânia: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Goiás, 2007.

CUNHA, D. F. S. **Patrimônio imaterial**. Rio de Janeiro: Letra Legal, 2004.

DA MATTA, R. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

Diário da Manhã. Despertando vocações. Goiânia, p. 3, 21 nov. 1996.

Diário da Manhã. Goiânia 66 anos. A bênção de arte e da cultura. Goiânia, p. 32, 24 out. 1999.

Diário da Manhã. Raio de Sol canta no Museu de Goiânia. Goiânia, p. 3, 24 jun. 1993.

DIRCEU, S. **Almanaque Abril**. São Paulo: Abril, 1975.

FERREIRA, A. C. **Ensino religioso nas fronteiras da ética**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

FONSECA, M. C. L. Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio. In: IPHAN. **O registro do patrimônio imaterial**: dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial. 4. ed. Brasília, DF: Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, DID, 2006. p. 83–97.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (Coleção Leitura).

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOIÂNIA. Lei nº 7.957, de 6 de janeiro de 2000. Institui incentivo fiscal em favor de pessoas físicas e jurídicas de direito privado, para a realização de projetos culturais. **Diário Oficial de Goiânia**, Goiânia, 6 jan. 2000. Disponível em: <http://www.marketingcultural.com.br/leis/lei7957_go.htm>. Acesso em: 22 maio 2009.

GOIÂNIA. Lei nº 8.146, de 27 de dezembro de 2002. Altera a lei nº 7.957, de 06 de janeiro de 2000, que institui incentivo fiscal em favor de pessoas físicas e jurídicas de direito privado, para a realização de projetos culturais e dá outras providências. **Diário Oficial de Goiânia**, Goiânia, 27 dez. 2002. Disponível em:

<http://www.goiania.go.gov.br/html/temporarios/leiincentivocultura/arquivos/lei_8146_20021227.doc>. Acesso em: 22 maio 2009.

GONÇALVES, J. R. S. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15–36, 2005.

GREENBLATT, S. J. Resonance and wonder. In: KARP, I.; LAVINE, S. D. (Ed.). **Exhibiting cultures: the poetics and politics of museum display**. Washington, DC: Smithsonian Institution, 1991. p. 42–56.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALBWACHS, M. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Édition Albin Michel, 1994. (Original publicado em 1925).

HORTA, M. de L. P.; GRÜNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília, DF: IPHAN. Museu Imperial, 1999.

JANNIBELLI, E. D'A. **A musicalização na escola**. Rio de Janeiro: Poligráfica, 1980.

Jornal da Imprensa. Goiânia, eis o nome. Goiânia, p. 12, 20-26 out. 2002.

JUNQUEIRA, S. R. A.; MENEGHETTI, R. G. K.; WASCHOWICZ, L. A. **Ensino religioso e sua relação pedagógica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

KUPER, A. **Cultura: a visão dos antropólogos**. São Paulo: EDUSC, 2002.

LAMAS, B. S. **As artistas: recortes do feminino no mundo das artes**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LE GOFF, J. **História e memória**. 3. ed. Tradução Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

LIMA, L. M. Um momento da dança em Goiás. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 1, p. 74–78, 1998. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/13/2617>>. Acesso em 30 mar. 2009.

LISBOA, A. Lições de arte e amor à vida. **O Popular**, Goiânia, p. 2, 5 nov. 1992.

LONDRES, C. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 147, p. 185–204, 2001.

LONDRES, M. C. A noção de referência cultural nos trabalhos de inventário. In: MOTTA, L.; SILVA, M. B. R. **Inventários de identificação: um programa da experiência brasileira**. Rio de Janeiro: IPHAN, 1998.

MACHADO, M. B. P. **Educação patrimonial: orientações para professores do ensino fundamental e médio**. Caxias do Sul: Maneco, 2004.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. **Didática do ensino da arte. A língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

MENDONÇA, A. F. de; ROCHA, C. R. R.; NUNES, H. P. **Trabalhos acadêmicos: planejamento, execução e avaliação**. Goiânia: Faculdades Alves Faria, 2008.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7–28, 1993.

O Parlamento. Goiânia 68 anos. Aparecida de Goiânia, p. 5–6, 22–29 out. 2001.

O Popular. Patriotismo cultural. Goiânia, p. 3, 1º set. 1993.

O Popular. Planos sonoros. Goiânia, p. 2, 1º maio 1991.

PINA FILHO, B. W. P. de. **A memória musical de Goiânia**. Goiânia: Kelps, 2002.

PREFEITURA DE GOIÂNIA. **Plano de manejo Bosque dos Buritis**. Goiânia, 2005.

REZENDE, A. Agenda dois. **O Popular**, Goiânia, s.n.p., 3 jul. 1993.

SANTOS, M. S. dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 38, p. 151-165, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000300010&script=sci_arttext>. Acesso em 10 jun. 2009.

SÉ, E. V. G. **Mente na terceira idade**: informações sobre funcionamento da mente na terceira idade e gerontologia. [200?]. Disponível em: <<http://www1.uol.com.br/vyaestelar/mentenaterceiridade.htm>>. Acesso em: 4 jan. 2008.

SETTON, M. da G. J. Uma introdução a Pierre Bourdieu. **CULT**, São Paulo, ed. 128, p. 46–50, 2008.

TASSINARI, A. Sociedades indígenas: introdução ao tema da diversidade cultural. In: SILVA, A. L.; GRUPIONI, L. D. (Org.). **A temática indígena na escola**. Brasília, MEC/MARI/UNESCO, 2004.

VELOSO, M. O fetiche do patrimônio. **Habitus**, Goiânia, v. 4, n. 1, p. 437–454, 2006. Disponível em: <<http://revistas.ucg.br/index.php/habitus/article/viewFile/363/301>>. Acesso em: 22 fev. 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação na pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) em uma pesquisa, conduzida pela pesquisadora responsável Rosângela dos Reis Protásio, que atua na área de Música. Após ler ou escutar atentamente a leitura das orientações a respeito do referido estudo, que constam neste documento, e ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você pode entrar em contato com a pesquisadora responsável, Rosângela dos Reis Protásio pelo telefone (62) 3293-5229. Se houver quaisquer dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você pode entrar em contato com Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Goiás.

Título da pesquisa: **“CENTRO LIVRE DE ARTES: referência cultural goianiense”**.

Este estudo tem como objetivo investigar a atuação e o significado do Centro Livre de Artes por pessoas que se relacionam com ele, de forma direta e indiretamente.

Esta pesquisa será feita por meio de questionários e entrevistas, aplicados aos alunos atuais, professores, coordenadores, diretora atual, ex-diretoras e pioneiras.

A participação no estudo é voluntária, não havendo qualquer pagamento aos participantes ou qualquer risco. Caso resolva desistir da participação, poderá fazer isto a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Os dados obtidos durante esta pesquisa poderão ser usados em forma de dissertação, resumos e/ou artigos científicos publicados em periódicos especializados, com finalidade científica e garantia de total sigilo quanto à identidade dos participantes.

Declaro que, após convenientemente esclarecido(a) pela pesquisadora responsável e de ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Protocolo de Pesquisa.

Nome e assinatura do participante

Nome e assinatura da pesquisadora responsável

Testemunhas:

Nome: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Assinatura: _____

Goiânia, ____ de _____, de 2008

APÊNDICE 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para permissão de participação de crianças e adolescentes na pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Seu(ua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) em uma pesquisa, conduzida pela pesquisadora responsável Rosângela dos Reis Protásio, que atua na área de Música. Após ler ou escutar atentamente a leitura das orientações a respeito do referido estudo, que constam neste documento, e ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você pode entrar em contato com a pesquisadora responsável, Rosângela dos Reis Protásio pelo telefone (62) 3293-5229. Se houver quaisquer dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você pode entrar em contato com Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Goiás.

Título da pesquisa: **“CENTRO LIVRE DE ARTES: referência cultural goianiense”**.

Este estudo tem como objetivo Investigar a atuação e o significado do Centro Livre de Artes por pessoas que se relacionam com ele, de forma direta e indiretamente.

Esta pesquisa será feita por meio de questionários e entrevistas, aplicados aos alunos atuais, professores, coordenadores, diretora atual, ex-diretoras e pioneiras.

A participação no estudo é voluntária, não havendo qualquer pagamento aos participantes ou qualquer risco. Caso seu(ua) filho(a) resolva desistir da participação, poderá fazer isto a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

Os dados obtidos durante esta pesquisa poderão ser usados em forma de dissertação, resumos e/ou artigos científicos publicados em periódicos especializados, com finalidade científica e garantia de total sigilo quanto à identidade dos participantes.

Declaro que, após convenientemente esclarecido(a) pela pesquisadora responsável e de ter entendido o que me foi explicado, consinto que meu(ua) filho(a) participe do presente Protocolo de Pesquisa.

Nome da criança ou do adolescente participante

Nome e assinatura do pai/mãe/responsável pela criança ou adolescente participante

Nome e assinatura da pesquisadora responsável

Testemunhas:

Nome: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Assinatura: _____

Goiânia, ____ de _____, de 2008

APÊNDICE 3 – Entrevistas e relatos de duas pioneiras da criação da Escola de Música do Município José Ricardo de Castro

1. O que motivou a criação de uma escola de música municipal em Goiânia?

a) “Na época, a Secretaria da Educação Municipal abrangia também o Departamento Cultural. Com isso, foram estudadas várias propostas e sugestões para novas conquistas nas áreas culturais. E uma das vencedoras foi a criação de uma escola de música.”

b) “Meu esposo, ao detectar a deficiência musical dos professores e alunos nas atividades cívicas e comemorativas das escolas em que atuava, sentiu a importância de fundar a escola.”

2. Como se deu a sua criação?

a) “Contando com o esforço da professora Nair Stival Pereira, Secretária da Educação, e do professor Osmar Siqueira, Chefe do Departamento de Cultura. E na época, tiveram muito apoio do prefeito Francisco de Castro.”

b) “Através do apoio político do Sr. Prefeito de Goiânia, Francisco de Castro e da Sra. Secretária da Educação e Cultura Nair Stival Pereira.”

3. Houve problemas e impasses para a sua criação? (espaço físico, recursos financeiros do município e de outras fontes, aquisição de artefatos e de instrumentos musicais, contratação de profissionais).

a) “Muitos. Mas, contando com o esforço da equipe da Secretaria da Educação, do prefeito e da maioria dos diretores(as) das escolas municipais, as dificuldades foram sendo vencidas paulatinamente.”

b) “O início foi muito difícil, mas contamos com o apoio da diretora da escola São Domingos, Professora Ilda Naves, que cedeu uma sala para a escola se iniciar.”

4. Em que local a escola de música foi instalada? Quando foi inaugurada? Que nome foi dado a ela?

a) “Na sede do Colégio São Domingos, situado à Rua 242, nº 100, Setor Coimbra, às 15h00 do dia 4 de setembro de 1975. Recebeu o nome de José Ricardo, que era filho do prefeito, falecido em 12 de dezembro de 1974.”

b) “A inauguração se deu às 15h00 do dia 4 do mês de setembro de 1975, na sede do Colégio São Domingos. No início, seu nome era Escola de Música do Município José Ricardo.”

5. Como a escola de música foi estruturada? Quem foi seu primeiro diretor, assessor ou coordenador?

a) “Com muita dificuldade. Mas, contou com a boa vontade, o esforço e a coragem da professora Nair Stival Pereira e do professor Osmar Siqueira. O seu primeiro diretor foi Silas Aquino Lira Gouveia, que era formado em música.”

b) “No início funcionava precariamente, mais na base de conjuntos de violão. Seu primeiro diretor foi Silas Aquino, mas ficou por pouco tempo.”

6. Dentro da linguagem artística (música), quais foram as disciplinas e os instrumentos musicais oferecidos pela escola de música à população de Goiânia? Por que essas disciplinas e instrumentos e não outros?

a) “Enquanto estava funcionando no colégio São Domingos, houve apenas cursos preparatórios. Não me lembro das disciplinas em si. Creio que ficou mais definido após sua transferência para o Setor Universitário. Quanto aos instrumentos, só tinha violão; mesmo assim, cada um levava o seu. Depois da mudança realizada em 1977, a escola foi regulamentada, através da Lei nº. 5.377, de autoria do vereador Pedro Xavier Teixeira, e passou a chamar José Ricardo de Castro, tendo recebido a inauguração oficial e, com isto, melhorando a sua estrutura.”

b) “Depois da criação, já em 1977, a escola passou a ser estruturada com aulas de teoria, canto coral e instrumentos musicais (órgão elétrico, violino) providenciados pela

prefeitura. No Chafariz é que o Osmar fez o quadro de professores que queria, levou para o prefeito e ele assinou; assim foi a contratação dos professores.”

7. Como a escola de música foi divulgada à população de Goiânia?

a) “Foi através dos diretores(as) das escolas da época. A professora Nair, juntamente com o professor Osmar, fizeram várias reuniões, das quais eles saíam sempre mais empolgados pela criação da escola. E para incentivá-los mais ainda, a professora Nair conseguiu, através de padrinhos, a doação de uma bandinha musical para cada escola do município.”

b) “No início, a escola começou atendendo os alunos do Centro Cívico, aquela turminha que queria fazer as festinhas. Mas depois, o Osmar viu que se a estruturasse, ela ia atender a muitas pessoas, principalmente as carentes financeiras.”

8. O número de alunos matriculados no início foi significativo?

a) “No início, nem tanto. Depois, foi crescendo, chegando a um ponto em que as vagas eram disputadas.”

b) “Não muito, mas depois a procura foi aumentando, passando a funcionar de manhã, à tarde e à noite. Quando a escola fechou, tínhamos quase 500 alunos. A escola funcionou de 4 a 5 anos.”

9. Em sua opinião, a escola de música teve ressonância em Goiânia? As atividades desenvolvidas foram significativas para os alunos e para a população em geral? Por que? De que maneira?

a) “Sim. E muito. As atividades desenvolvidas na época contribuíram para uma formação mais sólida e um desenvolvimento maior, principalmente para os alunos mais tímidos. Tudo era executado com muito amor. Com isso, os pais foram se empolgando e nos ajudando muito, como complemento de uma vida cultural.”

b) “Teve uma época que o grupo musical da escola se apresentou até na Pecuária. Quando a escola foi fechada, muitas pessoas ligavam para minha casa perguntando: ‘Professora, a escola não vai voltar?’”

10. A escola de música alcançou os objetivos em sua criação?

a) “Creio que sim. Pais, alunos e professores, contribuíram para que isso acontecesse.”

b) “Sempre procuramos atender a todos. A escola dava aula até no sábado para professores da rede que tinham a necessidade de tocar um violão para a classe e não podiam porque não sabiam.”

APÊNDICE 4 – Questionário aplicado a alunos atuais na categoria adolescentes e adultos

1. Que curso ou oficina você faz no Centro Livre de Artes?

2. Como você conheceu o Centro Livre de Artes?

a) Apresentações artísticas ()

b) Amigos, parentes ()

c) Jornal, rádio, TV ou Internet ()

d) Outro ()

3. Por que você escolheu o Centro Livre de Artes?

a) Variedade de cursos oferecidos ()

b) Qualidade dos profissionais ()

c) Local centralizado, de fácil acesso ()

d) Mensalidade acessível ()

e) Referência cultural ()

4. Como você considera o Centro Livre de Artes?

a) Um centro de formação ()

b) Uma instituição que proporciona em diferentes modalidades de conhecimento artístico ()

c) Um centro cultural ()

5. Por que você escolheu este curso ou oficina no Centro Livre de Artes?

- a) Ampliar seu universo cultural ()
- b) Desenvolver suas habilidades ()
- c) Lazer ()
- d) Terapia ()
- e) Qualificação profissional ()
- f) Melhor socialização e integração ()
- g) Ocupação do tempo ocioso ()
- h) Atualização de conhecimentos ()
- i) Atuação na comunidade (social, religioso) ()

6. O Centro Livre de Artes está atendendo as suas expectativas? Justifique a sua resposta.

- a) Totalmente ()
- b) Parcialmente ()
- c) Não ()
- d) Branco ()

7. O Centro Livre de Artes tem explorado as potencialidades do Bosque dos Buritis em suas atividades artísticas?

- a) Sim ()
- b) Não ()
- c) Branco ()

8. O Centro Livre de Artes tem contribuído no sentido de orientar, preservar e manter as condições naturais do Bosque dos Buritis?

- a) Sim ()
- b) Não ()
- c) Branco ()

9. Você conhece o Museu de Arte de Goiânia?

- a) Sim ()
- b) Não ()
- c) Branco ()

10. Você gostaria de ter atividades integradas ao Museu de Arte de Goiânia?

- a) Sim ()
- b) Não ()
- c) Branco ()

11. O Centro Livre de Artes tem ressonância fora de Goiânia? Justifique a sua resposta.

- a) Sim ()
- b) Não ()
- c) Branco ()

12. Você gostaria de fazer outro curso no Centro Livre de Artes?

- a) Sim ()
- b) Não ()
- c) Branco ()

APÊNDICE 5 – Entrevista aplicada a professores e coordenadores atuais

1. O que é o Centro Livre de Artes para você?

2. Como você considera o ensino–aprendizagem e a vivência artística no Centro Livre de Artes?

3. Qual a contribuição do Centro Livre de Artes na formação cultural da população goianiense?

4. Além de desenvolvimento cultural o que mais o Centro Livre de Artes proporciona à população goianiense?

5. Pode-se falar que o Centro Livre de Artes é uma referência em Goiânia como um bem cultural?

APÊNDICE 6 – Entrevista aplicada à diretora atual e ex-diretoras

1. Como você define o Centro Livre de Artes? Qual sua função?

2. O Centro Livre de Artes tem desempenhado o papel para o qual foi criado?

3. O que você propõe para o Centro Livre de Artes de modo que ele possa promover maior desenvolvimento cultural da população goianiense?

4. Como você vê a localização das instalações do Centro Livre de Artes no complexo ambiental e arquitetônico do Bosque dos Buritis?

APÊNDICE 7 – Diretores do Centro Livre de Artes no período entre 1975 e 2009

Nome	Período de gestão	Formação
Silas Aquino Lira Gouveia	1975	Graduado em música
Joana Mendes da Silva Siqueira	1976 a 1980	Graduada em música
Fernando Costa Filho	1981 a 1983	Graduado em artes plásticas
Samuel Fernando de Castro	1983	Graduado em artes plásticas
Selvo Afonso	1983 a 1985	Graduado em artes plásticas
Zanira Alencastro Veiga	1986	Graduada em música
Ivone Maria Lyra Chaves	1986	Graduada em artes plásticas
Mairone Ferreira Barbosa	1986	Graduada em artes plásticas
Elisabeth Abreu Caldeira Brito	1987 a 1994	Graduada em educação física e psicologia
Eliete Aparecida de Almeida	1994 a 1995	Agente administrativa
Leília de Moraes	1995 a 1997	Graduada em pedagogia
Ana Maria Alvim de Souza	1997	Graduada em psicologia
Ivana Alvarenga da Silva Faria	1998 a 2001	Graduada em enfermagem
Adriana Andraus	2001 a 2003	Graduada em música
Luciana Ribeiro Pinheiro Torres (coordenação geral)	2003	Graduada em educação física
Marisa Careli Gondim (coordenação geral)	2003 a 2004	Graduada em música
Débora Pereira de Moraes Carneiro Marra	2005 a 2009	Graduada em música

APÊNDICE 8 – Prefeitos de Goiânia no período entre 1975 e 2009

Nome	Período de gestão
Francisco de Freitas Castro	21 de março de 1975 a 17 de maio de 1978
Hélio Mauro Umbelino Lôbo	17 de maio de 1978 a 10 de abril de 1979
Daniel Antônio de Oliveira	10 de abril de 1979 a 30 de junho de 1979
Índio do Brasil Artiaga	30 de junho de 1979 a 14 de maio de 1982
Goianésio Ferreira Lucas	17 de maio de 1982 a 14 de março de 1983
Daniel Borges de Campo	15 de março de 1983 a 18 de março de 1983
Nion Albernaz	18 de março de 1983 a 31 de dezembro de 1985
Daniel Antonio de Oliveira	1 de janeiro de 1986 a 26 de março de 1987
Joaquim Domingos Roriz	23 de março de 1987 a 17 de outubro de 1988
Daniel Antonio de Oliveira	19 de outubro de 1988 a 31 de dezembro de 1988
Nion Albernaz	1 de janeiro de 1989 a 31 de dezembro de 1992
Darcy Accorsi	1 de janeiro de 1993 a 31 de dezembro de 1996
Nion Albernaz	1 de janeiro de 1997 a 31 de dezembro de 2000
Pedro Wilson Guimarães	1 de janeiro de 2001 a 31 de dezembro de 2004
Íris Rezende Machado	1 de janeiro de 2005 a 31 de dezembro de 2008
Íris Rezende Machado	1 de janeiro de 2009